



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE ANÁPOLIS – CIÊNCIAS SOCIOECONÔMICAS E
HUMANAS – NELSON DE ABREU JÚNIOR
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* INTERDISCIPLINAR EM
TERRITÓRIOS E EXPRESSÕES CULTURAIS NO CERRADO

VERA LÚCIA GONÇALVES FERREIRA

NO CONTRAPESO DA MODERNIDADE:

A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e o Encontro de Culturas Tradicionais da
Chapada dos Veadeiros, Goiás (2001-2023)

ANÁPOLIS - GO

2025



VERA LÚCIA GONÇALVES FERREIRA

NO CONTRAPESO DA MODERNIDADE:

A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e o Encontro de Culturas Tradicionais da
Chapada dos Veadeiros, Goiás (2001-2023)

Dissertação a ser apresentada ao
Programa de Pós-Graduação Territórios e
Expressões Culturais no Cerrado
(TECCER) da Universidade Estadual de
Goiás, como requisito parcial para a
obtenção do título de Mestre em Ciências
Sociais e Humanidades, na área
interdisciplinar, linha de pesquisa:
Patrimônio e Expressões Culturais no
Cerrado

Orientador: Prof. Dr. Haroldo Reimer

Coorientadora: Prof. Dra. Mary Anne
Vieira Silva

ANÁPOLIS - GO

2025

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, **CsA nº 1087/2019** sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do autor / autora.

Dados da autora

Nome Completo: Vera Lúcia Gonçalves Ferreira

E-mail: verabastosisabely@gmail.com

Dados do trabalho

Título: **NO CONTRAPESO DA MODERNIDADE: A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Goiás (2001-2023).**

(X) Dissertação

Curso/Programa: Mestrado em Ciências Sociais e Humanidades do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais do Cerrado – PPGTECCER/UEG

Concorda com a liberação do documento?

☒ SIM

☐ NÃO

Obs.: Período de embargo é de um ano a partir da data de defesa.

Anápolis, 25 de abril de 2025.

Documento assinado digitalmente
VERA LÚCIA GONÇALVES FERREIRA
Data: 12/05/2025 16:36:39-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Vera Lúcia Gonçalves Ferreira

Assinatura da autora



Haroldo Reimer - Assinatura do orientador

FICHA CATALOGRÁFICA
(será feito pela biblioteca da UEG)

VERA LÚCIA GONÇALVES FERREIRA

Ata de Sessão Pública de Defesa Dissertação de Mestrado

NO CONTRAPESO DA MODERNIDADE:

A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Goiás (2001-2023)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Interdisciplinar em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado da Universidade Estadual de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, na área interdisciplinar, linha de pesquisa: Patrimônio e Expressões Culturais no Cerrado, no dia 25 de março de 2025 para a banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Haroldo Reimer
Presidente e orientador - UEG/TECCER

Prof. Dr. José Henrique Rodrigues Machado
Membro/Externo - IFGoiano, Campus Rio Verde

Profª Drª Mary Anne Vieira Silva
Membro / Interno e coorientadora - UEG/TECCER

Profº. Drº. Eliézer Cardoso de Oliveira
Membro /Interno - UEG/TECCER

Anápolis, 25 de março de 2025.

DEDICATÓRIA

Dedico à minha amada filha Isabely, que, durante esses dois anos de mestrado, tem sido a minha rocha em momentos de nervosismo, ansiedade e apreensões. (- Saiba que meu amor por você é vasto e eterno, transcendendo o infinito). Por essas e muitas outras razões, nossos laços permanecem fortes através do tempo, sustentados por um amor que nunca vacila. Assim se manifesta a relação entre avós, mães e filhas, entrelaçada em afeto, aprendizado e memórias inesquecíveis. Também quero dedicar estas palavras à minha avó Divina, que realmente faz jus ao seu nome. Sou imensamente grato por ela reconhecer a relevância do meu mestrado e da minha pesquisa para a sociedade. Sua trajetória é uma grande fonte de inspiração para mim, e cada lição que me ensinou é um tesouro que guardo com carinho no meu coração. Muito obrigado por tudo! Agradeço por ser meu suporte, minha orientadora e o maior exemplo de integridade que já conheci. Sua generosidade, força e amor são ensinamentos valiosos que levo comigo a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus, Senhor e Salvador da minha vida. E, que me agracia todos os dias com um belo dia e uma nova chance de ser melhor e diferente.

Sou agraciada por ter uma família que me apoia e entendeu minhas ausências em muitas ocasiões. A vocês, meu muito obrigada.

Sou feliz pela existência da Universidade Estadual de Goiás e sua criação do PPGTECCER, pois, foi através deste programa que pude realizar e concluir mais um sonho em minha vida.

Meu muito obrigada a todos os professores e coordenadores e colegas que passaram e fizeram a diferença em uma parte da minha vida, levando um pouco de mim e consecutivamente eu também deixando um pouco de mim em vocês.

O meu agradecimento à CAPES, (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo apoio financeiro à pesquisa. Sem este e outros importantes órgãos que fomentam a pesquisa seria quase impossível a realização destes relevantes trabalhos na pós-graduação *stricto sensu* de nosso país.

Em nome da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e de toda a equipe que trabalha duro o ano inteiro para que o ECTCV e as outras atividades aconteçam em tempo hábil, agradeço imensamente à equipe de comunicação na pessoa de Ana Ferrareze, por me ajudar com todos os documentos, links, livros, sites e todas as informações solicitadas nestas idas e vindas à Vila de São Jorge. Agradeço de coração, sem sua ajuda essa pesquisa não teria acontecido.

Haroldo Reimer, uma figura com presença marcante, a lenda viva da Universidade Estadual de Goiás. Meu orientador e mentor das melhores ideias para a escrita desta pesquisa. Fui surpreendida por sua dedicação e presteza em me orientar. Mesmo sabendo do seu tempo sempre corrido. Não nos encontramos muito, porém, todas as vezes em que solicitei sua ajuda para assuntos diversos relacionado ao mestrado, se mostrou bem presente, mesmo

à distância. Muito obrigada meu alemão (risos) favorito. Devo muito dos conhecimentos de escrita acadêmica a você e sua persistência em querer me ensinar.

Mary Anne Vieira Silva, como expressar minha gratidão por uma coorientadora que esteve ao meu lado durante todo este último ano, recheado de escrita, leituras, momentos de emoção, reformulações e que me acompanha desde a graduação! Você foi, é e sempre será uma figura fundamental na minha trajetória acadêmica, sempre me motivando e inspirando a buscar conhecimento incessantemente. Minha amiga sou muito grata por me apoiar em minha jornada na pós-graduação, mesmo nos dias em que sua saúde não estava tão bem e diante de outros desafios. Obrigada por sua essência e pela relevância que você tem na minha vida.

Eliézer Cardoso de Oliveira de quem tenho uma satisfação imensa em colocar seu nome em meus agradecimentos. Lá no início, em suas aulas esplêndidas e sempre com pontuações e correções certeiras, você visualizou o melhor caminho que minha pesquisa poderia seguir. Muito obrigada mesmo. Suas indicações para leituras foram primordiais, assim como suas ponderações na banca de qualificação. Quando eu crescer, academicamente, quero escrever textos que deixem nos leitores uma vontade de continuar lendo. Seus textos fazem isto conosco. Foi um prazer ter você me apoiando em leituras de fundamental importância.

E, finalmente, me despeço de mais uma etapa concluída em minha vida sob a proteção, a benção, o cuidado e o zelo de Deus para comigo. Até mais adiante.

RESUMO

O estudo aborda a relevância histórica e cultural da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, com foco na preservação das tradições culturais dos povos tradicionais da região. Intitulada “No Contrapeso da Modernidade: A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Goiás (2001-2023)”, permeiam os processos de resistência à Modernidade, destacando a manutenção dos saberes tradicionais durante e após o evento. Os objetivos incluem analisar a importância social e cultural da Casa, a influência da Modernidade sobre as culturas populares e a organização do Encontro de Culturas, que ocorre de 2001 a 2023. A metodologia envolve análise qualitativa, leitura de documentos, pesquisas de campo e observações participantes com organizadores e participantes. A hipótese sugere que o evento, promovido pela Casa de Cultura, é uma forma de resistência cultural, envolvendo a participação de diversos grupos e contribuindo para a transmissão das tradições na sociedade goiana. Além disso, a dissertação destaca a relevância da Casa de Cultura não apenas no Cerrado, mas em todo Brasil, devido à escassez de espaços dedicados à preservação cultural.

Palavras – chave: Casa de Cultura, Povos Tradicionais, Culturas Tradicionais, Modernidade.

ABSTRACT

The study addresses the historical and cultural relevance of the Cavaleiro de Jorge Cultural Center and the Meeting of Traditional Cultures of Chapada dos Veadeiros, focusing on the preservation of the cultural traditions of the traditional peoples of the region. Entitled "In the Counterweight of Modernity: The Cavaleiro de Jorge Cultural Center and the Meeting of Traditional Cultures of Chapada dos Veadeiros, Goiás (2001-2023)", it permeates the processes of resistance to Modernity, highlighting the maintenance of traditional knowledge during and after the event. The objectives include analyzing the social and cultural importance of the House, the influence of Modernity on popular cultures and the organization of the Meeting of Cultures, which takes place from 2001 to 2023. The methodology involves qualitative analysis, reading of documents, field research and participant observations with organizers and participants. The hypothesis suggests that the event, promoted by the Cultural Center, is a form of cultural resistance, involving the participation of diverse groups and contributing to the transmission of traditions in Goiás society. Furthermore, the dissertation highlights the relevance of the Casa de Cultura not only in the Cerrado, but throughout Brazil, due to the scarcity of spaces dedicated to cultural preservation.

Keywords: Cultural Center, Traditional Peoples, Traditional Cultures, Modernity.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AGETUR – Agência de Turismo

ALEGO - Assembleia Legislativa do Estado de Goiás

APA's – Áreas de Proteção Ambientais

CadÚnico – Cadastro Único do Bolsa Família

CCCJ – Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge

CNPCT - Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

CNS - Conselho Nacional da Saúde ou Cartão Nacional de Saúde

ECTCV – Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros

EMBRATUR – Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo

ICMBIO - Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

MDS – Ministério do Desenvolvimento Social

ONG's – Organizações Não Governamentais

PCT's - Povos e Comunidades Tradicionais

PNCV - Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

PNPCT – Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais

RPPN - Reserva Particular do Patrimônio Natural

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

LISTA DE FIGURAS

- Figura 01 - Mapa 1 – Microrregião Goiana da Chapada dos Veadeiros em 2025.
- Figura 02 – Mapa 2 – Localização do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros em Goiás - Brasil
- Figura 03 – Mapa 3 – Localização da área de abrangência do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros
- Figura 04 – Chapada dos Veadeiros - agosto de 2023 - Expedição Cantos e Encantos 1
- Figura 05 – Jardim de Maytree - Chapada dos Veadeiros - agosto de 2023
- Figura 06 – Paralelo 14 - Chapada dos Veadeiros - agosto de 2023
- Figura 07 – Feira de Experiências Sustentáveis do Cerrado
- Figura 08 – Feira de produtos sustentáveis artesanais de quilombolas e indígenas da Chapada dos Veadeiros durante o 23º Encontro de Culturas Tradicionais (2023).
- Figura 09 – Folder do XXIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada
- Figura 10 – Folder do XXIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada
- Figura 11 – Interior da Casa de Culturas Cavaleiro de Jorge – Roda de Prosa
- Figura 12 – Folder do 1º Encontro de Culturas acontecido em 2001
- Figura 13 – Folder do 2º Encontro de Culturas acontecido em 2002
- Figura 14 – Folder do 3º Encontro de Culturas acontecido em 2003
- Figura 15 – Folder do 4º Encontro de Culturas acontecido em 2004
- Figura 16 – Folder do 5º Encontro de Culturas acontecido em 2005
- Figura 17 – Folder do 6º Encontro de Culturas acontecido em 2006
- Figura 18 – Folder do 7º Encontro de Culturas acontecido em 2007
- Figura 19 – Folder do 8º Encontro de Culturas acontecido em 2008
- Figura 20 - Folder do 9º Encontro de Culturas acontecido em 2009
- Figura 21 – Folder do 10º Encontro de Culturas acontecido em 2010
- Figura 22 – Folder do 11º Encontro de Culturas acontecido em 2011
- Figura 23 – Folder do 12º Encontro de Culturas acontecido em 2012
- Figura 24 – Folder do 13º Encontro de Culturas acontecido em 2013
- Figura 25 – Folder do 14º Encontro de Culturas acontecido em 2014
- Figura 26 – Folder do 15º Encontro de Culturas acontecido em 2015
- Figura 27 – Folder do 16º Encontro de Culturas acontecido em 2016
- Figura 28 – Folder do 17º Encontro de Culturas acontecido em 2017
- Figura 29 – Folder do 18º Encontro de Culturas acontecido em 2018
- Figura 30 – Folder do 19º Encontro de Culturas acontecido em 2019
- Figura 31 – Folder do 20º Encontro de Culturas acontecido em 2020
- Figura 32 – Folder do 21º Encontro de Culturas acontecido em 2021
- Figura 33 – Folder do 22º Encontro de Culturas acontecido em 2022
- Figura 34 – Folder do 23º Encontro de Culturas acontecido em 2023
- Figura 35 – Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge
- Figura 36 - Área interna da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1 O ESPAÇO E AS CULTURAS DO LUGAR: UM ESTUDO DA ARTE.....	21
1.1 Cartografia do lugar – Chapada dos Veadeiros.....	21
1.2 Comunidade e culturas do lugar	34
1.3 O Encontro de Culturas Tradicionais.....	40
2 A MODERNIDADE E AS CULTURAS TRADICIONAIS	47
2.1 A Modernidade.....	47
2.2 A Modernidade em Goiás.....	54
2.3 Culturas Tradicionais: um contrapeso?.....	61
3 A CASA DE CULTURAS E O ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS (2001 a 2023)	72
3.1 A Memória dos Encontros.....	72
3.2 Hibridismo cultural: culturas do lugar e culturas fora do lugar	101
3.3 A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge como catalisadora de manifestações culturais e tradicionais.....	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	119
REFERÊNCIAS	123

INTRODUÇÃO

A presente investigação estuda a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (CCCJ) e o Encontro de Culturas Tradicionais que acontece na Chapada dos Veadeiros (ECTCV), esse último ocorre por meio de suas várias edições atraindo públicos nacional e internacional. Dentre seus objetivos destaca-se o intuito de conceber ações de garantia e manutenção dos recursos naturais e culturais do Cerrado, ambos acontecem na Vila de São Jorge, em Alto Paraíso, Goiás. Explanaremos artefatos que compõe culturas sob as mais diversas modalidades, com especial foco na popular, com a presença de gestores públicos, pesquisadores tendo como foco um evento que é pautado pela difusão e valorização da cultura popular e políticas culturais, com a presença de gestores públicos, pesquisadores, produtores, artistas e população local, o evento é pautado na difusão e valorização dessa cultura.

No âmbito da dissertação circunscrevemos um breve debate sobre o conceito de cultura popular, além de perscrutarmos a perspectiva teórica assumida para o *corpus* do estudo. Diante da complexidade do conceito, assente nas ideias de Hall (2013, p.63), concordamos que a cultura popular carrega em si uma ressonância - a própria palavra “popular”, que tem sempre sua base em experiências cotidianas, as tradições, a memórias, os prazeres do povo. A concepção, então seria, a Cultura Popular se define em experiências de pessoas comuns, por esse motivo, o autor diz que cultura popular se associa ao que Bakhtin (2013) chama de “vulgar” – o popular, o informal, o grotesco, o lado inferior.

Quando colocamos o popular nesse campo teórico definido por Hall e Bakhtin inferimos a partir de Clifford Geertz que a Cultura Popular constitui - se pelas experiências cotidianas geridas em um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções para governar o comportamento humano, logo os produtores de culturas, os seres humanos, estão amarrados a teias de significados que eles mesmo tecem, a cultura popular é produzida por essas teias.

Para o estudo em tela, a análise do contexto histórico e cultural e a emergência de se colocar o lugar do evento dentro de uma política cultural eficaz

se fazem preponderantes para deciframos as teias de significações. Nos documentos pesquisados, conseguimos datar que o período do referido Encontro, geralmente acontece no mês de julho e ou meados de agosto. A festividade mescla cultura e preservação ambiental. A Vila de São Jorge, doravante vila, está próxima ao Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros, e ainda, guarda elementos considerados belezas exuberantes e naturais, além de envolver os visitantes em um ambiente de magia interiorana com um pouquinho da cultura advinda do garimpo, anterior a década de 1950.

A vila conta com construções que se ajustam entre o antigo e o moderno. Tal contraste deve-se aos investimentos crescentes com a especulação imobiliária que viabiliza luxuosos empreendimentos nas áreas de hotelaria, bares e restaurantes. Diante da paisagem do local as novas construções sugerem outras investidas teóricas para a construção de um lugar turistificado que entram em contrastes com a beleza natural do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros-GO, a que chamarei aqui de parque.

Tendo em vista os conflitos entre os pequenos produtores, investidores do setor imobiliário, os agentes do poder público e os membros das Comunidades Tradicionais há um fato importante a ser analisado, as políticas que impulsionam as mudanças no local advém desses embates. O planejamento do espaço de forma aparente sugere-se um descontinuo processo que pode excluir algumas singularidades lugar. Algumas questões colaboram para que se possam ser compreendidos esses fenômenos: Quem trabalha nos novos empreendimentos? De que forma os moradores são envolvidos na demanda de especulação? Quem são os novos moradores, e de forma esses se envolvem com a vida cultural do local?

Para tanto, apresentaremos um pouco das características de Vila de São Jorge para aproximar o leitor desse recorte espaço-temporal de pesquisa. Com uma população de aproximadamente 1.000 (um mil) habitantes, o lugar possui posto de saúde, duas igrejas cristãs, centro comunitário, quadra polivalente, escola de ensino fundamental, diversos bares típicos de interior, áreas de *camping*, pousadas, dormitórios, pizzarias e restaurantes de comida caseira. A vila está localizada a uma distância de 220 km do Distrito Federal.

O escopo da pesquisa investiga a importância histórica, cultural e geográfica da região evidenciando a participação efetiva da Casa de Cultura

Cavaleiro de Jorge (CCCJ). Para dialogar com essas possibilidades lançaremos mão de um campo metodológico que centra - se em uma abordagem teórica, a partir de autores que estudam sobre a temática como Aragão (2015), Ferreira (2006), Garcia (2004), Goulart (2020), Oliveira (2015), Sueza (2019) entre outros realizou-se visitas de campo, com questionários diretos e documentações dos setores/agentes no evento, parte centra-se na fundação da Casa e outra sobre o turismo e/ou ecoturismo na área.

Para consubstanciar o estudo revisitamos as normativas legais, a saber: resolução Conselho Nacional da Saúde - CNS n.º 510, de 2016, em seu artigo 2º, XIV, quando adota a definição de pesquisa de opinião pública por meio do entendimento, desta Comissão são pesquisas, sem possibilidade de identificação do participante, logo, não devem ser submetidas à apreciação pelo Sistema CEP/Conep, de como se refere no

Art. 2.º, XIV [...] consulta verbal ou escrita de caráter pontual, realizada por meio de metodologia específica, através da qual o participante, é convidado a expressar sua preferência, avaliação ou o sentido que atribui a temas, atuação de pessoas e organizações, ou a produtos e serviços; sem possibilidade de identificação do participante.

O estudo sobre a CCCJ e o ECTCV, ambos, tornam-se lugares-tempo de convergências e divergências, surgidos em ambientes de trocas de conhecimentos de povos representantes de saberes geracionais. As características estão relacionadas ao desenvolvimento das populações que, ao longo dos anos, se moldaram em seus contextos cultural e histórico, definindo traços sociais e espaciais que se firmaram de maneira única.

Desta forma, é importante destacar que a CCCJ, conforme os documentos pesquisados, tem cuidado de promover a manifestação das culturas tradicionais de maneira continuada, a se comprovar pelos anos ininterruptos de atividades. Contudo, em detrimento da modernidade a cultura tradicional passa a ser vista como “espetáculo”, por serem realizadas fora do seu contexto original, principalmente, por povos originários de várias etnias que são encontrados na região. Ressalta-se que o evento cria interação, descreve o Cerrado, a ancestralidade, as tradições e a cultura de povos “invisíveis”, em meio a ausência de políticas públicas ineficientes e com as transformações sociais.

Os locais reconhecidos no campo desse estudo, a exemplo da Casa de Cultura de Santa Maria, trabalhada por Frota (2013) como sendo um espaço que

agencia atividades artísticas e culturais, ampliando o olhar sobre a diversidade cultural, tombada em 2009 como Patrimônio Histórico e Cultural do Município de Santa Maria (RS). Outra com igual semelhança é a Casa de Cultura de Pernambuco (Casa de Cultura Luiz Gonzaga) inaugurada em 1976, e, muito bem explicitada por Silva (2020) em sua dissertação de mestrado mostrando que o espaço é dedicado à comunidade e à cultura, oferecendo para os integrantes acesso a atividades recreativas, cursos técnicos e especializados além de oportunidades diversas para o artista. Assim como, a Casa de Patrimônio de Ouro Preto (MG), trazida na dissertação trabalhada por Andrade (2017) em que são retratadas, enquanto espaços que promovem a cultura e interação social, locais de saberes não muito divulgados. Portanto, é preciso pontuar que as Casas de Cultura possuem características em comum, ou seja, conforme identificamos, as edificações são concebidas para a conservação e manutenção de práticas tradicionais, em termos de saberes de bens material e imaterial.

A cultura popular (valorização das expressões culturais) no Brasil ganha centralidade nos estudos atuais, em detrimento, dos períodos anteriores, nas décadas de 1950 e 1960, quando frequentemente marginalizadas ou consideradas inferiores em relação à cultura erudita. Nesse período, um novo olhar acadêmico e social começou a emergir, reconhecendo a riqueza e a diversidade das tradições populares, como música, dança, artesanato e festas populares.

Esses circuitos de cultura se expandem novamente nos anos 2000, como respostas parciais das políticas públicas culturais criadas como ações compensatórias de possíveis dissonâncias de valorização/reconhecimento das culturas populares e tradicionais. No estado de Goiás, o ECTCV a cada ano o grupo principal que o organiza procura participar de editais públicos buscando sempre parcerias e fontes de financiamentos junto as empresas e apoio do poder público.

Para que a investigação consiga responder às suas próprias inquietações levantadas e aqui trazidas algumas questões emergem para o diálogo reflexivo com teóricos e os *corpora* da pesquisa: Qual a especificidade do Encontro de Culturas e da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge realizado no Distrito de São Jorge em Goiás? E em que medida o Encontro de Culturas Tradicionais do Cerrado contribui para difusão da cultura e tradição das populações da região?

A se saber a hipótese mensurada e alcançada foi a que, o fato de ser um evento realizado pela CCCJ, as manifestações da cultura popular no Encontro de Culturas, podem ser vistas como uma “cultura de resistência à Modernidade desagregadora”. Assim pôde-se comprovar que o Encontro apresenta - se com fator sintomático dessa desagregação já que se trata de um conjunto de manifestações fora do lugar. A diversidade de grupos presentes no local se faz com as participações de quilombolas, capoeiristas, indígenas e catireiros. Outro fato intrigante é a configuração do ambiente que permeia a ideia de identidade territorial. A inserção dos mesmos fortalece a ideia de paisagem cultural ou amplia o “sentido do lugar”, já que agentes e fatores agem sobre a produção social e cultural das representações territoriais.

Para tantas constituições tivemos como objetivos pensar o Encontro de Culturas como uma forma de resistência, desagregação provocada pela Modernidade, descrevendo a importância da CCCJ, para a manutenção dos saberes tradicionais que acontecem durante o evento e posterior a ele, retratando sua organização e a forma como alcança um público amplo, dentro de um cenário riquíssimo de saberes e cultura no Cerrado.

Para tanto, a dissertação se estrutura, em três capítulos de forma concatenados e subdivididos. O primeiro visa compreender o espaço e as culturas da região, por uma cartografia da Chapada dos Veadeiros destacando as comunidades e a cultura local, além de abordar como ocorre o intercâmbio entre elas. Na primeira seção, um estado da arte do lugar, apresenta a cartografia do local, através de mapas da região, e do local em que acontece o Encontro de Culturas e tornam-se centrais para entender as dinâmicas espaciais imbricadas entre o cultural e o natural. O segundo subtítulo destacamos os povos que vivem na região ressaltando grupos culturais, e o terceiro subtítulo apresenta-se o Encontro de Culturas destacando as programações, em suas várias edições.

No segundo capítulo ocorrem discussões sobre a Modernidade, a chegada da Modernidade em Goiás e a forma como as mudanças foram sendo incorporadas pela população local, as ambiguidades que provocaram rupturas na cultura e na história. Nesse contexto, a CCCJ torna-se *locus* da tradição, de interseccionalidade com o Encontro de Culturas, fomentado por instituições, mas se entrelaçam aos ditos lugares-tempo de “contrapeso a modernidade”, nas

palavras de Berman (1986, p.15) onde se ver “turbilhão de permanente desintegração e mudanças”.

Esse está dividido em três subpartes, as questões se centram respectivamente em pontuar e analisar os processos que garantiram o desenvolvimento da modernidade social e cultural vigente no mundo e a forma como ela chega ao Brasil e se difunde para várias outras regiões até chegar no estado de Goiás buscando desse modo, situar o conceito de Modernidade em contrapeso à própria modernidade, uma vez que as transformações são efetuadas na vida das pessoas, tanto de forma política, quanto econômica, social e cultural.

Já o terceiro capítulo, centra-se em destacar as Casas de Cultura existentes no Brasil, e na importância histórica, cultural e social que a CCCJ possui na região da Chapada dos Veadeiros. Dividido em três subcapítulos, os procedimentos de campo, a saber: resgate da documentação (registros fotográficos, folders, relatórios, questionários) e mapas temáticos foram essenciais para consubstanciar a pesquisa, o caminho metodológico relacionando-se ao intuito de construir dados acerca da CCCJ, enfatizando os enfrentamentos do dia a dia, diante da falta de políticas públicas socioculturais.

Nessa última fase nos anos 2000, eventos, cursos, pesquisas foram um mosaico de forte reconhecimento dos saberes tradicionais e Comunidades que abrigam o contrapeso da Modernidade, no bojo das pesquisas a importância da produção advindas do PPGTECCER. Nesse sentido afirmamos que a própria Modernidade fornece os instrumentos para servir de antídotos aos seus efeitos perniciosos junto a cultura tradicional.

CAPÍTULO 1

O ESPAÇO E AS CULTURAS DO LUGAR: UM ESTUDO DA ARTE

O presente capítulo retrata o espaço e as culturas do lugar através do uso da cartografia da Chapada dos Veadeiros, explicitamos as comunidades e a cultura do local e a forma como ocorre o Encontro de Culturas Tradicionais. Nesse abordamos as formas como a região foi transformada em termos de mudanças do ambiente natural para um lugar turistificado. A partir da ocupação territorial da Chapada dos Veadeiros, os povos tradicionais procuram-se organizar para criar maneiras de resistir as forças culturais modernizantes, esses tornam-se elementos centrais que complementam os tópicos do capítulo.

No capítulo tratamos da construção histórica dessas populações tradicionais ligadas ao processo de lutas e reconhecimento sobre a importância da cultura tradicional, os saberes, e suas formas de subsistência. A discussão permeia pelo mote de que historicamente, as Comunidades Tradicionais foram excluídas, logo, aqueles que permanecem no local visam manter suas tradições, mesmo que as forças globalizantes imponham mudanças.

1.1 CARTOGRAFIA DO LUGAR – CHAPADA DOS VEADEIROS

A Chapada dos Veadeiros apresenta-se no centro-oeste do Brasil como um lugar com especulação turística. É um destino procurado para pessoas que buscam descanso dos grandes centros, contato com a natureza e com as tradições locais, situada em meio ao Cerrado goiano, permeado por cachoeiras e vegetação do bioma. A região tem como principais cidades Alto Paraíso de Goiás e Cavalcante. E, é na Vila de São Jorge, na cidade de Alto Paraíso, área conhecida e situada no “coração do Brasil”, onde acontece o ECTCV.

Em termos de localização geográfica, a Chapada dos Veadeiros está situada no estado de Goiás, na região central do Brasil. Ela abrange uma área de aproximadamente 2.383 km² dada por terrenos elevados no Planalto Central, localizada a uma altitude média de 1.200 metros acima do nível do mar, seu relevo é marcado por serras imponentes, vales profundos, rios sinuosos e formações rochosas únicas. Recursos naturais que promoveram ao longo dos anos a revalorização do espaço, principalmente nas décadas de 80 e 90, quando

ocorrem, segundo Cruz (2003, p.62) “a ampliação da modernização do aparato legal relativo à proteção de ambientes naturais”.

O povoamento efetivo da região aconteceu na década de 1730/1740, onde, segundo I. J. de Oliveira (2008, p.39), a descoberta do ouro, leva a fundação do Arraial de Cavalcante, o autor destaca que a economia era pautada no “dinamismo da economia aurífera”, a partir daí surge as fazendas de criação de gado e de policulturas na região. O intuito dessas novas formas de economia estava voltado para o abastecimento dos mineradores que trabalhavam nas minas de ouro.

Todas essas características engendradas pelo ciclo do ouro geraram ciclos migratórios, pessoas saíam de diversas regiões para fixarem território em Cavalcante. Ali exerciam os mais variados papéis, dentre eles o cultivo de trigo, o que, segundo I. J. de Oliveira 2008, p.39), foi uma atividade produtiva expressiva que durou até meados de 1890, dando origens aos povoados de Moinho e Bom Sucesso.

Para além disso, a região também contou nesse período com a pecuária extensiva, que ganhou força com o declínio do ouro, e se tornou uma fonte econômica ampla e eficaz na região até o período da mineração de cristal, ainda com I. J de Oliveira (2008) a criação de gado era uma importante fonte de renda, na seca ele era levado para os campos da Chapada e utilizados para realizar a pastagem do local. Quanto a mineração do cristal ou quartzo, o autor pontua que a prática surgiu em 1912, no intuito de atender a demanda internacional, tendo em vista o desenvolvimento da indústria.

Característica que proporcionaram uma migração ainda maior para a região, mineiros e baianos foram atraídos pela extração de cristal. I. J. de Oliveira (2008) destaca que o período das duas grandes guerras elevou as vendas, que entraram em declínio na década de 1950. Ainda com o autor, o povoado de São Jorge, surgiu em função dessa atividade, e apenas após o a proibição da prática e a criação do PNCV, que os moradores locais passaram a se dedicar ao turismo.

Assim sendo, o turismo na região surgiu a partir de 1980/1990, ganhando espaço considerável por intermédio das pessoas que iam visitar o PNCV, que com o decorrer dos anos passou a receber milhares de visitantes em busca de conforto e contato com a natureza. Todos esses fatores são possíveis por causa

da acessibilidade que a região ganhou após a construção de Brasília e Goiânia, além da expansão da fronteira agrícola e criação do sistema ferroviário, que favoreceu a circulação interna.

Posto isso, é preciso ressaltar que a Microrregião da Chapada dos Veadeiros é composta por oito municípios, averiguados no Mapa 1: Alto Paraíso de Goiás, Campos Belos, Cavalcante, Colinas do Sul, Monte Alegre de Goiás, Nova Roma, São João D'aliança e Teresina de Goiás, totalizando, cerca de 62.684 mil habitantes, que vivem de forma distinta (Figura 01). Aragão (2015) pontua que essas famílias se dividem em habitações rurais, assentamentos, comunidades quilombolas e terra indígena. Todos esses fatores demonstram a diversidade sociocultural da região e dos povos e comunidades tradicionais (PCT's), que são definidos pela Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) como grupos "culturalmente diferenciados e com formas próprias de organização territorial". Esses povos estão distribuídos pela região da Chapada dos Veadeiros.

Aragão (2015, p.2) pontua que a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (CNPCT), atua desde 2005. Além disso, a autora destaca que, ainda não existe um mapeamento concreto de todos os "povos existentes" além da falta de informações que são um dos inúmeros problemas encontrados e que dificultam o acesso ao básico. Ainda com a Aragão (2015, p.10), a revolução social e cultural que aconteceu na década de 1970 fez com que os povos tradicionais se despertassem para a realidade, ou seja, se abriram para suas origens com olhar diferente, percebendo que são diferentes e iguais ao mesmo tempo. A autora destaca que "esses povos passaram a assumir, eles próprios, o direito de reivindicar, acima de tudo, sua identidade étnica, cultura, econômica e social", passando a ser chamados de população (ações) tradicional.

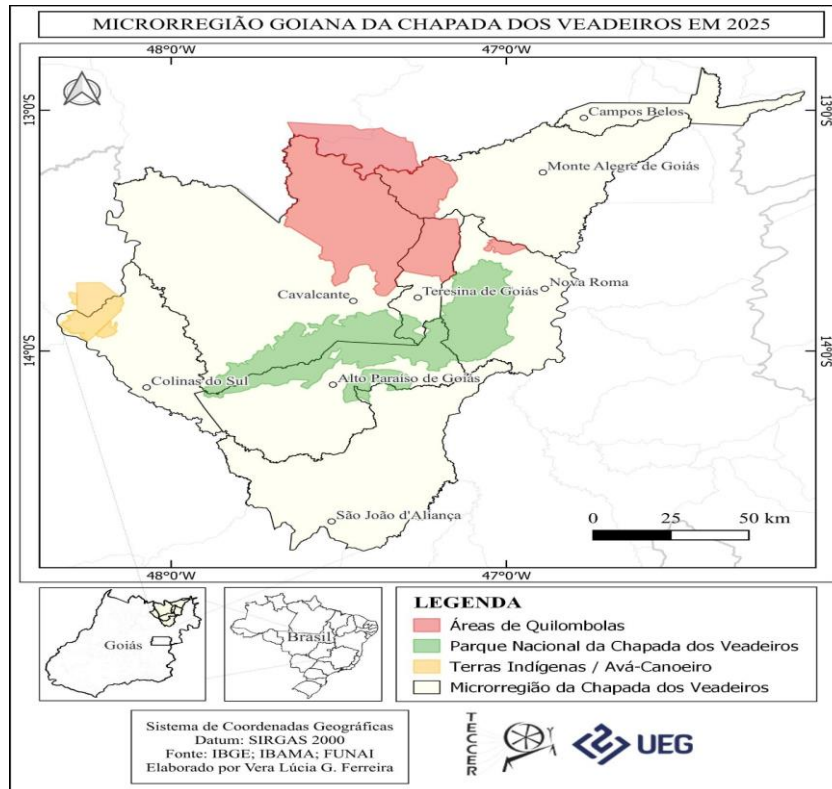


Figura 01 – Mapa 1 – Microrregião Goiana da Chapada dos Veadeiros em 2025.

O termo “população tradicional” foi oficialmente reconhecido pelo governo brasileiro em 2007, ampliando o reconhecimento feito na Constituição de 1988, e se refere a grupos de pessoas que possuem uma cultura diferente da cultura predominante e estão diretamente ligadas ao meio em que elas vivem. Esses grupos incluem indígenas, quilombolas, ribeirinhos, e sua produção é baseada no desenvolvimento sustentável e na manutenção das tradições locais.

As modificações e reconhecimentos por parte do poder público fomentam o acesso das populações tradicionais aos serviços públicos, proporcionando participação em debates e negociações que buscam benefícios e melhoria de vida, além da manutenção de práticas culturais e saberes tradicionais.

Por outro lado, Aragão (2015, p.10) pontua que o I Encontro dos Povos e Comunidades Tradicionais, resultou na criação da (CNPCT). A mesma autora destaca que a criação da Comissão foi importante e engloba líderes locais e políticos que juntos criaram a PNPCT, por intermédio do Decreto de nº 6.040 de 07 fevereiro de 2007. DECRETA:

Art.1º-Fica instituída a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais-PNPCT, na forma do Anexo a este Decreto.

Art.2º Compete à Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais-CNPCT, criada pelo Decreto de 13 de julho de 2006, coordenar a implementação da Política Nacional para o Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais.

Art.3º Para os fins deste Decreto e do seu Anexo compreende-se por:

I-Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II-Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações; e

III-Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

Art.4º Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

As comunidades tradicionais são reconhecidas pelo uso de recursos naturais e manutenção do saber tradicional que é repassado de forma oral, essas comunidades podem ser representadas por “sertanejos, pescadores, quilombolas, indígenas, pantaneiros, comunidades do Cerrado”. A partir do Decreto de nº 6.040, políticas de desenvolvimento e ações foram criadas no intuito de promover a cultura, a religião, ancestralidade, conhecimentos e práticas que fazem parte da tradição, melhorando a qualidade de vida e criando possibilidades para as gerações futuras.

É preciso ressaltar que, as populações tradicionais sofreram com os efeitos das migrações e conflitos pela posse de terra e preservação do ambiente que levaram a reagrupamentos em termos de ocupação, dessas populações em outras regiões. De acordo com Aragão (2015, p.11-12), as populações indígenas resistiram ao domínio do território, e o desaparecimento de diversas etnias se tornou algo inevitável por causa das lutas que foram travadas. Somente a partir da década de 1980 que essas populações voltaram a crescer, contudo, há etnias que infelizmente foram completamente extintas.

Todas essas peculiaridades são resquícios de uma história de lutas, rebeliões, fugas, tanto as populações indígenas quanto as populações africanas lutaram contra o sistema escravagista, a partir daí surge os quilombos, os escravizados fogem para áreas de difíceis acessos e criam grupos consolidados de pessoas que não somente fugiam, mas que também se apropriavam de terras que estavam praticamente falidas. Atualmente a Fundação Palmares afirma existir cerca de 1.500 comunidades quilombolas certificadas, essas comunidades lutam por direitos básicos como acesso a saúde, educação e garantia pela terra que ocupa.

A região da Chapada dos Veadeiros e regiões anexas dos Rios Paranã e Tocantins faz parte da história de Goiás. Bertran (2000) pontua que a rota é um caminho inevitável de migrações que liga “indígenas e colonizadores às quatro partes do Brasil”. Além de tudo, é importante destacar que os moradores da região antes das primeiras bandeiras eram indígenas Avá Canoeiros e Crixás.

Os arraiais na região da Chapada, surgiram a partir da chegada dos bandeirantes trouxeram consigo escravos africanos, que com o duro trabalho nas minas fugiam para o vão das serras e formavam suas comunidades. Para fugir do sistema escravagista eles se fixavam em regiões isoladas, como é o

caso da Comunidade Kalunga situada no norte do município de Cavalcante. Aragão (2015, p.25) ressalta que as comunidades indígenas e quilombolas existentes na região hoje, fazem parte de todo o processo histórico e cultural de ocupação da região.

Características que formam as marcas da região e das pessoas que nela habitam, contudo é importante pontuar que muitas etnias foram extintas, além da redução do território dos Avá Canoeiro, que hoje se encontram na região de Colinas do Sul e Minaçu.

A Comunidade Tradicional Indígena dos Avá Canoeiro situada próxima ao PNCV, possui cerca de 5 ou 6 indígenas, que colocam em questão o risco elevado de extinção. De acordo com Aragão (2015, p.27-28) a tribo fala a língua Avá Canoeiro, são pertencentes à família Tupi-Guarani, do tronco Tupi, e são adaptadas às condições naturais do Cerrado, atualmente existem dois grupos, um permanece na bacia do Rio Tocantins e a outra nas margens do Rio Araguaia na Ilha do Bananal.

A notável diversidade natural também se mescla culturalmente, aos diversos grupos locais, torna-se uma representação da natureza e das etnias que ali permanecem com suas variadas práticas de trabalho e de preservação cultural e ambiental. Sueza (2019) aponta que, o Encontro tanto se coloca como espaço de promoção de visibilidade e fortalecimento das tradições populares, quanto impulsiona efeitos de âmbitos ligados a sustentabilidade sociais/ambientais para a região, sobretudo a partir da ideia de “pertencimentos cultural e identitário” das comunidades locais.

Posto isso, o mundo cultural na contemporaneidade é considerado um mosaico de ideias e representações espaciais, representações que entram em diálogo com o espaço, cultura e com as relações políticas de apropriações. Ao remontarmos aos constructos da cartografia, representar é um caminho que sempre articula o real e o imaginário. Nas palavras de Filizola (2022, p.379) a ideia de que “a cartografia é uma cultura, a cultura do espaço que vai para além da materialidade, porque esse é vinculado à consciência”.

Mesmo sendo fruto de mentalidades que se prendem a geometricidade, a Cartografia edificada nessa perspectiva é bastante questionada pelas visões que abordam o uso dos mapas como metodologias de representação de vivências diretas, ligadas a experiência. Ainda segundo o autor mencionado, o “mapa não

é o território, mas o precede" (Filizola, 2022, p.380). Desse modo, primeiramente, a região da Chapada dos Veadeiros torna-se uma demarcação polissêmica em termos naturais, políticos, turísticos e culturais, e em segundo o Encontro demarca à objetividade em busca de resultados práticos ou utilitários para as comunidades locais e a riqueza natural.

Ao retratar a cartografia do lugar, levamos em consideração a importância dos mapas na comunicação humana, I. J. de Oliveira (2007, p 11) destaca que os mapas são uma forma de escrita antiga que demonstra "a observação do espaço habitado e conhecido pela humanidade", fatores que mostram o interesse do homem em relação à segurança, deslocamentos, domínio de territórios, no intuito de construir algo novo melhorando sua condição de vida. Ainda com o autor:

Na sistematização da produção de conhecimentos, a descrição dos lugares deu origem a uma ciência, a Geografia. Entre os gregos da antiguidade (e mesmo entre os povos), a Geografia, como o próprio nome indica, compunha os saberes ligados à "escrita da terra", ou seja, os relatos verbais, orais ou escritos, e as imagens (desenhos, mapas) acerca das diferenças e semelhanças entre os diversos lugares. Essa etapa inicial evolui, naturalmente, para a necessidade da compreensão e explicação dessas diferenças (Oliveira, 2008, p.11).

É de suma importância o conhecimento sobre o território, e a cartografia através dos mapas proporciona com maestria dados que demonstram a geografia local, que pode ser visualizada e compreendida. Segundo I. J. de Oliveira (2008) na cultura ocidental, a produção dos mapas "e mesmo seu consumo" sempre esteve diretamente ligado ao Estado, eram tidos como objetos de poder atrelados à ideia de domínio sobre o território.

Os mapas, até meados do século XIX, eram estruturados com base em características militares, pautados em estratégias governamentais, o controle sobre eles era rigoroso, entretanto a cartografia avançou e passou a ser utilizada pela comunidade acadêmica, elevando sua área de aplicação, como é o caso da cartografia de turismo. Segundo I. J. de Oliveira (2008, p. 12) o turismo é "prática sociocultural" que está diretamente ligada a busca por conhecer novos lugares, as pessoas se deslocam a procura de lazer, aventura. Ainda com o autor, muitos geógrafos acreditam que a prática do turismo está diretamente ligada ao

consumo, estando vinculada ao mercado que “busca vender ao visitante uma imagem agradável”, deste modo compreende-se que o lugar se torna um produto.

Ademais, os mapas turísticos retratam a diversidade do lugar, informam atrativos, revela elementos que proporcionam um vislumbre maior daquilo que o visitante almeja conhecer. Logo, Cruz (2003) pontua que a diversidade natural dos ambientes brasileiros faz do Brasil um país com potencial para as práticas de turismo de natureza, e mais especificamente a Chapada dos Veadeiros, na Vila de São Jorge em Alto Paraíso, por estar situada na entrada do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (PNCV) como demonstra a Figuras 02 e 03.

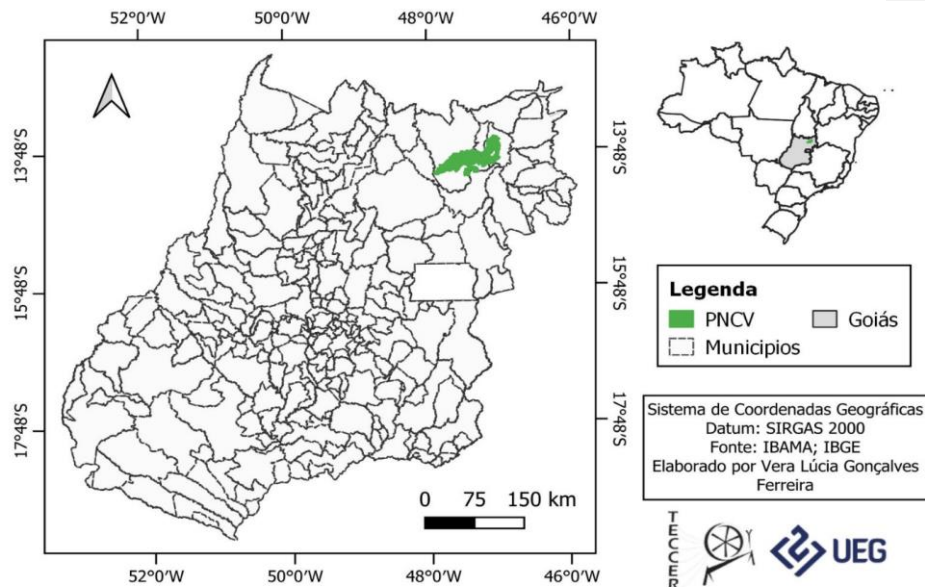


Figura 02 - Mapa 2: Localização do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros em Goiás - Brasil

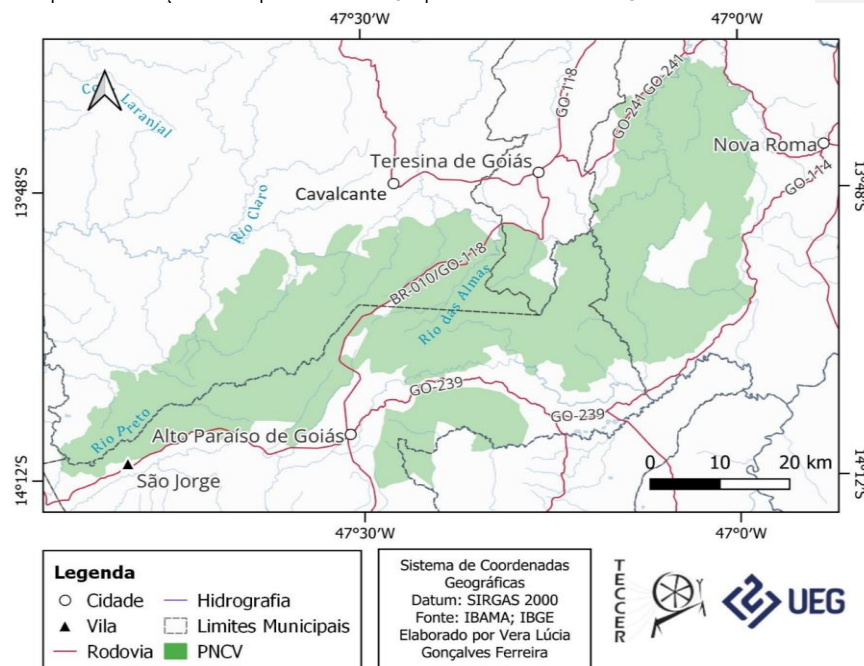


Figura 03 - Mapa 3. Localização da área de abrangência do Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros

A região da Chapada dos Veadeiros possui uma vasta extensão que se estende no noroeste goiano em formato irregular, abrangem os municípios de São João da Aliança, Alto Paraíso de Goiás, Colinas do Sul, Cavalcante, Teresina de Goiás, incorporando, segundo I. J. de Oliveira (2008, p. 37), “os relevos mais elevados da região central do Brasil, com alguns segmentos ultrapassando os 1.600m de altitude”. A área em questão não é composta apenas por “morfologia contínua”, possuem também grandes extensões de relevo, vales esculpidos pelos rios, ribeirões e córregos que segundo o mesmo autor estão em sua maioria instalados sobre “antigas falhas”.

Também conhecida como santuário ecológico, mosaico de *habitats* constituída de diversidade de fauna e de flora endêmicas, muitas delas ameaçadas de extinção. As paisagens que compõem os sentidos da arte dos territórios cobertos por esses ecossistemas estão protegidas por lei, na forma de unidades de conservação, tais como parques, reservas florestais, estações ecológicas, áreas de proteção ambiental¹ e áreas naturais tombadas – Áreas de Proteção Ambientais - APAs, de âmbito Federal, Estadual e Municipal, ou, ainda, de Reservas Particulares de Patrimônio Natural – RPPNs, (Cruz, 2003, p.63).

Ainda com Cruz (2003, p.63) cada área citada possui um modelo de gestão diferente, a estruturação desses espaços está diretamente ligada às finalidades das atividades desenvolvidas no local, a saber: lazer, uso misto das Estações Ecológicas e outras, como mostram nas figuras 3, 4 e 5. Os Parques (nacionais, estaduais e municipais) segundo as orientações de usos são regulados por meio da “proibição da exploração de recursos naturais, dispõem, em grande parte dos casos, de áreas destinadas à visitação, em geral, as áreas abertas à visitação são restritas de seu território e essas podem ser controladas de modo a evitar impactos ambientais”.

1 Estações Ecológicas são “reconhecidas como unidades de conservação de proteção integral e abertas apenas à realização de pesquisas científicas; a visitação pública somente é permitida com objetivos educacionais e carecem de autorização prévia do Ibama”. Além disso, as “áreas Naturais Tombadas correspondem a acidentes geográficos, como cachoeiras, morros, grutas, entre outros, uma vez tombados, esses, passam a ter seus usos restritos, buscando-se sempre sua preservação; a visitação é permitida, mas controlada” é o caso da referida Chapada (Cruz, 2003, p.64).

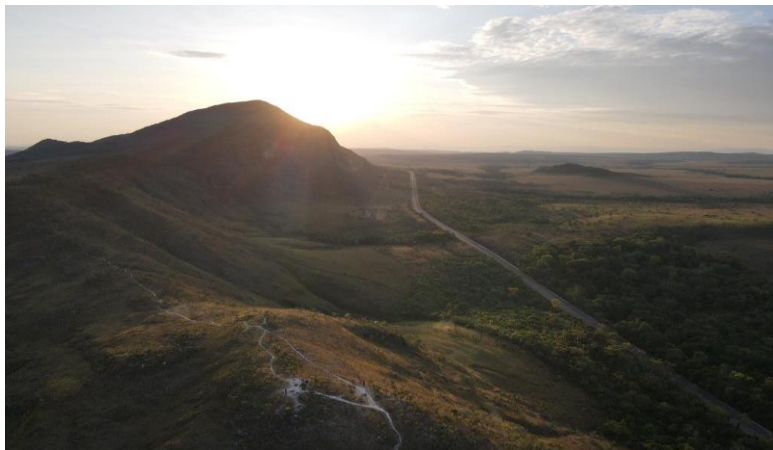


Figura 04: Chapada dos Veadeiros - agosto de 2023 - Expedição Cantos e Encantos 1
Fonte: Grupo da Expedição Cantos e Encantos via drone.



Figura 05: Jardim de Maytrea - Chapada dos Veadeiros - agosto de 2023
Fonte: Grupo da Expedição Cantos e Encantos via drone.



Figura 06: Paralelo 14 - Chapada dos Veadeiros - agosto de 2023
 Fonte: Grupo da Expedição Cantos e Encantos via drone.

As imagens apresentadas são ilustrações que possibilitam perceber o relevo com um dos fatores preponderante para as dificuldades enfrentadas a fim de ampliar a incorporação da região à modernização agrícola e a pecuária, a dificuldade de acesso favorece para a Região vir-a-ser uma espécie de santuário ecológico e refúgio para as populações isoladas. Logo, os ambientes apontados da Chapada dos Veadeiros guardam sensibilidades de culturas. No que tange o assunto ECTCV será abordado mais adiante, aclara-se que esse foi reconhecido como Patrimônio Imaterial do Estado de Goiás, segundo a Lei Estadual nº 22.007 desde 13 de junho de 2023.

Dispõe sobre o reconhecimento do bem imaterial que especifica como patrimônio cultural goiano. A ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DE GOIÁS, nos termos do art. 10 da Constituição Estadual, decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º O Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros fica reconhecido como patrimônio cultural imaterial goiano.

Art. 2º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

A paisagem presente nas figuras demonstra a formação geológica e

geomorfológica presentes na região da Chapada dos Veadeiros a milhares de anos, atualmente o cenário natural é composto por chapadas, vales, paredes de cristais, I. J. de Oliveira (2008, p.36) aponta ainda, que essas características formaram um Cerrado rupestre, “com espécies típicas de grandes altitudes compondo nichos ecológicos ligados a solos rasos, pedregosos – ou muitas vezes, instalados na própria rocha”.

Todas essas características somadas a área de visitação do Parque Nacional, se tornam atrativo para visitantes, o espaço é composto por trilhas que levam aos canyons e às cachoeiras lindíssimas, nos arredores da Vila de São Jorge, existem segundo Domiciano *et al.* (2012, p.180) cerca de “20 atrativos, entre cachoeiras e corredeiras, que variam de 3 a 150 m de altura”, ainda com os autores essas quedas d’água estão em propriedades particulares que:

se destacam as cachoeiras do Vale da Lua e a do Raizama. Todos esses turistas, invariavelmente, passam pelo Distrito de São Jorge que, de acordo com a administração local, possui 28 pousadas, 15 áreas de camping e residências que alugam parte de suas dependências para alojamento das pessoas (Domiciano *et al.*, 2012, p.180).

Todas as características listadas fazem parte de uma extensão natural importante para a manutenção do Cerrado goiano com todas as suas particularidades, com a vegetação extensa, fitofisionomias campestre, como campo sujo e rupestre, áreas de Cerrado arbóreo. Deste modo, o espaço representa a maior área de preservação ambiental nativa contínua do estado goiano, ressaltando a importância de preservação natural e social, levando em consideração que a conservação tradicional e cultural está diretamente ligada ao meio ambiente.

A importância da região da Chapada dos Veadeiros atualmente é reconhecida pela UNESCO, que atribuiu a Chapada dos Veadeiros o título de Patrimônio Natural da Humanidade – Áreas de Reserva do Cerrado, fator esse que ressalta a necessidade da presença do Estado, no intuito de promover a conservação do Parque, das paisagens naturais, cultura e tradição. Ao cumprir seu papel, o Estado proporciona a manutenção e a preservação não apenas das unidades de conservação particulares ou públicas. Ele fomenta o

desenvolvimento cultural, social e a manutenção das tradições locais que são repassadas de geração em geração pelas comunidades que compõem o espaço.

A região da Chapada dos Veadeiros entre as décadas de 1950 e 1960 foi alvo das medidas de uso e ocupação territoriais impostas por políticas desenvolvimentistas e ações dos capitais internacionais financeirizados, o conjunto dessas foi conhecido no Brasil como o pacote da “Revolução Verde”. Dentre as medidas fortaleceu-se na região, o avanço do agronegócio, por meio de fortes investimentos do intuito de expandir a fronteira agrícola. A região encontra-se em um “polígono regido por instrumentos jurídicos necessários para coibir ações predatórias dos recursos naturais”, França e Martins, (2020).

Ainda que as medidas de proteção ocorressem na região já se vê conflitos gerados por interesses divergentes entre os atores que produzem o território em tela. Na Região da Chapada dos Veadeiros os atores vigentes no que tange as questões econômicas em termos de conflitos são 1) os pequenos produtores rurais; 2) as comunidades tradicionais dois setores bastante prejudicados, uma vez que sofrem pressões dos gigantes do agronegócio

1.2 COMUNIDADES E CULTURA DO LUGAR

As comunidades tradicionais na região da Chapada dos Veadeiros, existentes contam com a presença das comunidades Quilombolas, os Kalunga, por exemplo, sua história na região começou com o ciclo do ouro. Os ex-escravos fixavam moradia no “relevo acidentado da Chapada dos Veadeiros”, e ali formavam os primeiros quilombos, isso fez com que a população fosse crescendo, casando-se entre si e com as tribos indígenas. Aragão (2015, p.29) descreve que possivelmente se casaram com “índios Goya, Crixás e Avá Canoeiro” que na época existiam em maiores quantidades e todas essas características transformaram os Kalunga em comunidade, vivendo de forma isolada, se alimentando da agricultura de subsistência, apenas na década de 1990, as terras foram doadas de forma legal e o povo Kalunga passou a ter direitos e reconhecimento por parte do governo.

Os Kalunga foram o primeiro remanescente de quilombo a obter

tal conquista prevista na Constituição, assim como o reconhecimento de cidadania e direito à expressão cultural. Em 1995, o governo goiano demarcou uma área com cerca de 200 mil ha e, cinco anos mais tarde, o Governo Federal emitiu o Título de Reconhecimento de Domínio sobre a Área do Sítio Histórico e Patrimônio Cultural Kalunga. Hoje, o território Kalunga faz divisa com o estado de Tocantins, abrangendo cerca de 253 mil hectares dentro dos municípios de Cavalcante, Monte Alegre, Teresina de Goiás. Existem quatro núcleos principais de população: o Vão de Almas, o Vão de Moleque, o Ribeirão dos Bois e o Engenho (Aragão 2015, p.29 *apud* ICMBIO 2009).

Além da Comunidade Quilombola Kalunga, existem outras comunidades certificadas na região da Chapada dos Veadeiros, Aragão pontua que a Fundação Palmares, reconheceu as comunidades existentes na região de Campos Belos – Comunidades Brejão e Taquarassu, em Colinas do Sul – Comunidade José Coletto, Monte Alegre - Comunidade Pelotas, Nova Roma – Comunidade Magalhães e São João d’Aliança – Comunidade Forte. Ainda com a autora, é possível compreender uma deficiência no levantamento realizado pela Fundação Palmares, tendo em vista que o número de comunidades remanescentes é bem maior, esse fator prejudica ações públicas realizadas pelo Ministério de Desenvolvimento Social (MDS), que precisa conhecer as comunidades para colocar seus membros no Cadastro Único do Bolsa Família (CadÚnico).

Outras comunidades podem ser encontradas na região, como a comunidade tradicional de pescadores artesanais, que possuem uma estrutura voltada para o desenvolvimento sustentável, são pescadores autônomos ou em regime familiar, ou seja, seus conhecimentos sobre pesca são utilizados e repassados de geração em geração. Além do mais, utilizam recursos próprios e naturais para a pesca e uso de embarcações de pequeno porte.

A Comunidade Tradicional Cigana possuiu uma longa história no Brasil. Acredita-se que os ciganos adentraram a região através dos senhores de escravos, que acreditavam nas “fortes simpatias e orações” para trazer o “negro fugido de volta”, embora a igreja e o Estado da época descrevessem de forma pejorativa esse povo tradicional. Os Ciganos se dispersaram pelo país ao longo dos anos. De acordo com Aragão (2015, p.36), existem atualmente 291 acampamentos ciganos dispersos em regiões como “Minas Gerais, Bahia,

Goiás”.

Dentre as comunidades ciganas encontradas em Goiás, a etnia Calon, localizada em Campos Belos, no município da Chapada dos Veadeiros, Campos Belos passou por um processo migratório e se instalou em Cavalcante, de acordo com Aragão essas famílias ainda vivem de processos migratórios e para sobreviver trabalham como “ambulantes”. Um fator de destaque se dá pelo fato de que dentre todas as comunidades tradicionais existentes na região, a Comunidade Cigana é que mais passa por situações de necessidade, esse fator contribui com a cultura e manutenção da tradição, por tanto a comunidade necessita de cuidados e leis que fomentem seu desenvolvimento para que sua tradição seja repassada para futuras gerações.

A Comunidade Tradicional do Cerrado é caracterizada pelas atividades extrativistas e de agricultura familiar, baseando-se na sustentabilidade. Aragão (2015, p.37) afirma que na Chapada dos Veadeiros essas comunidades são denominadas como “Comunidade Sertão”, e, estão situadas nas bordas da Serra Geral do Paranã e entre os Vales do Rio São Bartolomeu e Macaco, sendo uma das áreas mais férteis da região. São meeiros, vaqueiros, pequenos produtores, que possuem pequenas porções de terra mantendo uma cultura centenária de sobrevivência e manutenção do Cerrado.

Além da Comunidade Sertão, existe a Comunidade de Vila Borba situada em Colinas do Sul, onde os habitantes vivem de forma tradicional, possuem conhecimentos sobre plantas nativas, hábitos, costumes, valores e ideologias tradicionais. Todos esses pontos mostram a diversidade cultural existente na vasta extensão da Chapada dos Veadeiros, o desenvolvimento rural, a vida do homem no campo, a manutenção de práticas centenárias que vem sendo repassado ano após ano, todos esses fatores elevam a importância da preservação das comunidades tradicionais.

A construção histórica dessas populações tradicionais ligadas ao processo de lutas e reconhecimento permite a reflexão sobre a importância da cultura tradicional, os saberes, a forma como se agrupam e criam mecanismos de subsistência. Cada comunidade apresenta um arranjo cultural estabelecido dentro de suas tradições, apresentando traços em comum, como é o caso das práticas produtivas e vivência no Cerrado, fator que determina a eminente preocupação com esses povos, que vivem de forma tradicional, repassando

saber e cultura de geração em geração.

Dentro dessa narrativa, Saraiva e Cruz (2014, p.2) pontuam que as Comunidades Tradicionais foram “historicamente excluídas e pretendeu-se que seu conhecimento fosse esquecido”. Contudo, essas comunidades, mesmo as que vivem de forma mais isolada, conseguiram sobreviver e manter seu vínculo com o “meio rural”. A manutenção da identidade tradicional segundo os autores (Saraiva e Cruz 2014, p.2-3; Sá, 2010) é “uma estratégia para a condição de permanência no território”, ou seja:

A identidade se constrói no e com o território e esse aspecto é bastante reforçado por esses grupos na coleta de dados realizada. Para as comunidades tradicionais não é possível ser tradicional sem território. O território é fundamental para a reprodução do vínculo com a natureza, interação de forma cuidadosa com o meio ambiente, usufruindo apenas o que é necessário para a sua sobrevivência. Atributos que fazem parte da cultura e da identidade, experiência essa que está agregada ao saber, Saraiva e Cruz (2014, p.3) destacam que “a natureza do Cerrado ao ser transformado por essas comunidades em produtos (bens da natureza) requer o manejo adequado (da fauna, da flora e das águas)”, criando uma maneira justa de sobrevivência.

Os saberes tradicionais, os fazeres, estão diretamente ligados a biodiversidade do Cerrado, como mecanismo de construção histórica do indivíduo e o meio em que ele está inserido. E, as comunidades tradicionais utilizam desses meios para manter suas práticas disseminando conhecimento para seus descendentes perpetuando sua cultura. Mesmo diante de muitas lutas e enfrentamentos com relação ao retardo de atendimento em políticas de preservação que ainda carecem de efetividade, as comunidades mantêm sua cultura, tradição e preservação do meio ambiente.

Todos esses valores e conhecimentos sobre a “fauna, flora, águas, rios, paisagens se dão a partir do território” Saraiva e Cruz (2014, p.3). Os autores afirmam que esses traços permitem reconhecer a existência “da sociobiodiversidade” na Chapada dos Veadeiros. Outrora é importante destacar que essas sociedades criam com seu trabalho e conhecimento produtos naturais como “sabão, geleia, remédios caseiros, enfim, os autores pontuam que a elaboração artesanal:

perpassa os princípios da economia solidária ambiental: produção local e familiar, cooperativismo, respeito à natureza, autogestão,

criatividade, garantia de trabalho e renda, participação em mercados alternativos (como feiras) ou formação de empreendimentos familiares que permitem a venda dos produtos (Saraiva e Cruz, 2014, p.3).

Esses aspectos culturais podem ser vislumbrados facilmente, em visita a Chapada dos Veadeiros, mais precisamente na região da Vila de São Jorge, identificamos que as farmácias populares, as feiras locais (como mostra a figura 6 e 7) atribuem a região um caráter voltado para o saber tradicional. É possível compreender que as comunidades trabalham em conjunto e estão pautadas em valores sustentáveis, são capazes de criar renda e mecanismos de subsistência ao mesmo tempo em que cuidam e preservam o meio ambiente.



Figura 07: Feira de Experiências Sustentáveis do Cerrado – julho de 2024 – XXIV Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros.

Disponível no Instagram da Casa de Culturas - @casadeculturacavaleirodejorge julho 2024.



Figura 08: Ao fundo a Feira de produtos sustentáveis artesanais de quilombolas e indígenas da Chapada dos Veadeiros durante o 23º Encontro de Culturas Tradicionais (2023).

Fonte: Arquivo Pessoal.

Ao percebermos a troca de conhecimento dessas comunidades, concluímos que existe uma grande necessidade de preservar o que vem se perdendo ao longo dos anos. Existe todo um manejo, prática de plantio e colheita, pesca, que são características dessas comunidades, e que estão se perdendo. E, que precisam ser documentadas, historiadas e fortalecidas com tais ações de registro, como parte colaborativa das pesquisas e poder público, da cultura e da história local, que pode ser repassada não apenas para a comunidade local, mas, difundida para a comunidade turística que frequenta a região, bem como para a comunidade acadêmica.

Por isso, essas trocas de experiências entre os grupos tradicionais e não tradicionais estão sendo fomentadas pelo ECTCV, através da CCCJ. O evento destaca por intermédio de debates a importância em difundir o conhecimento tradicional, os valores e a cultura local, permitindo acessibilidade tanto das comunidades locais, como de políticos, acadêmicos, artistas e turistas que estão em busca de saber.

Entretanto, as atuações dos novos sujeitos presentes na Chapada promovem a adesão aos modos ditos modernos que vão ao longo dos anos misturando-se aos modos de vida e moradores do lugar. Esses grupos se adaptaram às novas propostas, atualmente se organizam em Organizações Não Governamentais (ONGs), associações coletivas, espaços de cultura, festivais. Goulart (2020) destaca que ao aderir esses novos meios se constrói um diálogo

maior. Essa construção desenvolve ações efetivas, tendo em vista que esses grupos passam a frequentar novos espaços criando vivências, gravando suas músicas, participando de seminários, mostrando sua arte em outras esferas.

Com essa nova roupagem os artistas por intermédio da produção cultural conseguem captar recursos públicos e privados idealizando melhor seus projetos, Goulart (2020, p.150), destaca que os “produtores culturais passam a ser sujeitos centrais na manutenção e mediação desse circuito”. Cabe ao produtor cultural a criação de todo mecanismo que possibilite a expansão e potencialização do circuito cultural, que vem se constituindo ao longo dos anos e ganhando espaço, nesse sentido pode ser inserido no contexto de Patrimônio Imaterial pois abrange diversos tipos de comunidades.

O fato é que a região da Chapada dos Veadeiros possui diversidade cultural ampla, que necessita de programas específicos. As políticas públicas nesse âmbito precisam dialogar com o poder público sendo efetivas, nesse caso Goulart (2020, p.150) afirma que para que isso ocorra é necessário a criação de encontros de culturas, como é o caso do ECTCV, que mesmo ocorrendo de forma tardia, promove interação, estímulo, valorização e difusão das culturas tradicionais.

1.3 O ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS

Expressões e manifestações da cultura popular, ou seja, as experiências cotidianas implicadas em teias de significações (Geertz 2008) precisam de valorização, a diversidade ampla da tradição carece de políticas de desenvolvimento, não apenas nas comunidades de origem, mas para além delas. As festas, encontros, diálogos, são características que ampliam a circulação cultural no país proporcionando conhecimento para as pessoas dentro e fora do território como é o caso do ECTCV.

A criação do ECTCV aconteceu nos anos 2000, a proposta é centrada como uma forma de política cultural que envolve vários universos culturais. O evento é organizado pela CCCJ, e completou sua 24ª (vigésima quarta) edição em 2024, sendo apoiado pelo poder público, instituições privadas, comunidade local e comunidade acadêmica, o evento surge segundo Goulart (2020, p.155) em meio à paisagem natural da Vila de São Jorge.

Ainda com o autor, o intuito do evento era inserir as comunidades tradicionais no “circuito de ecoturismo”, que ao se desenvolver na região excluiu a população local e tradicional. Em meio a esse cenário a CCCJ foi criada, em 1997. Goulart (2020, p.155) pontua que a história da “Cavaleiro”, é bastante conhecida. Segundo relatos citados pelo autor a casa surge:

A partir da experiência e conversas de três amigos dos tempos em que Juliano Basso cursava filosofia na Universidade Federal de Goiás, em Goiânia nos anos de 1990. O grupo frequentava a região da Chapada motivado pelo seu apelo místico e suas belezas naturais, como a maior parte dos visitantes e migrante que vão pra lá (Goulart, 2020, p.155).

Nessa conversa o autor relata que o grupo de amigos percebeu que “apesar da valorização da região em termos ambientais”, por conta do turismo, por outro lado a cultura local, as festas tradicionais, a cultura do lugar em geral estava sendo colocada de lado, não existia consumo turístico voltado para essa questão. Foi aí que surgiu a necessidade de criar um movimento voltado para a relação com os habitantes da região, as pessoas estavam ali e precisavam estar inseridas nesse novo contexto social sem perder sua identidade cultural.

Os primeiros eventos realizados pela CCCJ, não tiveram apoio financeiro de nenhuma instituição e para que fosse realizado era cobrado ingressos, nos anos 2000, Goulart (2020, p.155) afirma que o evento não tinha verba para ser realizado e a cobrança de ingressos esvaziava o evento, com isso, a falta de recursos inviabilizou a edição. No ano de 2001, o evento surge com o nome de Encontro de Culturas Tradicionais, gratuito e nas ruas da Vila de São Jorge, e contou com a colaboração financeira de empresas como a EMBRATUR e AGETUR – Agências de Turismo e com o Fundo Nacional de Cultura.

O Encontro se desenvolveu ao longo de suas edições, hoje conta com a presença de convidados em âmbito, federal, estadual e municipal, além de novas modalidades de apresentação. Os investimentos proporcionaram o desenvolvimento de várias ações, as ligadas a Casa de Cultura delineiam-se por políticas públicas específicas. Ao aderir novas modalidades e contar com apoio, a visibilidade do evento ficou ainda maior, nesse parâmetro o Encontro de Culturas se tornou um evento nacional e internacional, como demonstra o folder/ figura 09 e 10 a seguir:



Figura 09: Folder do XXIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada

Disponível no Instagram da Casa de Culturas - @casadeculturacavaleirodejorge 29/11/2023.

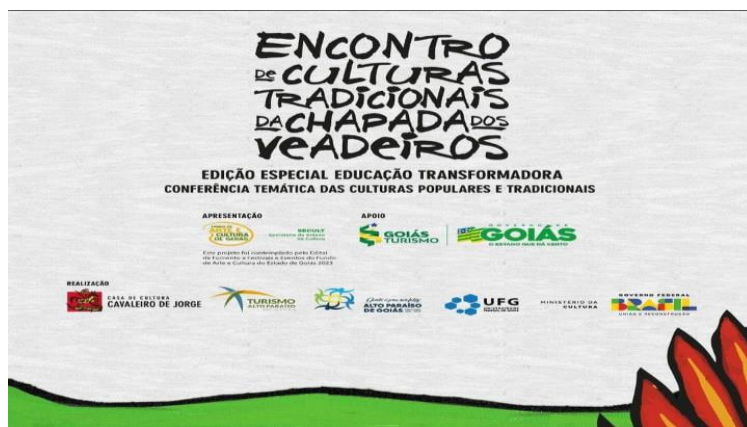


Figura 10: Folder do XXIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada

Disponível no Instagram da Casa de Culturas - @casadeculturacavaleirodejorge 29/11/2023.

O ECTCV nesse sentido pode ser compreendido como uma espécie de intercâmbio cultural, Goulart (2020, p.151) destaca que esses “intercâmbios entre os participantes das culturas populares nos âmbitos local, regional, nacional e internacional”, geram visibilidade e amplia a circulação dos saberes e tradições do Cerrado. Por outro lado, vale destacar que além da visibilidade para

além de suas fronteiras, o ECTCV, influencia nos debates e discussões realizados pela comunidade local, comunidade acadêmica e poder público, facilitando melhorias para a comunidade tradicional.

Burke (2002, p.2) pontua que “não existe fronteira cultural”, esse fato representa a intensidade dos encontros culturais que estão cada vez mais presentes na sociedade tradicional como é o caso do que ocorre na Chapada dos Veadeiros. Embora aconteça apenas uma vez no ano, o encontro promove o que o autor chama de “hibridização cultural” fomentado pelo advento da globalização da cultura, que pode, segundo Burke criar uma “identidade cultural dupla ou mista”, gerando visibilidade para os eventos e cultura local, que podem ser analisados em outras esferas.

Olhando dentro das fronteiras, o hibridismo cultural existente na Chapada dos Veadeiros pode ser analisado através da junção das variadas culturas existentes no local, as várias comunidades que vivem na região e possuem histórico de lutas e busca por reconhecimento. Burke (2002, p.2) afirma que o hibridismo cultural pode ser encontrado em toda parte, segundo o autor ele está presente nas “religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas”, fatores que estão presentes na região devido a quantidade de pessoas de diferentes culturas que passaram e permanecem ali, construindo suas histórias e repassando sua tradição de geração em geração.

Comunidades quilombolas, pesqueiros, ciganos, trabalhadores do campo, todos contribuíram para o processo de hibridização cultural na região da Chapada dos Veadeiros, os artesanatos, as práticas culturais, o povo, enfim, todos esses fatores geram uma diversidade cultural híbrida. O ECTCV nesse âmbito vem para assegurar, mesmo que de forma tardia, a manutenção dessas tradições através de debates e fóruns que envolvem sociedade e poder público, contribuindo para a disseminação do saber e preservação ambiental, Sueza (2019, p.8) pontua que:

O encontro tem como objetivo o fortalecimento das tradições populares, proteção do patrimônio imaterial local e a promoção do intercâmbio com manifestações culturais advindas de outras cidades e países.

Ainda com Sueza (2019, p. 9) observamos que o Encontro de Culturas é

“um espaço de rearticulação que promove reflexões similares às dos movimentos sociais”, pois colocam em pauta muitas discussões através de debates interculturais, retratando sobre cultura, território e política. É, ao analisarmos o Encontro mais de perto, percebemos sim, que ele é capaz de criar o fortalecimento das manifestações populares locais proporcionando maior visibilidade com relação a identidade do povo e da comunidade em que está inserido.

A diversidade cultural, o multiculturalismo, a valorização das práticas culturais e sociais, a luta por proteção e manutenção da cultura e das tradições, o reconhecimento das comunidades. Todos esses fatores são de suma importância para o diálogo sobre o desenvolvimento sustentável não apenas dos saberes tradicionais, mas também do meio ambiente, existe a necessidade de fortalecimento dos direitos humanos, e o Encontro promove isso.

No ano de 2004, Goulart (2020, p.157) destaca que o Encontro passou a incorporar as rodas de conversa e palestras, como “laboratórios de memória oral”, a partir daí surge as Rodas de Prosa, que são voltadas para as políticas públicas e culturais, e conta com a presença de “detentores das culturas populares, gestores públicos e pesquisadores”. A imagem a seguir retrata uma roda de prosa, que abordava o tema sobre o Cerrado e a sustentabilidade das comunidades tradicionais dependentes dele, o debate foi centrado na existência do Cerrado e de tudo que as comunidades produzem dentro daquilo que a biodiversidade existente na natureza permite. Mediante essas colocações, indígenas e quilombolas, juntamente com representantes políticos debateram sobre a necessidade eminente de preservação ambiental, haja vista que, com o desaparecimento da fauna e da flora do Cerrado, essas comunidades também irão desaparecer.

O debate se faz necessário, tendo em vista que essas comunidades dependem única e exclusivamente do meio ambiente para se manter vivos, é preciso pontuar que todo o sustento vem da agricultura familiar e que eles utilizam recursos naturais pautados em práticas milenares para sobreviver. Indígenas, quilombolas, ciganos, pescadores, todos fazem parte de uma tradição que necessita do meio ambiente para se manter viva, ambos fazem uso de remédios naturais, do solo, das águas, e com a devastação ambiental correm risco de migrar para os grandes centros urbanos modificando seu modo de vida.

Durante a roda de prosa também contou com a presença de coordenadores e professores das escolas locais que nos muitos anos consomem os alimentos e produtos feitos pela comunidade como: farinha, biscoitos, óleos e outros. Essa participação reforça por anos a importância da comunidade no evento. Ainda na conversa ocorrida (2024 período matutino) é possível compreender que ao incrementar as verbas que mantém essas comunidades ambas as partes podem ser beneficiadas.

Todas as características analisadas durante os dias em que estive no evento reforçam a pluralidade existente, ao aderir esses novos mecanismos, as edições do Encontro de Culturas abarcam um número maior de temas que são expostos ao público geral. Essa integração cria vínculos com o turismo, com as culturas populares, com o meio ambiente, e dentro de pautas sustentáveis criam experiências importantes para o Cerrado.



Figura 11: Interior da Casa de Culturas Cavaleiro de Jorge – Roda de Prosa
Chapada dos Veadeiros – 2023
Fonte: Arquivo Pessoal.

Por isso, é importante destacar que ao aderir essas novas roupagens, a CCCJ, e o evento ECTCV, colocam em questão a Modernidade e a forma como esses saberes sobrevivem em meio a inserção de tantas outras informações presentes nos dias do evento. A manutenção da tradição de pescadores, artesãos, pequenos produtores vão de encontro a esse novo cenário, e conseguem mesmo que diante de muita luta garantir seu espaço se tornando um

contrapeso a Modernidade, assunto que será abordado no próximo capítulo.

CAPÍTULO 2

A MODERNIDADE E AS CULTURAS DO LUGAR

O presente capítulo está segmentado respectivamente, em três subpartes, encadeadas e concatenadas a partir das questões de identificação e dos processos que possibilitaram o surgimento da Modernidade social e cultural atual no mundo, além de como essa modernidade foi introduzida no Brasil e se mencionada para diversas outras áreas até alcançar o estado de Goiás. Assim, procura-se estabelecer uma relação entre o conceito de Modernidade e as modificações que implicam o entendimento do tema. O debate da Modernidade ancora-se nas mudanças que ocorrem na vida das pessoas em aspectos políticos, econômicos, sociais e culturais e no campo da ciência na reviravolta do eixo explicativo trazido com a racionalidade metódica: o positivismo e o materialismo.

2.1 A MODERNIDADE

Berman (1986, p.15), designa a “Modernidade” como um conjunto de experiências “de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida”. Para o autor, ser moderno é estar em um ambiente que promete “aventura, poder, alegria, crescimento e autotransformação e transformação das coisas ao redor”. Mediante essas características é importante ressaltar que dentro dessas modificações a modernidade surge como algo que “une a raça humana”.

Deste modo, a Modernidade tem como característica a construção das ações e pensamentos do homem bem como o desenrolar da história em determinado período, estando diretamente ligada à “política, cultura, religião, economia, enfim”. A era moderna e pós-moderna faz referência a uma série de fatores que englobam inúmeras características e reflexões voltadas para o processo de construção e transformação da humanidade. Berman (1986, p. 15) pontua que:

ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido se desmancha no ar.

Os eventos que deram origem à Modernidade habitualmente são descritos através da “revolução francesa” quando as pessoas romperam com o pensamento e organização tradicional existente na “idade média”. A sociedade europeia rompeu com o pensamento da época estabelecendo a razão como uma forma autônoma em busca de conhecimento. Todavia a efervescência trazida com o *Iluminismo* favoreceu aos desdobramentos que explicam à Revolução Francesa assentes no coroamento de um pensamento racional empírico. As pessoas passaram a acreditar que o conhecimento estava diretamente ligado às experiências. A Modernidade, em si, tem estreita relação com a emergência da autonomia do sujeito, uma das premissas importantes do movimento iluminista. A autonomia do sujeito necessariamente deve abrir espaço para a diversidade, uma das características intrínsecas à Modernidade.

Em outra direção ocorrem as proposituras de Giddens (1991, p.11) quando pontua que a Modernidade “se refere a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa no século XVII”, atingindo aos poucos a mudança de pensamento em uma escala mundial. Percebe-se deste modo que em seu início pertencia a uma identidade geográfica distinta e que com o passar do tempo ultrapassou as fronteiras dando início ao que o autor chama de “uma nova era”. Todas essas transformações sociais, descobertas científicas, revolução industrial e transformações demográficas estabeleceram a transição de um período marcado por mudanças.

Quando inferimos sobre a Modernidade no surgimento desse turbilhão de mudanças deparamos com as ideias de Anderson (1986, p. 3) ao afirmar que essas transformações foram responsáveis pela “expansão urbana, desenvolvimento dos Estados nacionais e criação de movimentos sociais”. Todas essas características, segundo o autor, são impulsionadas pelo desenvolvimento do “mercado mundial” que se perpetuou e expandiu no contexto do que é Moderno.

Todos esses processos de modernização, segundo Berman (1986, p.16) podem ser compreendidos como:

uma ameaça radical a toda sua história e tradições, a Modernidade, no curso de cinco séculos, desenvolveu uma rica história e uma variedade de tradições próprias. Minha intenção é explorar e mapear as tradições, a fim de compreender de que modo elas podem nutrir e enriquecer nossa própria modernidade e como podem empobrecer ou obscurecer o nosso senso do que seja ou possa ser a modernidade (Berman 1986, p.16).

Nesse contexto, as pessoas passam a experimentar a vastidão da Modernidade, Berman (1986, p.17) divide o período em três fases: “na primeira fase, do início do século XVI até o fim do século XVII, a segunda começa na onda revolucionária de 1790, a terceira e última fase, se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo”. Ao longo do período de modernização as pessoas compartilharam o sentimento de mudanças de suas vidas de forma abrupta tanto na esfera política como social, econômica e pessoal.

Por um lado, elas viviam em dois mundos ao mesmo tempo, as dualidades entre o tradicional e o moderno, sendo possível compreender que ninguém atinge o ápice do estar ou ser moderno. De outro lado, ao passo que a sociedade se expande, ela se fragmenta, para tanto Berman (1986, p.16) destaca que:

o público moderno se multiplica em uma multidão de fragmentos, que falam linguagens incomensuravelmente confidenciais; a ideia de modernidade, concebida em inúmeros e fragmentários caminhos, perde muito sua nitidez, ressonância e profundidade e perde sua capacidade de organizar e dar sentido à vida das pessoas.

Todos esses fatores são responsáveis pela perda do contato com as raízes culturais, sociais dentro da esfera tradicional, embora ocorra a necessidade de retomar o passado. O conjunto de experiências históricas e sociais nesse sentido faz mediação entre o tradicional e o moderno, mantendo o vínculo que existe entre os dois, para Berman esse ponto pode ser descrito como uma forma de “desenvolvimento”.

As instituições modernas, segundo Giddens (2002, p. 9) se diferem das instituições anteriores; elas possuem dinamismo diferente. Essas características interferem diretamente nos “hábitos e nos costumes tradicionais” e o impacto dessas mudanças segundo o autor é global. A Modernidade nesse sentido altera a natureza da vida social afetando as pessoas e seu modo de vida de forma direta ou indireta.

Todavia, os fenômenos que aconteceram no decorrer dos últimos séculos ganharam novas dimensões. A era moderna nesse sentido está diante de conflitos cada vez mais globais, característica que pode ser descrita através da luta de classes, indivíduos e nações. O estado nação é pautado na dualidade de “inclusão e exclusão”, e a Modernidade assentou essas diferenças ao longo dos anos, além de trazer à luz os conflitos de ideias e a forma como a sociedade moderna se desenvolve.

A história humana nesse sentido é marcada, segundo Giddens (1991, p.13), por “descontinuidades”. Não sendo homogênea, o desenvolvimento nesse sentido “é familiar e tem sido enfatizado em muitas versões do marxismo”. Para o autor, essa construção faz parte da história humana como um todo, no entanto aflora determinadas descontinuidades como partes também da sociedade moderna, associadas por inúmeros processos desiguais em termos de espaço-tempo, já que as transformações sociais aconteceram e permanecem por tempos cíclicos e lineares ao longo dos séculos.

A vida na sociedade moderna se distancia cada vez mais do tradicional, sendo as transformações advindas da Modernidade de extrema complexidade. De certo modo essas modificações estabelecem, segundo Giddens (1991, p. 14), uma “interconexão social que cobre o globo”, alterando dessa forma as características pessoais e cotidianas. Entretanto o autor pontua que existem continuidades entre o “tradicional e o moderno”, embora os contrastes entre ambos sejam evidentes não há como separá-los.

Outra abordagem advém do alemão Ulrich Beck (1986), em sua obra “Sociedade de Risco”, o autor ressaltar o conceito de modernização reflexiva. Ainda, discorre sobre os avanços tecnológicos e científicos afirmando que esses geraram os próprios riscos da sociedade moderna, como as mudanças climáticas, pandemias e instabilidade econômica global. A modernização reflexiva, segundo Beck, é caracterizada pela necessidade de repensar e reorganizar os fundamentos da sociedade para lidar com os riscos criados por nós mesmos. Ele sugere que as instituições tradicionais, como governos e empresas, frequentemente falham em enfrentar esses desafios, o que exige uma maior participação social e colaborativa.

Esse conceito é fundamental para entender o impacto da Modernidade na criação de riscos globais e na forma como a sociedade busca soluções para eles.

Torna-se uma lente poderosa para interpretar os dilemas contemporâneos e a interconexão entre progresso e precaução.

Ademais, é possível compreender a abrangência dos períodos históricos de transição de um período para o outro, contudo a tentativa de interpretá-los é um pouco limitada no mote das Comunidades Tradicionais e suas expressões ainda mantidas. A evolução social nesse sentido pode ser descrita como uma narrativa que retrata a história humana, Giddens (1991, p.15) descreve que:

A história “começa” com culturas pequenas, isoladas, de caçadores e coletores, se movimenta através do desenvolvimento de comunidades agrícolas e pastoris e daí para a formação de estados agrários, culminando na emergência de sociedades modernas no ocidente.

Esse pensamento pode ser explicado, segundo Anderson (1986, p. 3), por causa das restrições e imobilidade social no período do feudalismo. Nesse sentido ocorre na sociedade uma emancipação das possibilidades e da sensibilidade do “eu individual”. O escopo de mudança é marcado pelo rompimento com as estruturas sociais do passado, com as limitações do pensamento, a moralidade enfim.

A sociedade nesse sentido era pouco desenvolvida política e economicamente. Entretanto, com o advento da Modernidade o desenvolvimento social nesse sentido cria uma sociedade alienada. Para Anderson (1986, p. 3), esse fator pode ser explicado pela “exploração econômica e uma fria indiferença social”, fator que descreve as dualidades entre a igualdade e a desigualdade social, além de destruir valores culturais e tradicionais.

Dentre as consequências da Modernidade, as descontinuidades históricas separam as sociedades modernas das sociedades tradicionais, e o ritmo acelerado das mudanças é profundo e de certo modo gera insegurança e frustração. O avanço da Modernidade e a globalização nesse sentido expandem as possibilidades, e o que antes era próprio de determinada região ganha novas características sendo levado para além de suas fronteiras.

Giddens (1991, p.15) afirma que a Modernidade pode ser compreendida como algo benéfico, carregado de oportunidades, sendo um fenômeno de dois gumes. Ainda Giddens (1991, p.16) ressalta:

O desenvolvimento das instituições sociais modernas e sua difusão em escala mundial criaram oportunidades bem maiores para os seres humanos gozarem de uma existência segura e gratificante que qualquer tipo de sistema pré-moderno. Mas a Modernidade tem também um lado sombrio, que se tornou muito aparente no século atual (Giddens, 1991, p.16).

Para o autor, “tanto Marx quanto Durkheim viram a era moderna como uma era turbulenta”, contudo acreditavam que as “possibilidades” eram benéficas e superavam as características “negativas”.

Marx via a luta de classes como fonte de dissidências fundamentais na ordem capitalista, mas vislumbrava ao mesmo tempo a emergência de um sistema social mais humano. Durkheim acreditava que a expansão ulterior do industrialismo estabelecia uma vida social harmoniosa e gratificante, integrada através de uma combinação da divisão do trabalho e do individualismo moral. Max Weber era o mais pessimista entre os três patriarcas fundadores, vendo o mundo moderno como um mundo paradoxal onde o progresso material era obtido apenas à custa de uma expansão da burocracia que esmagava a criatividade e a autonomia individuais. Ainda assim, nem mesmo ele antecipou plenamente o qual extensivo viria a ser o lado mais sombrio da modernidade. Para dar um exemplo, todos os três autores viram que o trabalho industrial moderno tinha consequências degradantes, submetendo muito seres humanos à disciplina de um labor maçante, repetitivo (Giddens, 1991, p. 17).

Desta maneira, a preocupação dos autores está voltada para as consequências degradantes do “trabalho industrial moderno” em que as pessoas são submetidas ao trabalho repetitivo. Contudo Giddens (1991) destaca que os autores não conseguiram prever o desenvolvimento das “forças de produção e produção em grande escala”, não antevendo os danos ambientais. Em adição, é possível destacar que no decorrer dos anos preocupações com as culturas tradicionais e ambientais estão cada vez mais presentes nas discussões sociais.

Outro fator que explica as contradições da modernidade na sociedade atual é o político. Acreditava-se que o autoritarismo estava presente apenas no passado, mas as estruturas mostram que não foi bem assim. O uso errôneo do poder nos estados modernos pode ser caracterizado, segundo Giddens (1991, p.17) “através do holocausto, do stalinismo e outros episódios da humanidade no século XX”.

Nesse sentido, as estruturas foram mantidas. É mister pontuar nas ideias difundidas de análise do termo Modernidade, que a estrutura de poder central

fundava - se no Estado Direito Moderno. A força motriz dessa concepção é dada pelo “poder político, militar e ideológico” concentrada, ainda mais, no estado-nação moderno. O poder militar nesse âmbito se desenvolveu, as guerras se desenvolveram belicamente, a gama de armamentos nucleares tornou-se extensa, revelando, assim, um dos lados perversos dos avanços da modernidade na atualidade.

Assim sendo, o mundo atual é carregado pelas dualidades entre o tradicional e o moderno, embora as expectativas nas mudanças estivessem voltadas para uma sociedade justa e igualitária, existe a injustiça e as desigualdades sociais. Giddens (1991, p.19) ressalta que a Modernidade nesse sentido tem “dois gumes”, limitando algumas características históricas e o pensamento sociológico. Deste modo o autor pontua que essas limitações atravessam o tempo perdurando na atualidade e fomentando a dissolução da narrativa histórica.

Na obra “As consequências da Modernidade”, Giddens (1991, p.43) recoloca a complexa relação entre a tradição e a modernidade ligada as várias combinações entre ambas, por meio da “monitoração reflexiva da ação”. De acordo com suas contribuições infere-se que nas culturas tradicionais, o passado é o cerne da manutenção da experiência que se faz entre gerações. Traduz-se que a tradição permeia o tempo-espço por um *modus operandi* de reagir e resistir aos próprios ditos processos desagregadores da modernidade. Isto posto, o autor, ainda, ressalta que a tradição é sempre reinventada buscando novas redes de significações.

Giddens (1991, p.45) diz que o lugar da tradição em contraposição ao moderno pode se tornar um espaço “fantasmagórico”, ou seja, esse primeiro passa a ser moldado por influências de outros locais. Essas interações provocam um “desencaixe” de espaço-tempo: a alteração dos hábitos e as práticas locais a partir da adoção de outros hábitos ocorrem face ao entendimento de reflexibilidade da/na vida social moderna.

É claro, que ao estudar a Casa de Cultura, sendo uma instituição moderna sugere outras inferências sobre o que resiste como tradicional e como a casa é um espaço de relações vistas como modernas, mas sempre primando ao apelo dos saberes tradicionais. Um exemplo são as trocas de saberes nas rodas de conversas durante o Evento. O saber metódico racional da universidade de certa

forma se permeia aos interesses dos conhecimentos dos representantes das Comunidades Tradicionais. Tais interações/trocas de flexibilidade possibilitam uma resistência à própria Modernidade. Tradição e Modernidade são termos contrastantes, nas palavras de Giddens. Seria um “modo de integrar a monitorização da ação com tempo e o espaço [...], insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da comunidade do passado, presente e futuro [...]”. Não é inteiramente estática”, Giddens (1991, p.39). Esta tradição dos povos tradicionais durante o Evento e as rodas de conversas se refazem de forma “forçadas”, as vezes parecem falsificadas.

Disto prescreta pensar sobre o deslocamento da cultura tradicional no espaço – por exemplo: a dança indígena no festival de cultura – não se trata de algo moderno, pois a prática é reconfigurada e transformada num espetáculo para ser visto por pessoas de fora da comunidade. A Modernidade não é apenas destruição das comunidades tradicionais. Ela possibilita fazer a crítica de si mesmo e permite que ela própria crie um “contrapeso” aos efeitos nefastos da modernização.

2.2 A MODERNIDADE EM GOIÁS

A modernização² é o desejo pelo novo, a constante busca por transformação, Silva e Oliveira (2015, p.7) destacam que esse modelo quase sempre se refere aos “modelos de organização social existentes na Europa e nos Estados Unidos”. Desta maneira é possível compreender que o processo de modernização nos leva a renunciar a “uma identidade longamente construída. Requer homogeneização das práticas e expressões culturais populares” Silva e Oliveira (2015, p.7). Ainda com os autores a Modernidade pode ser compreendida como um “nascer de novo”.

Todo esse processo de modernização no Brasil aconteceu de forma tardia. Para Silva e Oliveira (2015, p. 7-8), esse processo “além de precário, é inautêntico e artificial, uma mudança de forma, preservando o conteúdo”. Esse ponto pode ser explicado pela incorporação de elementos advindos de outras

² O termo é aqui empregado ao contexto de Goiás pautado nos ditos de Giddens, o que sofremos aqui no território brasileiro são efeitos de um processo daquilo que foi dito como Modernidade, e, aqui, já se torna processo. E, processos são ações, efeitos daquilo que é conceitualmente dado como Modernização.

culturas, tendo em vista que naquele período o modo de pensar oriundo de outras culturas era aceitável, fator que se diverge segundo os autores no decorrer da história sendo que:

há um processo constante de modernização a sociedade brasileira, que remonta ao início do século XIX, quando a abertura dos portos permitiu a entrada de valores, mercadorias e máquinas europeias, principalmente inglesas, no Brasil. Isso fez com que ocorresse uma efetiva transformação na sociedade patriarcal brasileira, que relegou algumas características orientais, africanas e indígenas e aproximou-se dos valores modernizadores europeus (Silva e Oliveira, 2015, p. 8).

A modernização brasileira nesse sentido pode ser considerada como seletiva, tendo em vista que incorpora em suas estruturas práticas específicas, contudo, mantém outras, o que consolida e reforça a ideia de inautenticidade se é autêntico ou não é uma questão valorativa, que implica em inferioridade; essa não deveria ser a tônica, pois todo processo social tem autenticidade em si. Todavia o processo de modernização não pode ser reparado. Silva e Oliveira (2015, p.08) destacam que a “modernização é vital para a sobrevivência da humanidade e nem toda mudança, mesmo que seja inspirada em outros países, é um mal em si”, pontuando que o que nos resta é tentar diminuir o ritmo acelerado de mudanças que estão acontecendo na sociedade.

O processo de modernização em Goiás nos leva a refletir sobre o ritmo acelerado das mudanças na sociedade, as transformações políticas, sociais, econômicas e culturais são consequências das alterações que aconteceram nos últimos anos. Percebemos deste modo que as mudanças estão pautadas no desenvolvimento econômico, crescimento demográfico, nos processos de urbanização e na interação com outras regiões do Brasil.

A partir da década de 1940, um dos fatores que impulsionaram esse cenário de transformações foi a construção de Goiânia e a campanha nacional da Marcha para o Oeste, que culminou na construção da Capital Federal, Brasília. Para muitos historiadores e sociólogos esse processo trouxe uma gama importante de oportunidades para o território goiano, principalmente no campo literário, uma vez que acarretou o surgimento de instituições, eventos culturais e aumento das publicações referentes ao estado goiano.

Para Oliveira e Valva (2015, p. 161-162), o passado minerador de Goiás

e seu vínculo com a agropecuária fomentou o desenvolvimento de uma economia voltada para o agronegócio. Goiás, assim como boa parte do território brasileiro possuía potencial e incentivos que favoreciam à exploração dos recursos naturais, com vasta área de pastagens nativas, se desenvolveu dentro desses parâmetros contribuindo para a sociedade goiana como um todo.

Ainda com as autoras:

A aposta no desenvolvimento econômico e político de uma região cujo imaginário era povoado pela ideia de uma vasta solidão, um grande espaço vazio – o sertão profundo, fez com que a mitologia de um novo mundo se fortalecesse (Oliveira e Valva 2015, p. 162).

De acordo com Silva e Oliveira (2021, p.11), “quando a modernidade chega ao sertão, ela se transforma, pois é obrigada a reconhecer seus próprios limites”. Aqui percebemos as dualidades entre o “arcaico e o moderno”, bem como as forças da tradição cultural goiana. Segundo os autores, “ninguém é moderno por inteiro”, pois o peso das tradições é muito grande. Essas características podem ser compreendidas por intermédio do desenvolvimento tardio da modernidade em Goiás, uma vez o próprio projeto de modernidade do Brasil atrelou-se aos ditos do governo Varguista com a ampliação e integração das infraestruturas precárias e os impulsos de avanços provocados pelas regiões Sudeste e Sul em termos das potencialidades vistas no binômio industrial e urbano e as políticas desenvolvimentistas conservadoras.

A construção de Goiânia é um marco na mudança de rota do processo de crescimento e ocupação do território, de certa forma, favoreceu ao desenvolvimento goiano. O desenvolvimento é um processo histórico, social e econômico, nesse sentido resgate como a construção da capital implicou para esse desenvolvimento.

Silva e Oliveira (2021, p.11), inferem que a nova capital foi pensada como a “difusora da modernidade, da arte, da cultura” e o intuito era ser a sociedade do futuro sem negar as tradições. Para os autores, a “utopia da Modernidade” sempre esteve presente na criação da “nova capital”, desde a escolha do nome até os projetos urbanísticos de Armando de Godoy e Atilio Correia Lima.

A proposta de transferência da capital da Cidade de Goiás para a região hoje denominada como Goiânia aconteceu, segundo Valva e Coelho (2012, p.115), “através do projeto de mudanças defendido pelo governo de Getúlio

Vargas". Essas transformações incluíam a modernização e o progresso, pautada no projeto de "Marcha para o Oeste". Essa tornou-se um plano de estratégias que compõe uma forte política nacional de ocupação e integração do território. O plano era incorporar o "Brasil do Litoral" às regiões que possuíam um acesso mais difícil e os meios de produção eram relativamente precários.

Assim, a criação de uma nova capital seria interessante para o contexto de mudanças que foi traçado para o Estado de Goiás. As mudanças nesse sentido incorreram na área política, econômica, cultural e social e a cidade projetada seria compatível com a cidade do futuro, traços específicos de uma arquitetura pensada nos moldes do Art Déco. Entretanto, essas particularidades entravam em choque com a realidade interiorana, servindo esta como um contrapeso à modernidade. Embora as edificações fossem pensadas de forma moderna entravam em dualidade com o estilo das casas coloniais e com os casebres de trabalhadores mais simples que já existiam na região.

Para Silva e Oliveira (2021, p.13), a provincianidade estava "enraizada no cotidiano das pessoas". Nas décadas de 30/40 e 50, a nova capital era pequena, possuindo até meados de 1950, menos habitantes do que a cidade de Anápolis. Foi a partir da construção de Brasília que a capital goiana cresceu, pois as pessoas migraram de todos os lados para o Planalto Central, em especial para a região de Goiânia, que em 1960 ultrapassou Anápolis em número de habitantes, tornando-se a mais populosa do estado.

O ritmo ligeiro das transformações é interessante, mas acarreta danos que precisam ser especificados, tais como a destruição ambiental provocada pelo crescimento das cidades, bem como o desaparecimento da cultura local e dos saberes tradicionais. A modernidade precisa de pessoas dispostas a quebrar as barreiras do tradicional em busca de qualidade de vida, os autores pontuam que:

Nesse período, os mais abastados escolheram morar nos arranha céus, uma moradia sem quintais, sem janelas, sem os tradicionais controles da vizinhança. A impessoalidade é fundamental para modernidade (Silva e Oliveira, 2021, p. 13).

O cenário de mudanças trouxe para as pessoas novas opções de lazer, aqui voltados para ocasiões cada vez menos familiares. Outro efeito da construção da capital do Brasil é a construção da BR153 e o uso de automóveis,

bem como o surgimento das universidades. Todos esses fatores, segundo os autores, se referem a ideia de uma sociedade com práticas “cosmopolitas”. Todas essas práticas se acentuaram com o surgimento dos parques, do Estádio Serra Dourada, Autódromo Internacional, Cemitério Parque. A cidade ganhou uma multidão de pessoas que sentiam atraídas pelas novas formas de lazer.

Eliezer Cardoso de Oliveira (1999, p.72) observa que:

Goiânia passou por mudanças que afetaram os indivíduos em termos mentais. Isto é, muitos dos valores provincianos analisados anteriormente foram substituídos por novas práticas de relacionamentos sociais afins, ao tipo de comportamento que surgiu como o advento da modernidade - o comportamento metropolitano.

A cidade nesse sentido ganha equipamentos modernos e passa a experimentar o gosto de ser uma metrópole. Segundo Eliezer de Oliveira (1999), a aglomeração acentuada de pessoas atribui para a capital formas de “sociabilidade metropolitanas”. Esse fator, segundo o historiador, pode ser reforçado por meio da “liderança econômica e política sobre as cidades que estão à sua volta”, além da existência de meios de transporte para a população dentro de seus domínios.

Todos esses fatores foram impulsionados pela construção da Capital Federal. As duas cidades foram pensadas e projetadas para trazer progresso para o “Brasil e para Goiás”. Eliezer de Oliveira (1999) pontua que ambas são “filhas do saber moderno”, sendo vistas como “cidades-irmãs”, sendo Goiânia a irmã mais velha que provia o necessário para construção da irmã mais nova. Segundo o autor, a mudança da capital foi ansiada pela população, sendo que o otimismo das pessoas em torno de Brasília era surpreendente, representando o desenvolvimento de um espaço que até então era tido como perdido. Todos esses fatores foram constituídos pela teoria de que a nova capital traria “prosperidade”.

O surgimento de Brasília nesse sentido marca um acontecimento importante que fomenta o crescimento de Goiânia, embora o Estado estivesse atrelado a ideia de atraso, Goiânia modifica o cenário e ajuda a construir a Capital Federal. Ambas as cidades se ajudaram, entretanto no caso de Goiânia é um pouco mais complexo, tendo em vista que o crescimento populacional acarretou a infraestrutura urbana desencadeando a descaracterização do projeto

da cidade.

Embora os goianos estivessem contentes com a fundação de Brasília nem sempre foi assim. O clima harmonioso na década de 60 se tornou impasse político que se acentuou durante a ditadura militar, quando decretou - se de "Brasília, a intervenção política em Goiás" substituindo Mauro Borges Teixeira pelo interventor Carlos de Meira Matos. Essa "desilusão", segundo Eliezer de Oliveira (1999), foi explorada por Bernardo Élis no conto "Urbanização (relatório)", onde o autor faz uma sátira sobre Brasília denominada como "Newtown". Oliveira (1999) pontua que a linguagem de Élis é irônica e repleta de críticas sobre a vinculação da cidade com o "progresso".

Ainda com Oliveira (1999), a sátira representa um escárnio ao discurso otimista sobre a capacidade de Brasília, questionando suas capacidades em resolver problemas, tendo em vista que ela foi responsável pela ditadura militar que assolou o país. Em outra perspectiva, o conto de Bernardo Élis, lançado em 1984, pode ser compreendido como um anseio em retornar ao modo de vida tradicional, uma vez que Brasília não cumpriu com os anseios da sociedade goiana, provocando segundo, Oliveira (1999, p.73), uma "mudança no discurso de muitos goianienses sobre a Capital Federal".

Nessa perspectiva, percebe-se que a euforia provocada por intermédio da construção de Brasília gerou na população um sentimento de progresso, e por mais que de fato não tenha acontecido nos moldes como foi pensando gerou crescimento demográfico. Nesse sentido Goiânia impulsionou o progresso em Goiás e a migração nesse sentido foi a grande responsável pelo crescimento da população, com pessoas que saíram da zona rural e foram para urbana em busca de melhoria de vida e pessoas que saíram de seus estados em busca de trabalho.

Oliveira (1999, p.76) pontua que "o crescimento populacional foi responsável por inúmeras mudanças culturais que afetaram Goiânia neste período", situações vistas diretamente quando se observa a formação das torcidas futebolísticas goianienses, por meio de dois times "Vila Nova e Goiás" assistimos rivalidades entre moradores de segmentos econômicos diferenciados, no caso de Campinas (bairro atual de Goiânia). Ambos sofreram uma mudança de nomenclatura, mas a popularidade permaneceu e se acentuou ao longo dos anos. Outro exemplo é o lazer, que ganhou uma nova roupagem

social e passou a atender a sociedade em geral se desvinculando das famílias tradicionais.

Nesse contexto, é possível compreender que a sociedade mantém de forma crítica e moralista o pensamento tradicional. Por mais que as coisas estivessem mudando outras permaneciam da mesma maneira. Um fator que explica essas características é a inauguração da Estação Rodoviária e sua relação com os bordéis, antes os frequentadores eram pessoas de família tradicional, com cargos públicos. Nesse novo tempo, passou a ser frequentado por viajantes, as mulheres que antes esperavam pela clientela passaram a sair fazendo propaganda dando início a prostituição nas ruas de Goiânia.

Segundo Oliveira (1999, p.79), essas dualidades “retratam Goiânia e os qualitativos negativos de uma metrópole”. Nesse novo parâmetro as relações sociais se distorcem atribuindo à nova cidade uma imagem negativa. As mudanças urbanas são vistas com fascínio, mas possuem um lado negativo, nem sempre o atrativo nesse sentido é o recomendado e os anseios por mudança podem gerar outros problemas.

O fim da década de 1960 nesse sentido está ligado a mudanças na forma de lazer, estando diretamente ligados à vida moderna. Segundo Oliveira (1999, p. 84) não se pode afirmar que as práticas antigas de diversão desapareceram, elas apenas passaram a coexistir com outras, fator que fomentou a ambiguidade goiana. Goiânia nesse sentido adquiriu a personalidade de uma sociedade moderna e a nova capital de Goiás segundo Santos (2021, p. 43) passa a viver dentro dos conceitos da Modernidade.

O ambiente cultural se desenvolve e se torna agitado, Coelho (1998 *apud* Santos 2021, p. 43) completa o pensamento afirmando que a “modernidade que vai desencadear um processo de discussão e conseqüentemente avanço cultural no sentido de aproximar Goiânia dos grandes centros culturais do litoral brasileiro”. A chegada da modernidade em Goiás aproxima Goiânia do resto do país. Por meio da criação de eventos culturais a cidade ganhou notoriedade recebendo a visita de autores como Monteiro Lobato e Jorge Amado.

As décadas de 1960 e 1980 são parte de uma transformação cultural adotada pela sociedade e as pessoas se desvincilhavam cada dia mais dos hábitos provincianos, Oliveira (2021, p. 61) afirma que as pessoas passaram a adotar “valores típicos de habitantes de grandes cidades. Embora, no início o

processo de modernização do Planalto Central estivesse distante por questões demográficas, políticas, econômicas, pelo acesso difícil e falta de meios de transporte a mudança aconteceu”.

Todos esses fatores foram incorporados à modernização do Estado, impulsionados pela Marcha para o Oeste, geraram desenvolvimento artístico, cultural, político, econômico e social. Segundo Luz (2012, p.13), o estado foi constituído com base no ritmo acelerado, “formas, estruturas, processos e funções”, características que segundo a autora passaram a compor o “espaço”, modificando a “dinâmica urbana e rural de forma indissociável”.

Ainda com a autora, “os caminhos do desenvolvimento e a recente modernização das estruturas” contribuem para o processo de divisão “social e territorial” (2012, p.13). Todas essas modificam a base do trabalho tanto em nível estadual quanto nacional. Essas pautas incorrem na forma como o território foi se “constituindo, se fragmentando e evoluindo”, por mais que os mecanismos impostos pela modernidade estivessem atrelados a ideia de avanço a base economia se manteve pautada na agroindústria contudo voltada para a subsistência moderna, atendendo em grande escala.

Todas essas transformações estão diretamente ligadas ao processo de formação histórica da população. Nesse sentido, é importante salientar que todas essas mudanças incorrem na perda das representações culturais e sociais ao longo dos anos. Por outro ângulo é possível compreender que por mais que a modernidade crie mecanismos de modernização das sociedades certas práticas culturais permaneceram, nesse sentido há um processo de resgate histórico das sociedades e das culturas tradicionais por parte dos membros das comunidades e pela sociedade acadêmica que estuda e descreve esses processos em suas mais variadas esferas.

2.3 AS CULTURAS TRADICIONAIS: UM CONTRAPESO?

No âmago das profundas discussões sobre os efeitos da Modernidade eclodem também, novas investidas para o conceito Cultura. A construção do conceito de cultura na sociedade moderna tem seu início nos acontecimentos do final do século XVIII até o século XX, sendo considerado por muitos pesquisadores como o “pilare da existência humana”. As transmutações que

ocorreram na passagem dos séculos mencionados colocam a abordagem diante das ações humanas. Por esta razão a cultura faz parte da realidade social e através dela temos muitos fatos que fazem parte do processo de formação da história humana no tempo e no espaço independentemente da localização geográfica, o homem promove a cultura através dos seus feitos.

A cultura apresenta-se como um conceito polissêmico, embora Pierre Bourdieu em *O Poder Simbólico* (1989) tenha se tornado mais conhecido por sua teoria de campo e capital, o autor discutiu a cultura como um sistema de práticas sociais. Seu conceito de *habitus* explora como disposições culturais são internalizadas pelos indivíduos e moldam suas ações e percepções no mundo social visto como um sistema simbólico. Ou melhor, como um conjunto de significados compartilhados pelos membros de uma sociedade, transmitidos através de símbolos, linguagem, rituais e práticas.

Como já mencionado, anteriormente, Geertz (2008), em sua obra *A Interpretação das Culturas*, argumenta que a cultura deve ser vista como "teias de significados" que os seres humanos tecem e interpretam. Ele enfatiza o papel da etnografia para compreender as práticas culturais a partir de dentro, analisando como os significados são construídos e vividos. Essas perspectivas mostram como a cultura é tanto um sistema de significados quanto um campo de disputas simbólicas e políticas.

Já Bauman (2012, p. 68) afirma que o "conceito de cultura" possui ambiguidade, para o historiador essa característica não "provém nem tanto da maneira como as pessoas definem a cultura", mas da incompatibilidade das "numerosas linhas de pensamento que se reuniram historicamente sob o mesmo termo". Bauman (2012, p.68) ressalta que o termo possui fragilidade pois se refere a "identidade e diversidade de conceitos", que para o autor possui características semelhantes dependendo do enredo utilizado pelas pessoas.

Portanto, é possível compreender que o conceito de cultura está diretamente relacionado as crenças, tradições e costumes de determinados grupos sociais, representando deste modo as informações que foram transmitidas de geração em geração.

Para além Bauman (2012, p.70) retrata em sua abordagem que o termo aparece para "classificar definições aceitas" dentro de um contexto que engloba vários fatores, dentre eles a "identidade" que nos levaria para outro campo,

ocasionando uma possível divergência.

De outro ângulo, é possível compreender dentro da análise de Bauman que o contexto cultural envolve a diversidade como característica específica de cada grupo social existente na sociedade. Por outro, lado para o autor essas definições estão diretamente ligadas à “história, normativas, psicologia, estrutura e genética”, como uma espécie de herança social, onde o comportamento aprendido é padronizado, contudo pode ser contraditório e divergente dependendo da estrutura e da esfera analisada.

Ainda com Bauman (2012, p.70) a compreensão sobre a cultura pode estar “vinculada a valores” e crenças a partir de um contexto particular do indivíduo. Contudo, o termo se volta para elementos da vida humana de maneira convencional e individual, sendo que sua complexidade abrange o que o autor descreve como:

no primeiro caso “estado da natureza”, ou seja, a falta de um conhecimento tradicional socialmente hereditário; no segundo, é contrastado com a rudeza determinada pela negligência ou falha dos processos de refinamento (educacionais). Não que o conceito tenha sido definido de duas maneiras – o mesmo termo é válido, na verdade, para dois conceitos teóricos diversos. Seria inútil o esforço de tentar preencher o fosso semântico entre eles e reunir os dois sob uma só definição (Bauman, 2012. p.71).

Em adição, Bauman (2012, p.71) destaca que os “interesses cognitivos institucionalizados à espreita por trás do termo cultura são mais numerosos”, para o autor essas dicotomias são específicas de “noções vinculadas do ponto de vista pragmático e sintagmático” (idem, ibidem), ou seja, possui significado diretamente ligado ao contexto em que está inserido. Contudo, o uso do termo segundo o autor está “arraigado na camada comum pré-científica da mentalidade ocidental que todo mundo o conhece bem” (Bauman, 2012, p.74), mesmo que de forma infundada na maioria das vezes, tendo em vista que o termo é complexo e abrange muitas camadas sociais.

Nesse contexto Bauman descreve que:

Nós reprovamos uma pessoa que não tenha conseguido corresponder aos padres do grupo pela falta de cultura. Enfatizamos repetidas vezes a transmissão da cultura como principal função das instituições educacionais. Tendemos a classificar aquelas com quem travamos contato segundo seu nível cultural. Se o distinguimos como uma pessoa culta, em geral

queremos dizer que ele é muito instruído, educado, cortês, requintado acima do seu estado natural, nobre. Presumimos tacitamente a existência de outros que não possuem nenhum desses atributos. Uma pessoa que tem cultura é o antônimo de alguém inculto (Bauman, 2012. p.74).

Nesse sentido, o autor destaca que, para explicar essa hierarquia cultural é necessário explicar que a cultura “herdada ou adquirida é parte separável do ser humano” ela “pode moldar e adaptar as qualidades do ser humano”, diante disso percebe-se que a noção de “hierarquia cultural” segundo o autor “é saturada”. Deste modo o conceito de cultura não pode ser pautado por intermédio de um comparativo entre “culturas”, pois é inerente a natureza humana, e parte de um esforço que possui potencial e eleva a “vocação humana”.

Ainda com o autor o conceito de cultura pautado na hierarquia em uma sociedade conflituosa como agora pode incorrer em problemas socioculturais, tendo em vista que as transformações sociais são tendenciosas e que a cultura nessa semântica precisa ser tratada com racionalidade. Em outra ótica a cultura pode ser representada como um patrimônio imaterial pois envolve os comportamentos humanos, experiências, linguagens, atitudes, noção de tempo e espaço, características que promovem aprendizagem social.

Por conseguinte, as culturas tradicionais no Cerrado goiano possuem uma certa complexidade, não necessariamente devem ser encaradas como um problema, e sim como um desafio no intuito de se manterem vivas ao longo de todo processo político, histórico e social de transformação da sociedade. Nesse sentido é preciso compreender que as tradições populares existentes nesse domínio são frutos de manifestações religiosas e culturais advindas de diversas etnias que se instalaram na região.

Embora a história da sociedade goiana seja marcada por processos de transformação mediante o advento da Modernidade, os saberes tradicionais e culturais de certo modo criaram um mecanismo de sobrevivência diante de novas possibilidades. Perspectiva que pode ser interpretada através da resistência dos povos tradicionais e da curiosidade da comunidade acadêmica que de certo modo possibilitou o diálogo entre as sociedades tradicionais e pesquisadores de áreas diversas criando deste modo um tema interdisciplinar.

Partindo desse pressuposto, é preciso salientar que o tema abordado

envolve um ambiente social, político, econômico e cultural, que juntos formam elementos que atribuem características específicas a grupos e etnias que ainda sobrevivem na sociedade goiana. As tradições culturais nesse sentido são parte da história que começou com os primeiros habitantes da região, os indígenas, perpassando pelos primeiros migrantes até a chegada e expansão do agronegócio.

O contato dos primeiros habitantes da região com os colonizadores e com os africanos criaram segundo Oliveira, M. de F. *et al.* (2015, p.15) “vários tipos de saberes, expressões culturais e religiosidades que ainda sobrevivem no cotidiano dos povos cerradeiros”. A relação supramencionada é complexa carece de um olhar específico, já que a cultura local nesse sentido, engloba festas, folias, religião, diversão e devoção, dentro de uma gama tradicional que envolve várias etnias, incorporando uma mistura de culturas que pode ou não estar ligada aos domínios do Cerrado goiano, mas que nele existem.

Ao pontuar a cultura como o conjunto de saberes, comportamentos, símbolos e relações sociais repassadas para as futuras gerações que apesar de não ser estática incorpora novos hábitos e mantém suas características iniciais, compreendemos que a cultura goiana tem representação histórica e tradicional de um povo que luta para manter sua ancestralidade. Por mais que as necessidades e comportamentos tenham sofrido com as ações humanas ao longo dos anos as comunidades buscam manter sua estrutura, nesse sentido vale ressaltar que nenhuma cultura é superior a outra, Bauman (2012) destaca que o que “existe são diferenças culturais” por causa dos grupos que compõem a sociedade.

O cenário goiano nesse universo cultural é recheado de riquezas, se manifesta no campo artístico, culinário, nas festividades, na dança, na literatura. A influência religiosa, as tradições populares, a exploração da população ao longo da exploração aurífera, um dos fatores que possibilitou essa gama cultural foi o processo de migração que gerou intercâmbio com a cultura mineira, paulista, com os povos originários e os africanos gerando um ambiente de diversidade cultural.

O Cerrado goiano é recheado de festas populares e cultos religiosos onde a fé entra em dualidade com o folclore, uma das festas tradicionais mais populares em Goiás são as Cavalhadas e a Procissão do Fogaréu. Para Brandão

(2015, p.27) as festividades em Goiás possuem “o símbolo, o rito, o ritual, a comemoração a homenagem, a lembrança, a celebração, a vida”, sendo parte de vivências criadas dentro de uma rotina que envolve a comunidade que vivencia essas práticas.

Ainda com Brandão (2015, p.29):

Em todo o mundo, entre todas as inúmeras culturas do passado e de agora, sempre a vida das pessoas e das comunidades esteve e está dividida entre trabalho e convivência, entre dever e prazer, entre rotina e festa. A festa. Algumas horas, um dia inteiro, um final de semana, uma quadra de dias ou até mais em que vestimos outras roupas, comemos outras comidas, vamos a outros lugares, vivemos outros gestos e, não raro, nos tornamos, com ou sem máscara diante de nossos rostos, por um momento, outras pessoas, outros personagens. Em alguns dias seguidos, em uma noite, em um momento breve, mas único, as pessoas deixam de ser quem são nos outros dias, nos outros instantes da rotina, em outras horas da semana, e se entregam juntos e irmanados a alguma celebração, a um ritual, que pode ir de um festivo almoço familiar de domingo a uma longa missa solene.

As pessoas sejam elas do campo ou da cidade se divertem através da celebração daquilo que acreditam, homens, mulheres, crianças, entoam sua cultura e tradição através de gestos simbólicos que representam costumes repassados ano após ano. Segundo Brandão (2015, p.31) todas as celebrações que acontecem possuem significado, desde as “procissões, desfiles, novenas, missas, danças” enfim, as festas populares representam a mistura cultural existente na sociedade.

Todavia, é possível compreender que ao longo dos anos as festividades tradicionais foram desaparecendo, segundo Brandão (2015, p.35) “a tradicionalidade” se perdeu, as festas não são mais como eram no começo. A difusão das festas populares enquanto cultura tradicional se amplia, festas essas que podem conter segundo o autor a mesma “assinatura cultural”. Contudo, em pequenas ou em grandes proporções desempenham o mesmo papel na sociedade goiana, a exemplo o autor destaca a Romaria de Nossa Senhora d'Abadia que acontece em outras regiões e que no Muquém possui uma proporção mais elevada.

Outro fator que transforma as festividades e a cultura tradicional é a incorporação da igreja evangélica na sociedade goiana, segundo Costa (2015, p.101), esse processo foi marcado por muitas polêmicas, de acordo com a autora

“os promotores da nova forma de evangelização” eram contrários as práticas católicas e a “vivência da religião”. Entretanto, é importante destacar que as bases do catolicismo sempre estiveram presentes na sociedade goiana e o novo pensamento inviabilizava anos de história, para a autora a população aprendeu a conviver com “a falta de padres no sertão e rincões, e continuou a professar sua fé em todos os santos”.

A cultura goiana segundo Bonetti (2015, p.115) carece de respostas, por mais que as práticas culturais sejam pautadas na religiosidade existe a necessidade de investigar a forma como esses processos se estabeleceram na cultura local. Ainda com a autora, todas as expressões culturais existentes na cultura goiana são construídas a partir do Brasil colônia, embora algumas características possam se diferenciar por conta da mescla cultural, a autora destaca que a “cultura e a religiosidade não são objetos sólidos, constituindo-se assim em tessituras complexas e intensamente dinâmicas”, deste modo pode ser interpretada de maneira diferente por determinados grupos sociais.

Mas, voltando para as culturas tradicionais existentes na região que corresponde os domínios da Chapada dos Veadeiros e fazendo uma relação com o contexto histórico de modernização e expansão capitalista em Goiás, compreendemos o fortalecimento e o avanço exponencial desse novo mundo. Sueza (2019, p.14) ressalta que o processo mercadológico de expansão tecnológica permite a disseminação da informação, contudo, modifica as ações humanas e “homogeneíza o pensamento”.

Nesse ponto percebe-se que a sociedade nesse novo contexto é individualista, entretanto se volta ao tradicional através de levantamentos políticos, sociais e territoriais. A discussão sobre a necessidade de manter as práticas tradicionais, as culturas populares fazem parte da pauta individual e coletiva. Por mais que o processo de modernização e globalização tenham sido desumanos com as culturas tradicionais colocando à prova sua subsistência.

Segundo Sueza (2019, p .14) ressalta que o “multiculturalismo” gera um debate intercultural na sociedade, nesse sentido é responsável pela aceitação da presença de várias culturas em um mesmo espaço. Essas definições elencadas pela autora descrevem o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, tendo em vista que o mesmo resiste, porém como discutido anteriormente, o evento é uma reinvenção da cultura tradicional em

meio ao intenso processo de modernização que possibilita a existência do festival.

As populações encontradas na região da Chapada dos Veadeiros segundo Sueza (2019) são:

Protagonistas caracterizam-se como classes subalternas por expressarem e preservarem suas manifestações a memórias negra, indígena, ancestral, celebrando e dialogando com órgãos públicos na busca de soluções para as dificuldades que esses povos enfrentam. No caso das etnias indígenas presentes, a questão do território é talvez a principal dentro das discussões. A relação como meio ambiente está diretamente relacionada ao modo de viver dessas pessoas (Sueza, 2019, p. 16).

A retomada das culturas tradicionais nesse cenário é de fundamental importância para a compreensão das identidades culturais e manutenção das tradições na sociedade. A relação das pessoas, suas práticas e vivências estão diretamente ligadas ao espaço territorial em que elas habitam, todas essas circunstâncias reverberam na criação de movimentos sociais e de resistência por parte das populações tradicionais existentes no Cerrado.

O Encontro de Culturas faz parte desse movimento de resistência social, as discussões levantadas durante o evento entoam um papel relevante no sentido de manter as tradições e o equilíbrio ambiental. A comunidade nesse sentido se coloca como um contrapeso ao processo de modernização do Cerrado impedindo que o poder econômico destrua seu ambiente e suas vivências.

O debate acerca da territorialidade, do resgate da cultura tradicional, da necessidade de políticas públicas faz parte de um anseio coletivo que busca mudanças efetivas no intuito de manter e resgatar sua cultura. Embora boa parte da sociedade não compreenda esse conceito e o cenário político não seja o ideal, a luta vai à contramão do modelo de expansão do capitalismo e da internacionalização da economia, da cultura e da política.

Todos esses processos concebidos pela globalização fortalecem o fenômeno tecnológico e sua expansão. As relações sociais, o modelo de vida das pessoas, o pensamento voltado para o consumo, as relações cada vez mais individuais. Pontos que realçam a necessidade de diálogos coletivos acerca do fortalecimento das culturas nacionais, nesse âmbito o Encontro de Culturas

cumpra bem sua função.

Para Sueza (2019, p. 14), “a reapropriação das culturas tradicionais, desperta para a situação da América Latina”, nesse sentido a autora destaca que o diálogo dessas comunidades é “multiculturalista”, ou seja, existe a presença de muitas culturas num único espaço, as pessoas nesse sentido se respeitam, aceitam as diferenças. Ainda com a autora, o multiculturalismo é uma proposta voltada para “autonomia, para o diálogo, articulação, intercâmbio e interação cultural”, pontos que destacam a voz dos diversos grupos que compõem a comunidade de São Jorge na Chapada dos Veadeiros.

As comunidades tradicionais promovem um diálogo mútuo entre os povos na sociedade, destacando a resistência e a força da cultura popular e de suas manifestações, pois essas enfrentam desafios devido aos avanços dos ditos tempos modernos, situando-se na competição entre a cultura erudita e de massa. A cultura popular permanece essencial para a identidade das comunidades, desponta como resistência frente as transformações recentes dentro e a partir dela em si, a própria matriz tradicional, essa resistência se dá no reconhecimento da herança cultural mesmo com os riscos que aparecem com o crescente processos de consumo de suas próprias representações.

Diante de todo esse contexto histórico e social, a cultura popular se apresenta como meio de produção de heranças imateriais. No contexto do Encontro de Culturas, as festas, as rodas de conversa, a riqueza das tradições, engendram a afirmação da identidade cultural, essas comunidades reforçam sua cidadania ao exercerem o direito de manifestar sua cultura, suas tradições, repassando suas riquezas imateriais de geração em geração.

Todas as festividades que acontecem em torno do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros possuem um contexto pautado na resistência, as comunidades locais expressam suas memórias africanas, indígenas e outros. As comunidades locais buscam por intermédio do diálogo com instituições públicas a resolução de problemas prejudiciais para a comunidade e manutenção das tradições.

No contexto das comunidades que vivem na região é possível compreender que elas possuem relação direta com o meio ambiente, mantendo suas práticas tradicionais em consonância com o meio em que vivem. Sobrevivem da caça, da pesca, do plantio, sua relação com o território expressa

suas ações em busca de sobrevivência. Nesse contexto compreendesse que o avanço da globalização os povos tradicionais vivem uma luta constante, o avanço do agronegócio e a expansão das fronteiras agrícolas reproduzem dentro desse novo contexto social e infelizmente o contexto é voltado para a resistência.

O Encontro nesse âmbito busca resgatar as culturas tradicionais que se perderam ao longo da colonização, segundo Sueza (2019, p.17) a busca consiste em:

descentralização do poder, e à promoção de discussões acerca da territorialidade e do diálogo horizontal, que por vezes se contrapõe ao modelo centralizador do poder de decisão presente na sociedade. As discussões que permeiam o Encontro colocam questões em debate coletivo em busca de mudanças efetivas e sugere alternativas ao modelo convencional e hegemônico de se pensar e fazer cultura (Sueza, 2019, p.17).

Essas características reforçam a ideia de que o território é um espaço de resistência, as comunidades se reúnem pela promoção, proteção e diversidade cultural. Nesse âmbito existe uma troca coletiva onde as comunidades tradicionais se reúnem em busca de engajamento para causas que são importantes no contexto social da comunidade.

Ainda com Sueza (2019, p.18), o Encontro de Culturas possui potencial pois proporciona diálogo voltado para as questões voltadas para o “patrimônio imaterial cultural” que estão presentes na região. Os movimentos sociais nesse âmbito fomentam a manifestação ético e cultural das comunidades, as sociedades nesse caso buscam afirmar sua identidade, suas culturas, suas raízes, tradições, eles buscam a valorização da sua cultura imaterial e simbólica, pois possuem autonomia para realizar tal feito.

Nesse contexto de modernização, uma característica que chama a atenção é a busca pelo acesso à comunicação e educação, as comunidades têm seus próprios intelectuais, pessoas que se formam em universidades no intuito de colaborar com o grupo corroborando a ideia de que a própria Modernidade possibilita a sobrevivência das culturas tradicionais.

Essa característica permite à comunidade ficar perto da sociedade acadêmica que possui interesse nos saberes tradicionais no sentido de cultivar e manter a história dessas comunidades.

As mulheres também possuem um papel importante nessas culturas, pois

são as responsáveis pelo cultivo da terra, venda dos produtos, são empreendedoras e organizam sua força de trabalho dentro das relações que possuem com a natureza. A relação dessas comunidades com o meio ambiente nos mostra uma característica contrária ao capitalismo, a terra não é explorada para a produção em massa, a produção nesse sentido é simbólica, as pessoas cuidam e respeitam a terra.

Então, o Encontro de Culturas surge como um mecanismo de reflexão sobre as culturas, tradições e espaço social, a preservação da terra também acontece por meio das manifestações artísticas. Todas essas pautas engendram o fortalecimento dos movimentos sociais, o desenvolvimento nesse sentido precisa ser levado em consideração, os meios de comunicação, as expressões familiares, as expressões da comunidade, a ecologia, o patrimônio, as trocas de experiências, tudo isso é importante para o debate acerca das políticas públicas voltadas para saúde, educação, sustentabilidade e manutenção do Encontro de Culturas.

O Encontro foi pensando para reunir grupos tradicionais da região, comunidades indígenas, povos remanescentes, ciganos, e pessoas convidadas não apenas do Brasil, mais do mundo. Segundo Sueza (2019, p.22) os grupos representariam não apenas a resistência negra e indígena do país mostrando a diversidade cultural existente na sociedade, o Encontro fomenta o debate e amplia a visibilidade dos grupos marginalizados pela sociedade. A modernização e a própria Modernidade têm fases, como bem deixou evidente Berman com a frase “Tudo o que é sólido desmancha no ar”. A Modernidade dos anos 80 não é a mesma dos anos 2000. Houve uma fase da modernização em que havia uma oposição clara entre o moderno e o tradicional e, conseqüentemente, provocou a desvalorização das comunidades tradicionais. Posteriormente, houve uma outra fase – a do multiculturalismo – que alguns denominam de “pós-modernidade” que procurou valorizar as práticas tradicionais e a própria natureza. É justamente nesta fase é ocorrem dissenso entre modernidade o contrapeso da modernidade. Já que é a própria modernidade que fornece os instrumentos para servir de antídotos aos seus efeitos perniciosos na cultura tradicional.

CAPÍTULO 3

A CASA DE CULTURA E O ENCONTRO DE CULTURAS TRADICIONAIS (2001 a 2023)

A proposta para o terceiro capítulo, consiste na análise e na importância histórica, cultural e social que a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge possui na região da Chapada dos Veadeiros, por se tratar de um espaço que visa resgatar por meio do Encontro de Culturas as tradições locais.

3.1 A MEMÓRIA DOS ENCONTROS

Todos os Encontros realizados possuem grande relação com a história e com o tempo, pois são, de certa forma, um mecanismo capaz de registrar as culturas do lugar. Em todas as suas edições o evento produz o que historiadores como Jacques Le Goff (1990) chamam de “relações entre história e memória”. Ainda com o autor a “história é incapaz de prever e de predizer o futuro”, entretanto ela cumpre sua função ao retratar aspectos da humanidade e do mundo, desde sua origem através da teoria do *Big Bang* até a atualidade.

A memória nesse sentido é um dos alimentos da história, ela é pautada em “experiências individuais e coletivas”, Le Goff (1990, p. 9) pontua nesse sentido que o “passado e o presente” são ferramentas importantes para a construção da “consciência do tempo”. Contudo atenta ao fato do passado ser reduzido apenas “à exaltação das memórias gloriosas” sobre os povos, suas culturas e seus feitos. A história nesse sentido é permeada por raízes que retomam ao passado através de história, arqueologia e atualmente as fotografias, ainda com Le Goff (1990, p.193) as fotos são “criadoras de memórias e recordações” e atuam como uma fonte relacionada ao “patrimônio”.

No que tange ao Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, várias representações podem ser evidenciadas através de aspectos que levam o público a compreender a história e a cultura local, não é nesse sentido uma expressão metafórica, e sim uma maneira concreta de demonstrar traços, problemas, culturas e tradições que são repassados de geração em geração e que agora, após tantos anos estão ganhando apoio social e governamental demonstrando a importância em preservar as tradições sociais e

culturais no estado goiano.

A memória sobre o lugar, sobre as pessoas e sobre o Encontro, pode ser evidenciada através dos *folders* do evento que acontece desde 2001, cada imagem traz consigo aspectos únicos de cada edição. Deste modo pode-se destacar que eles transmitem ano após ano às memórias e os vínculos que foram sendo criados pelo Encontro de Culturas, embora não haja uma explicação sobre cada uma das artes em específico elas despertam interesse do público que pesquisa sobre o lugar e sua cultura. Ao utilizarmos as ideias de Le Goff com relação a história e a memória podemos compreender que as artes gráficas atuam como mecanismos de memória que descrevem as temáticas de cada evento, bem como órgãos financiadores.

Todas essas colocações estão ligadas ao campo da recordação, através das imagens gráficas podemos compreender as características de cada edição, as temáticas trabalhadas, a maneira como evoluiu e conseguiu se expandir e ganhar notoriedade junto ao público. É importante destacar nesse sentido que o Encontro trabalha com as culturas tradicionais e que a memória individual e coletiva é repassada através da tradição oral, os integrantes das mesas redondas descrevem suas práticas através da oralidade, pontuam o que é necessário para si e para o coletivo, sempre ressaltando sobre a necessidade da preservação cultural e ambiental.

A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge através dos Encontros afirma a identidade regional, as tradições e a cultura local valorizando e construindo formas de conhecimento e de manutenção das práticas tradicionais que se colocam como um contrapeso a modernidade em Goiás. O Encontro de Culturas nesse âmbito fomenta aprendizagem e ensino da tradição por intermédio dos povos locais, através de conversas profundas que descrevem a história e o contexto da instituição e do Encontro.

As artes gráficas são inspirações de elementos das obras do artista plástico Moacir Farias, segundo administração da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, as artes não possuem uma explicação específica. Deste modo, ao analisar cada folder é necessária compreensão sobre as culturas do espaço, as tradições, religiões e manifestações que compõem elementos da história local. Acredita-se desse modo que as artes são junções de elementos e que em determinadas edições repetem algumas características de edições anteriores.

Partindo dessa análise é possível constatar a repetição de elementos como o “Cristo”, “nossa senhora”, “o fogaréu”, além de elementos naturais como “folhas e árvores”, além de elementos da cultura indígena, africana, ribeirinha dentre outras. Por outro ângulo a divulgação do evento ganha características inovadoras como é o caso do aparecimento de novos “patrocinadores” como a Caixa Econômica Federal, Petrobrás, Governo de Goiás.

Em todas as suas edições conta com apresentações culturais significativas como “Batuque, Catira, Curraleira, Congo, Lundu e Sussa”, além dos shows, oficinas e apresentações culturais. No decorrer de suas edições o Encontro promovido pela Casa de Jorge ganhou destaque mundial, por intermédio das instituições que pesquisam a cultura local no intuito de promover a manutenção de práticas tradicionais e por conta da tentativa de colocar os órgãos públicos a par das necessidades da população local que sobrevive através dos recursos naturais encontrados na região da Chapada.

Seguindo uma ordem cronológica sobre a fundação da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, na Vila de São Jorge, desde o ano de 1997 é possível descrever sobre o papel que a casa exerce junto a população local. Ao pesquisar sobre os eventos descobriu-se que no Plano Político e Pedagógico (PPP) da Casa de Cultura tem a história de cada edição do Encontro de Culturas Tradicionais. Destarte, a primeira iniciativa da Casa de Cultura segundo o documento foi a realização do 1º festival de Cultura de São Jorge, o evento foi voltado para a comunidade tendo como referência a música e o teatro.

O segundo evento da casa aconteceu no ano de 1999, o 2º festival de Cultura de São Jorge, segundo o PPP da Casa de Encontro (2024, p.23), foi nesse evento que os grupos tradicionais da Chapada dos Veadeiros participaram pela primeira vez, dentre eles o documento destaca “Grupo Kalunga, Caçada da Rainha de Colinas do Sul, Congo de Niquelândia e Catira de São João d’Aliança”. Já em 2000 o decreto de Nº 3.551, de 4 de agosto de 2000 foi instituído, tornando a região patrimônio imaterial, nessa época a casa ainda não possuía sustentabilidade financeira e não tinha pretensão de angariar patrocinadores para se manter.

Partindo da análise do PPP da Casa de Cultura (2024, p. 23-32), o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros (ECTCV), acontece de forma efetiva no ano de 2001, nesse sentido coloca-se de maneira

cronológica dados sobre o evento no intuito de explicar os folders que estão dispostos abaixo ano após ano:

- **2001** - I Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, foi um evento que se originou das edições que aconteceram em 98 e 99, foi o início de parcerias da Casa de Cultura com Organizações públicas e privadas como Ministério da Cultura e EMBRATUR, além da participação da comunidade, da Associação de Moradores da Vila de São Jorge (ASJOR), iniciando parcerias com o Instituto de Produção Cultural brasileira. A primeira edição contou com 15 dias de encontro, teve a participação de grupos tradicionais da região, de Brasília, Goiânia e Pernambuco.



Figura 12: Folder do 1º Encontro de Culturas acontecido em 2001.

Fonte: Casa de Cultura

- **2002** – O II Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, aconteceu por 7 dias e não teve recursos financeiros, nesse encontro teve a primeira participação do grupo indígena Krahô e dos Kalungas, as rodas de conversa foram baseadas nas questões que envolvem o patrimônio imaterial.

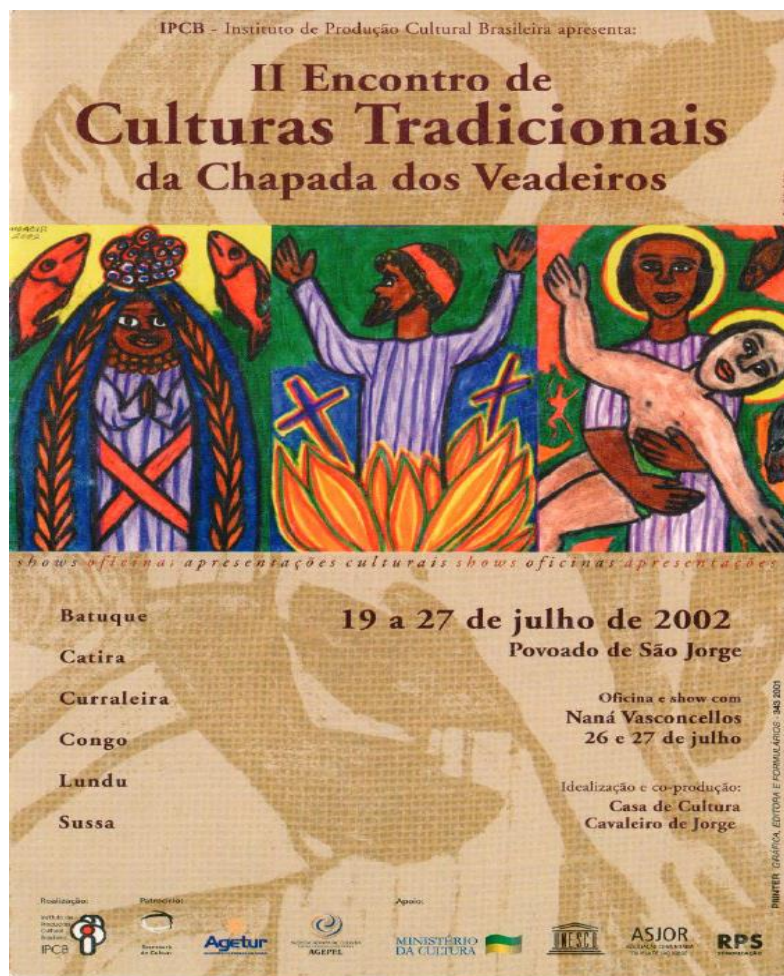


Figura 13: Folder do 2º Encontro de Culturas acontecido em 2002.

Fonte: Casa de Cultura

- **2003** – O III Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos

Veadeiros, coloca em destaque temas como Caminho do Grande Sertão Veredas, iniciando pautas voltadas para o Cerrado e conversas com a gestão pública no intuito de construir diálogos voltados para o patrimônio imaterial e ambiental. A Petrobrás foi convidada para ser a patrocinadora do programa, nesse ano o evento ganhou outras proporções sendo repercutido nas mídias, a exemplo Jornal Nacional. Contou com a apresentação do Rei dos Cacetes, Grandes Violeiros do São Francisco, cultura geraizeira de Montes Claros, focando de maneira mais específica na cultura local.



Figura 14: Folder do 3º Encontro de Culturas acontecido em 2003.

Fonte: Casa de Cultura

- **2004** – O IV Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros tem foco na proximidade com as culturas locais no intuito de aproximar-se da comunidade, nesse ano a realização do evento passa a ser responsabilidade da ASJOR, como atrativo o evento apresenta a 1ª opereta popular intitulada como “Cerrado Mágico”.

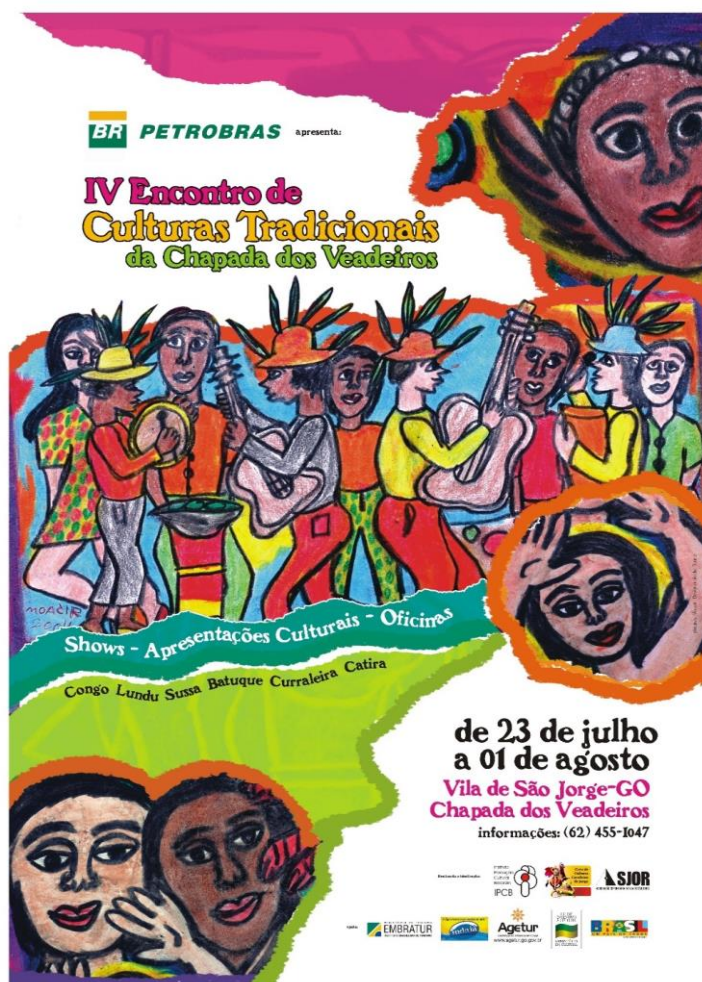


Figura 15: Folder do 4º Encontro de Culturas acontecido em 2004.

Fonte: Casa de Cultura

- **2005** - V Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge torna-se ponto de cultura sendo uma rede ampla, que exerce papel fundamental na criação de projetos e atividades que inserem a comunidade no contexto do encontro. Nesse ano aconteceu a opereta “Segredo do Silêncio”, além da forte presença das mídias digitais e criação do site do evento. Fórum de culturas foram realizados com grupos de MG e de SP, nesse momento se cria redes de culturas populares. Acontece também a 1ª feira de sementes Krahô e a realização do filme Pemp Kahac na Aldeia Krahô.



Figura 16: Folder do 5º Encontro de Culturas acontecido em 2005.

Fonte: Casa de Cultura

- **2006** - VI Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros tem a participação do Ministério da Cultura, Iphan, as rodas de conversa foram voltadas para o patrimônio imaterial das comunidades, a participação de Gilberto Gil faz amadurecer editais de políticas públicas voltadas para a cultura. A Casa de Encontros começa a atuar na busca de políticas sociais que atuam durante o ano e não só durante o evento. No mesmo ano a instituição ganhou o Prêmio de Cultura Viva se tornando uma das 10 melhores iniciativas em prol da cultura popular brasileira. O encontro contou com a realização de documentários como “Festa da Fé sobre a Caçada da Rainha de Colinas do Sul” e o Filme “Pep Cahoc: documentário sobre o rito de iniciação do Povo Krahô (Direção de Neto Borges, da Produtora Olho Filmes)



Figura 17: Folder do 6º Encontro de Culturas acontecido em 2006.

Fonte: Casa de Cultura

- **2007** – VII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, contou com a primeira edição da Aldeia Multiétnica em parceria com o indigenista Fernando Schiavini no espaço Aldeia da Lua. Além da gravação do CD Chapada dos Veadeiros que possui a participação de artistas locais como Roberto Correia. Nessa edição o evento contou com a primeira edição do abril a Temporada, festividade realizada no mês de São Jorge. Foi nesse mesmo ano que teve a participação de comunidades internacionais como Candombe – Uruguai; Fanta Konatê e Petit Mamady Keita – Guiné; Ananda Jyoti – Índia; e Herencia Gaitera De San Jacinto – Colômbia.



Figura 18: Folder do 7º Encontro de Culturas acontecido em 2007.

Fonte: Casa de Cultura

- **2008** - VIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, o tema foi “Territórios Indígenas: uma perspectiva contemporânea”, compartilhando mostra de cinema Indígena na Aldeia Multiétnica.



Figura 19: Folder do 8º Encontro de Culturas acontecido em 2008.

Fonte: Casa de Cultura

- **2009** – IX Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, acontece a criação e formalização do CNPJ da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, além da gravação do CD “Criunaná – Sons do Cerrado” com Doroty e Dércio Marques e a Turma Que Faz, e “Sons da Aldeia” que traz o canto dos povos indígenas presentes na III Aldeia Indígena Multiétnica. O encontro teve participação do Projeto Arca das Letras e do Ministério de Desenvolvimento Agrário no intuito de promover o incentivo à leitura dando início a Feira das Oportunidades Sustentáveis do Cerrado.



Figura 20: Folder do 9º Encontro de Culturas acontecido em 2009.

Fonte: Casa de Cultura

- **2010** – X Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, teve a

realização do “Teia Centro-Oeste” encontro regional do centro-oeste e Tocantins em parceria com ASJOR, além do documentário “Cada Roda tem um fuso, cada terra tem um uso, retratando os dez anos do Encontro de Culturas, além do documentário “Festa de Fé Sobre a Festa da Caçada da rainha de Colinas do Sul e o inventário sobre a Caçada da Rainha de Colinas do Sul”. O encontro teve a participação de grupos de matriz africana e recebeu um reino Yoruba vindo da Nigéria.

Segundo o documento da casa de encontros esses primeiros 10 anos da Casa de Cultura podem ser compreendidos como “Adubação”, nesse período garantiu uma caminhada produtiva através das atividades realizadas junto a comunidade. A Casa de Cultura nesse âmbito se fortaleceu e construiu ativamente políticas sociais que garantissem os direitos das comunidades tradicionais. Sua rede de atuação se fortifica em nível nacional e internacional, criando um evento popular que se tornou um ponto de culturas importante para a região central do Brasil.



Figura 21: Folder do 10º Encontro de Culturas acontecido em 2010.

Fonte: Casa de Cultura

- **2011** – XI Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, acontece a parceria com a fundação Darcy Ribeiro, a Aldeia Multiétnica do espaço da Aldeia da Lua passa para o espaço do Rio São Miguel. A sede da ASJOR passa para a Casa de Cultura, mostrando a maturidade da instituição. Nessa edição do Encontro o Colegiado de Cultura Indígena do Ministério da Cultura se reúne e as atividades são voltadas para o Ministério da Cultura e sua atuação.



Figura 22: Folder do 11º Encontro de Culturas acontecido em 2011.

Fonte: Casa de Cultura

- **2012** - XII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, contou com a realização da homenagem a Darcy Ribeiro na Aldeia Yawalapiti.



Figura 23: Folder do 12º Encontro de Culturas acontecido em 2012.

Fonte: Casa de Cultura

- **2013** – XIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, foi instalado o complexo “Fotovoltaico na Aldeia Yawalapiti” com parceria

do Banco da Amazônia”, as rodas de conversa foram pautadas na “Política de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais do Cerrado”.



Figura 24: Folder do 13º Encontro de Culturas acontecido em 2013.

Fonte: Casa de Cultura

- **2014 – XIV Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros**, a edição aconteceu em abril e contou com a entrada de Jefferson Passos na Instituição, além do curso de Vivência com a comunidade Kayapó Mebêngôkré.

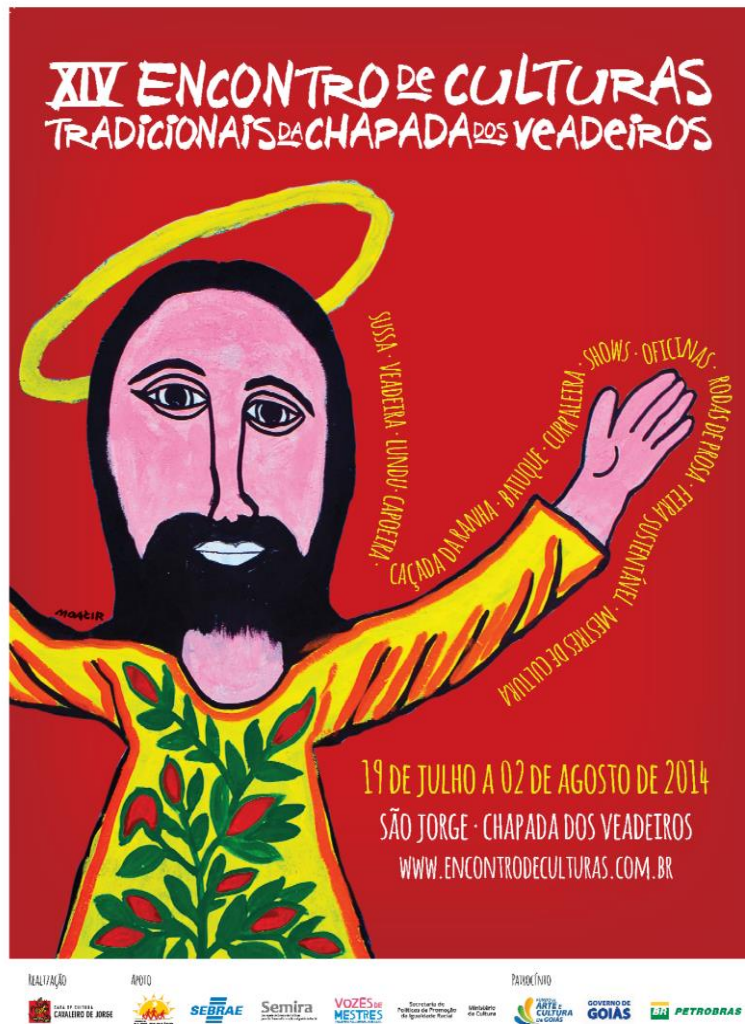


Figura 25: Folder do 14º Encontro de Culturas acontecido em 2014.

Fonte: Casa de Cultura

- **2015** - XV Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, Criação do Projeto Todos Nós, nessa edição as temáticas do Encontro foram mais específicas, ocorreu curso de vivência com os povos do Alto Xingu na Aldeia Multiétnica, além das rodas de prosa pautadas no “Acervos digitais e povos tradicionais como representantes do Ministério

da Cultura (MinC)", "Comunidades Tradicionais e a Sociobiodiversidade", "Mulheres Quilombolas: desafios no combate, exploração sexual e do trabalho", "Encontro dos Mestres: Terno de Moçambique e Comunidade Arturos de Minas Gerais", na ala cultural o evento teve mesas voltadas para "Plano nacional de gestão territorial e ambiental nas áreas quilombolas", "Políticas de Promoção a igualdade racial no estado de Goiás", "Mosaicos de áreas protegidas: gestão integrada e desenvolvimento territorial" contando com a reunião da Comissão nacional de Pontos de Culturas.



Figura 26: Folder do 15º Encontro de Culturas acontecido em 2015.

Fonte: Casa de Cultura

- **2016** – XVI Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, teve o curso de vivência com o Povo Fulni-ô, nesse ano a Casa de Cultura foi contemplada no edital de “Dinamização de espaços culturais do FAC Goiás”, projetos, produções e comunicação ganharam maior destaque e a Casa de Culturas passa a trabalhar de maneira mais intensiva em Forrós e festas aos fins de semana e feriados além de abrir o Camping do Encontro e criar a Encontroteca nas Escolas.



Figura 27: Folder do 16º Encontro de Culturas acontecido em 2016.

Fonte: Casa de Cultura

- **2017** - XVII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, mudança da Aldeia Multiétnica para o Vale Verde, momento em que a Casa de Cultura faz parcerias com o Centro de Estudos Universais. No mesmo ano ganha o Prêmio Culturas Populares – Leandro Gomes de Barros Nigéria, lança a Encontroteca na internet e recebe Liane Preuss na instituição.

O PPP da Casa de encontro descreve esse período como fase de “Maturidade”, depois de uma longa jornada a Casa de Cultura, organiza projetos, possui uma rede de comunicação e as atividades realizadas geram aprendizado. A relação com as comunidades tradicionais se amplia todos esses avanços podem ser compreendidos através das parcerias que foram sendo estabelecidas com a Fundação Darcy Ribeiro e com o Centro de Estudos Universais. A Casa nesse sentido cumpre papel fundamental para a cultura, educação e para as comunidades pois através do seu olhar trás para a Vila de São Jorge mecanismos de subsistência em meio a modernidade.



Figura 28: Folder do 17º Encontro de Culturas acontecido em 2017.

Fonte: Casa de Cultura

- **2018** - XVIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros
- Nesse período o projeto Turma Que Faz ganha o Prêmio Itaú UNICEF, o curso de vivência é ministrado pela comunidade indígena Xavante. O Encontro nesse ano não teve opereta popular, sendo apresentado o espetáculo Peña Folclórica, nessa edição teve o primeiro show de música na aldeia realizado por Mateus Aleluia.



Figura 29: Folder do 18º Encontro de Culturas acontecido em 2018.

Fonte: Casa de Cultura

- **2019** – No XIX Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros foi o ano em que o encontro ganha apoio da *Brazil Foundation*, Criança Esperança, e fecham as contas pela primeira e única vez, essa edição contou com 21 dias de encontro e tanto a Aldeia quanto o Encontro tiveram saldo positivo sem patrocínio. A Orquestra Multiétnica se apresentou gerando muitos produtos culturais, a Aldeia ofereceu shows com palco montado e a opereta foi realizada.



Figura 30: Folder do 19º Encontro de Culturas acontecido em 2019.

Fonte: Casa de Cultura

- **2020** – A 20ª edição do Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros foi realizada online por consequência da pandemia da Covid-19. Foram 30 dias de evento. A rádio São Jorge 87.9 FM foi criada e o Edital do Itaú social com atendimento a 195 crianças e adolescentes pelo projeto Turma que faz distribuiu 157 rádios e 1.600 kits pedagógicos para atender as crianças na pandemia.

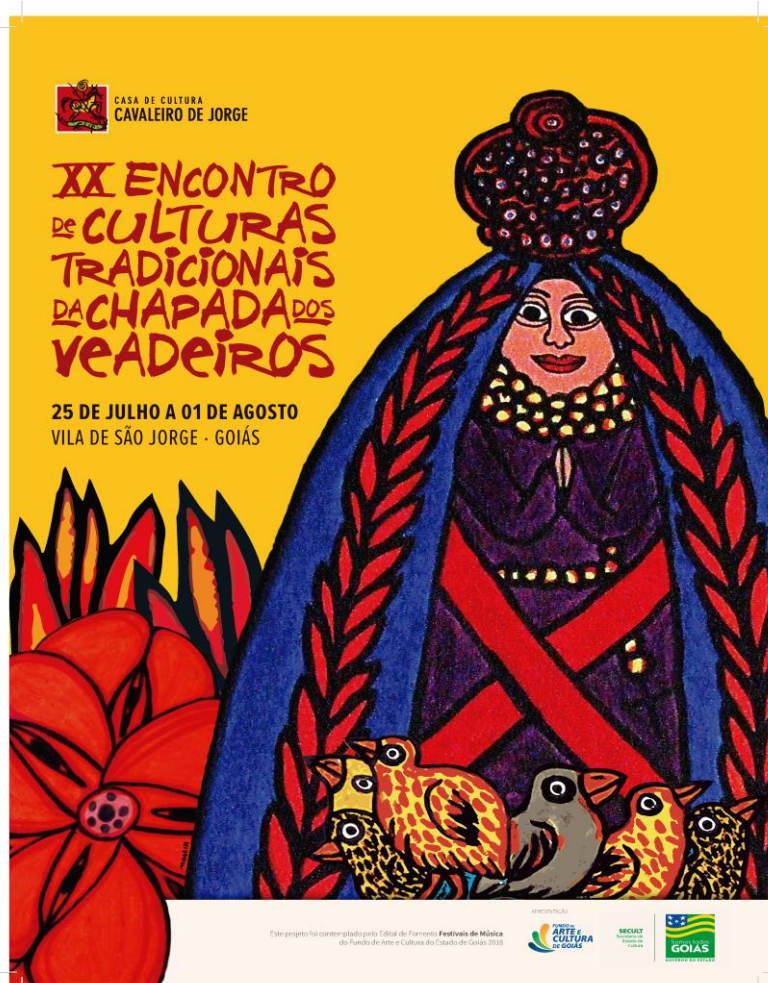


Figura 31: Folder do 20º Encontro de Culturas acontecido em 2020.

Fonte: Casa de Cultura

- **2021** - No XXI Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, os espaços culturais para a Casa Kalunga e Xinguana foram revitalizados e o Encontro concebeu o circuito cultural e abriu em 1 de julho a visitação “cachoeiras e circuito, hospedaria e restaurante”. Além do lançamento da rede Multiétnica, locação da Casa de Cultura para a abertura do restaurante Cozinha de Jorge, deu-se início a projetos como Missão em Foco em parceria com o INCLUDE Campus Party.



Figura 32: Folder do 21º Encontro de Culturas acontecido em 2021.

Fonte: Casa de Cultura

- **2022** - O XXII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros foi presencial após dois anos de pandemia. Houve realização de encontro literário, abertura da loja de Rede Multiétnica de Alto Paraíso, celebração dos 25 anos da Casa de Cultura, além das mostras de cinema, realização do projeto Missão em Foco, Show da Lia Itamaracá, e divulgação do turismo como negócio social, recebendo diversos grupos durante o ano. Nesse mesmo ano aconteceu o Festival Ilumina, Olimpíadas de Humanidades do Ipê Artes, o Encontro dos Coletores de Sementes e Jogos Gregos com as escolas Waldorf, Moara de Brasília e Espaço Sofia de Alto Paraíso.



Figura 33: Folder do 22º Encontro de Culturas acontecido em 2022.

Fonte: Arquivo Pessoal

- **2023** - O XXIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros recebeu o prêmio Ponto de Memória, teve a participação de mestres e mestras na conferência de cultura popular do Ministério da Cultura e mestres e mestras de todo Brasil. A pauta foi voltada para o patrimônio imaterial da cultura de Goiás, no intuito de compreender o processo e o reconhecimento cultural do estado para que haja valorização da cultura popular goiana.



Figura 34: Folder do 23º Encontro de Culturas acontecido em 2023.

Fonte: Casa de Cultura

O PPP da Casa de Encontro afirma que esse período foi de “resistência e

sustentabilidade”. A Casa de Cultura e o Encontro de Culturas sobreviveram a uma “crise política e sanitária, um governo antipopular e a pandemia”, precisando aderir a novos mecanismos como o formato digital para que pudesse de fato ser realizado. Para além de atuar de maneira social, promovendo acesso educacional para as crianças da Vila, as contas começaram a se equilibrar e novos projetos foram criados. A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge na Chapada dos Veadeiros atua de forma insistente para manter e melhorar projetos locais e regionais em parceria com o poder público e com a rede privada.

Ao visitar, como parte da metodologia dessa pesquisa, a pesquisa de campo no Encontro aconteceu em 2023, período em que percebemos a dedicação da Casa de Encontros para com a luta dos povos tradicionais. No que tange aos povos originários, a luta pelos direitos ganhou rumos mais acirrados, pois eles sofreram muito com os ataques sofridos por causa da defesa do território. O Encontro nesse sentido atua como uma ferramenta de defesa para a cultura, identidade e meio ambiente.

De acordo com o PPP da Casa de Cultura (2024), ela surge nos anos 90 com a redemocratização da política brasileira. De acordo com o documento, todas essas características acentuaram as lutas contra a exclusão social. Para além disso, a Casa de Cultura foi pensada como uma forma de manter “o legado sobre a formação cultural do povo brasileiro”. A Casa de Cultura nesse sentido está voltada para o povo brasileiro e sua trajetória, e através de mecanismos educacionais e culturais foi construído um legado de 25 anos. Por intermédio de muitas lutas conseguiu-se acompanhamento e políticas públicas que fomentem a manutenção do evento que atinge níveis internacionais.

Ainda com o PPP (2024, p.20), a Casa de Cultura atua da seguinte forma:

promovendo encontros, debates e proposições com forte vínculo com as comunidades tradicionais, povos indígenas, quilombolas, com ampla participação local, nacional e internacional, envolvendo poder público, universidades, instituições ligadas ao meio ambiente, cultura e patrimônio imaterial, sediando conferências, participando de conselhos de políticas públicas, construindo parcerias e estabelecendo-se como uma importante referência com expertise em metodologias no trabalho com os povos tradicionais.

Ao analisarmos o Projeto Político Pedagógico (PPP) da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (2024, p.21), conseguimos compreender que o espaço

resiste de maneira assertiva às dificuldades impostas. Segundo o documento, “a globalização do capital financeiro representado pelas elites brasileiras” não se conforma com o “povo que fala, canta, dança, batuca, pinta, grita, registra e desenha seus sonhos e vontades (2024, p.21).

Deste modo é possível compreender que o cenário cultural no Brasil passa por muitas dificuldades e ao se tratar de populações tradicionais o assunto se torna mais complexo, pois envolve uma série de problemas que perpassam gerações.

Ainda em 2023 aconteceu pela primeira vez a parte II deste encontro que inicialmente seria no mês de outubro, mas, por incompatibilidade de vários fatores, foi transferido para o mês de dezembro entre os dias 13 a 17.

A transferência das datas do XXIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros – Parte II não depende apenas da produção do evento; a mudança foi necessária para conciliar importantes agendas de mestres, patrocinadores, apoiadores, gestores e fazedores da cultura.

A Parte II é realizado pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge (@casadeculturacavaleirodejorge) e pela Prefeitura de Alto Paraíso de Goiás (@altoparaísogo). Parceria da ASJOR (@asjor.saojorge). Apresentação do Fundo de Arte e Cultura de Goiás e da SECULT Goiás (@secultgoias) por meio de projeto contemplado pelo Edital de Fomento aos Festivais e Eventos do Fundo de Arte e Cultura do Estado de Goiás 2023. Patrocínio da UFG (@ufg_oficial), Ministério da Cultura e Governo Federal (@minc). Apoio da Goiás Turismo (@goiasturismo) e do Governo de Goiás (@governogoiias).

A programação desta parte II foi de total significância para as culturas tradicionais, tais como:

- ✓ Realização de uma Conferência Regional Livre das Culturas Tradicionais, com o MinC (Ministério da Cultura) e a presença e participação de mais de 50 mestres das culturas populares e tradicionais de todo o Brasil.

- ✓ Mais de 10 rodas de prosa para discutirmos políticas públicas culturais e temas ligados a arte, cultura, educação e turismo.
- ✓ Apresentação da Opereta Popular da Turma Que Faz “Era uma Vez”.
- ✓ Feira de Experiências Sustentáveis do Cerrado com a participação de mais de 20 artesãos do Nordeste Goiano.
- ✓ Palco na rua com shows gratuitos e cortejos pelas ruas: artistas e grupos representantes das culturas populares e tradicionais brasileiras, patrimônios culturais imateriais.
- ✓ 02 exposições de arte na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge.
- ✓ Programação de oficinas abertas ao público: música, tecido acrobático, rimas de improviso, danças populares, rádio comunitária, cultura popular brasileira, bambolê e Mamulengo.

A baixa na participação dos grupos tradicionais está diretamente relacionada à falta de recursos, essas características são contraditórias pois ao mesmo tempo que tem o apoio do estado com premiações como as do IPHAN e IBRAM, deixam de receber recursos que fomentam a eficácia do Encontro. Nesse sentido podemos afirmar que a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge se insere de maneira intrincada nas questões relacionadas à modernidade e seus desafios, tendo em vista que demonstra duas faces: uma voltada para a manutenção das tradições e outra voltada para a falta de recursos públicos, mostrando as dualidades de políticas públicas que carecem de eficiência.

Para além disso, esses fatores criaram mecanismos para que o evento se tornasse capaz de atuar por conta própria. Embora essa diminuição dos recursos financeiros não seja ideal por conta da existência de políticas públicas culturais voltadas para esse tipo de evento e pela amplitude do Encontro, é possível perceber que os recursos vieram apenas para fomentar o turismo, após o crescimento do evento e o reconhecimento da Casa de Cultura os aportes financeiros entraram em declínio.

Todas essas características são de extrema importância, pois apresentam

dualidades interessantes. A Casa de Cultura ao longo dos anos luta para incluir os sujeitos, mas a falta de recursos impossibilita o acesso gerando a exclusão de uns em favor de outros. As vivências que pudemos ter nas edições de 2023 e 2024 demonstram a urgência em políticas voltadas para a cultura dos povos tradicionais e principalmente políticas ambientais eficazes, tendo em vista o grande incêndio que a região sofreu recentemente.

As políticas públicas para a Casa de Jorge nesse sentido vem sendo construídas através de muitos debates. O evento em suas 23 edições vem sofrendo não apenas com as marcas de uma pandemia, mas com o retrocesso em políticas sociais e culturais que acabam destruindo a tentativa de construção de uma sociedade ambiental justa, além de interferir severamente nos direitos dos povos originários que estão na região há muitos anos. Entretanto, ao analisar o evento que aconteceu em 2023, foi possível compreender que a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge resiste às dificuldades e cria mecanismos de resistência social, cultural, ambiental, valorizando a solidariedade, a vida humana e reafirmando o compromisso de lutar pelo povo que habita a região.

3.2 HIBRIDISMO CULTURAL: CULTURAS DO LUGAR E CULTURAS FORA DO LUGAR

As culturas presentes na região da Chapada dos Veadeiros entram em contato com artistas e comunidades que são encontradas no estado goiano. As ruas de terra batida que expressam seus anseios e tradições seculares, o acolhimento, o sotaque, a semelhança das residências, todas essas características se somadas representam o hibridismo cultural produzido neste interior do Brasil.

Segundo o PPP da Casa de Encontro (2024, p. 34), Juliano George Basso, fundador e diretor geral da CCCJ, afirmou:

Quando cheguei em São Jorge me surpreendi com a riqueza cultural das comunidades da região e, também influenciado pelas minhas experiências de viagem no Brasil e por outros países, senti a necessidade de criar um espaço democrático para as manifestações da cultura popular tradicional. Fomos guiados pela vontade de fazer com que comunidades nunca ouvidas pelo poder público pudessem erguer a voz e mostrar toda sua sabedoria. Foram os povos indígenas, quilombolas, mestres, brincantes,

catireiros, violeiros, artistas e todos os representantes da riqueza do patrimônio cultural imaterial produzido nos interiores do Brasil que fizeram esse chamado.

Percebe-se que as culturas nesse sentido são resultados de todas as culturas, tornando-se híbridas. Burke (2003), em sua obra *Hibridismo Cultural*, pontua que não existe “fronteira cultural nítida ou firme entre grupos”. Para explicar essa afirmação, o autor destaca que assim como o “holandês e o alemão”, “na fronteira é impossível dizer quando ou onde termina o holandês e começa o alemão”. Partindo desse pressuposto, a mesma coisa acontece com a cultura que cruza fronteiras há milhares de anos.

Burke (2003, p. 14) diz que ao se tratar de cultura, a preocupação é “natural”, tendo em vista que o processo de globalização cultural envolve a “hibridização”. Nesse âmbito, o autor destaca que essa tendência é normal por causa das misturas que acontecem e criam o que ele descreve como “encontros culturais”. No que tange ao Encontro de Culturas da Chapada dos Veadeiros, esse fator pode ser explicado através das atividades culturais que o Encontro proporciona para o público e para comunidade local, gerando e encorajando debates de extrema relevância social para os povos tradicionais e meio ambiente.

O evento, se analisado através do olhar de Burke (2003, p.17-18), possui todas as características de uma cultura híbrida, ou seja, apresenta a troca cultural como algo enriquecedor sem se esquecer das tradições. Ainda com o autor:

O preço da hibridização, especialmente naquela forma inusitadamente rápida que é característica da nossa época, inclui a perda de tradições regionais e de raízes locais. Certamente não é por acidente que a atual era de globalização cultural, as vezes visita mais superficialmente como “americanização”, é também a era das reações nacionalistas ou étnicas.

Partindo desse pressuposto, a Casa de Cultura e o Encontro se colocam como um contrapeso à modernidade. Ao analisarmos o projeto político da Casa de Jorge, compreendemos que a luta em prol da manutenção de práticas tradicionais é árdua, e que por intermédio do evento a Casa consegue manter e cumprir seu papel junto às comunidades locais. A demanda por incentivos e a

luta por melhorias ainda tem uma longa jornada. No entanto, a Casa possuiu uma estrutura financeira e graças aos incentivos se mantém, indo na contramão da globalização e das condições impostas pelo capitalismo. Podemos, assim, afirmar que a Casa de Cultura e o Encontro de Culturas, são um importante instrumento ou mecanismo para a preservação de culturas tradicionais. Mas essa atividade só se torna possível, em boa medida, porque são ativados outros instrumentos “modernos” que possibilitam essa ação. A mostração e o reforço das culturas tradicionais ganham, assim, fomento por meio de instrumentos próprios da modernidade, na medida em que, nesta, a diversidade e a legitimidade da diversidade e da tradição deve ter um lugar assegurado, como algo próprio da Modernidade.

Segundo Thiesse (2010, p.5), o povo é parte da cultura nacional, ou seja, “um museu vivo da nação, depositário, por suas tradições, dos valores e da herança nacional”. Deste modo, o povo transmite suas tradições ao longo dos séculos. Ainda com a autora, a cultura popular repassa ano após ano um “tesouro comum” que há alguns anos vem promovendo a curiosidade da sociedade moderna que tem o passado como fonte de inspiração para a cultura moderna.

Thiesse (2010, p. 5) ainda destaca que:

O grande movimento de coleta e valorização das tradições, cantos e costumes populares empreendido no fim do século XVIII na Europa e amplificado ao longo do século XIX conduziu a constituição do folclore, termo que designa ao mesmo tempo a cultura popular tradicional e o saber específico aplicado a ele.

Para a autora, todas essas questões estão diretamente ligadas ao regionalismo e “inscreve-se em conformidade com esta construção nacional”.

A cultura regional tradicional sempre esteve presente na sociedade moderna, e atualmente ocorre um fenômeno que busca resgatar essas tradições populares, fazendo emergir características que estavam adormecidas. A diversidade nesse sentido se manifesta como complemento cultural, pois representa a cultura nacional. Nesse ponto a autora ressalta que essas representações podem ser compreendidas como “culturas comuns”.

A cultura³ nesse sentido pode ser definida como um conjunto de crenças,

³ Para Geertz, a cultura é como um sistema entrelaçados de signos interpretáveis (o que eu

valores, instituições, costumes, estando diretamente ligada ao campo das artes, religião, experiência, conhecimento. Em geral, a cultura está diretamente relacionada às ações do indivíduo no tempo e no espaço em que ele está inserido, conferindo ao ser humano capacidade de refletir e criar mecanismos e comportamentos. Nesse sentido está diretamente ligada ao avanço social e ao progresso.

A cultura pode estar relacionada a diferentes tipos de cultura, sendo elas “a de massa, a material, a imaterial, a erudita e organizacional”. No que se refere à Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, ficaremos apenas no campo da cultura imaterial⁴, que representa:

Um conjunto de elementos intangíveis. São coisas que não podem ser tocadas, contudo existem e são essenciais para uma sociedade, tais como hábitos, tradições, costumes, entre outros. Essa é na realidade um patrimônio transmitido de geração para geração, sendo alguns exemplos: a culinária, a dança, lendas etc.

E importante destacar que cada país possui suas tradições, suas culturas, músicas, arte. No caso do Brasil, devido aos intensos processos de bricolagem e hibridismo cultural diretamente relacionado à mistura de raças e etnias, indígenas, africanos, europeus. Todas essas composições interferiram diretamente na cultura brasileira. Por conseguinte, a Casa de Cultura atua no resgate e na manutenção dessas culturas que estão se perdendo com o tempo, tendo apoio da comunidade local e da comunidade acadêmica no intuito de perpetuar práticas culturais seculares além de manter e lutar pelo meio ambiente. É o moderno atuado no resgate e reforço do tradicional.

Goulart (2020, p.149) completa o pensamento ao descrever sobre o processo de “redescoberta da cultura popular” por parte da comunidade acadêmica, de artistas, músicos e produtores culturais. Essas redescobertas, segundo o autor, podem “rotular culturas populares e tradicionais”, permitindo que as mesmas circulem em diferentes contextos sociais. Nesse caso em específico pode estar diretamente ligado a novos grupos sociais que vão

chamaria de símbolos, ignorando as utilizações provinciais), a cultura não é um poder, algo ao qual podem ser atribuídos casualmente os acontecimentos sociais, os comportamentos, as instituições ou os processos; ela é um contexto, algo dentro do qual eles podem ser descritos de forma inteligível – isto é, descritos com densidade (Geertz, 1989. p.24).

⁴ <https://conceito.de/cultura>

surgindo e se inspirando em práticas tradicionais.

As manifestações culturais nesse sentido são encontradas em toda parte. Podemos aqui nos valer do pensamento de Burke (2003, p. 23):

Exemplos de hibridismo cultural podem ser encontrados em toda parte, não apenas em todo o globo como na maioria dos domínios da cultura - religiões sincréticas, filosofias ecléticas, línguas e culinárias mistas e estilos híbridos na arquitetura, na literatura, ou na música. Seria insensato assumir que o termo hibridismo tenha exatamente o mesmo significado em todos esses casos. Para segurar o touro pelos chifres, pode ser útil começar discutindo três tipos de hibridismo, ou processo de hibridização, que envolvem respectivamente artefatos, práticas e finalmente povos.

De maneira geral, os “Artefatos Híbridos” estão diretamente ligados à arquitetura. Nesse sentido, o autor traz como exemplo as “catedrais” que foram construídas ao longo dos anos, além da criação de um “estilo híbrido” que carrega elementos de diferentes tradições. Já as “Práticas Híbridas” podem ser exemplificadas através da música, linguagem, esporte, festividades. Em específico, Burke cita como exemplo Gandhi e a maneira como ele criou uma religião pautada em uma mistura “idiossincrática de ideias dos hindus, islâmicas, budistas e cristãos”. O terceiro tipo é “Povos Híbridos”. Segundo o autor, eles “são cruciais em todos os processos”, pois são os responsáveis pela transferência de culturas.

No que se refere à Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge e a troca de experiências promovidas pelo Encontro de Culturas Tradicionais, é possível afirmar que à luz das afirmações de Burke, o evento promove dois tipos de hibridismo cultural: o primeiro relacionado às “práticas híbridas”, pois conta com a manutenção e propagação das tradições por intermédio da oralidade, da música, e festividade; e o segundo por meio dos “povos híbridos”, tendo em vista que é uma sociedade mista e recheada de trocas de culturas entre os povos que compõem a comunidade, além de turistas e comunidade acadêmica.

Segundo Afiune e Oliveira (2015, p.172), o lugar, por suas belezas naturais e agradáveis, proporciona um ambiente com “aspecto místico”. Todas essas características são observadas através da “religiosidade, relatos de aparições de óvnis”, proporcionando um ambiente culturalmente híbrido. Essa característica pode ser comprovada também pelo que os autores contextualizam

através da chegada de novos grupos “místicos-esotéricos”.

A pauta engendrada acima se refere especificamente às religiosidades e às culturas do lugar que proporcionam um ambiente favorável para tais manifestações. Segundo Afiune e Oliveira (2015, p.173), essas manifestações não são institucionalizadas, pelo contrário, são adquiridas pelo público que busca “pelo sagrado”, transitando por várias “religiões, rituais e práticas”. As novas religiosidades nesse sentido são marcas da Pós-Modernidade. Para os autores, “quanto maior o controle técnico e a compreensão da natureza, menor a crença no sobrenatural, nas explicações religiosas e na fé”, sendo que a “ciência moderna transforma o mundo em um aparato controlável”.

A região que compreende os domínios da Chapada dos Veadeiros é recheada de encantamentos. As condições naturais, a presença dos povos originários, dos grupos tradicionais, traz à luz todo um misticismo. Contudo, o mundo moderno tenta quebrar esse encantamento através das ciências. Segundo Afiune e Oliveira (2015, p.174), “no mundo moderno o “conhecer é substituído pelo “saber manejar”; deste modo a ciência substitui a ideia de “um mundo sensível por um mundo quantificável”.

De fato, a região de Alto Paraíso é rica em biodiversidade, é rica em diversidade cultural, e essas características se manifestam através das culturas e religiões tradicionais e da mistura de outras culturas que vieram junto com os imigrantes para a região. Ao se falar sobre os imigrantes que vieram para a região, é necessário pontuar que essa vinda para a região altera o curso de vida, proporciona o turismo, atualmente o turismo ecológico e até mesmo a culinária.

Todas essas questões podem ser relacionadas ao hibridismo cultural existente na região. De acordo com Afiune e Oliveira (2015, p.177), a interação entre os grupos nativos e os novos moradores estabelece uma “nova relação social. Segundo os autores, a “feira do produtor rural” pode ser usada como fonte de explicação para a “convergência dos grupos”; a feira é um ponto de encontro para “vários segmentos culturais”, além de atração turística, e atua na venda de livros, comida, artesanato e vestuário.

Essas interações culturais podem ser compreendidas como uma “variedade de objetos híbridos”. Burke (2003. p. 39) destaca que o termo é “metafórico” deste modo:

e mais enganosos do que linguagens simples. Cinco metáforas em particular dominam as discussões, extraídas respectivamente da economia, zoologia, metalurgia, culinária e linguística. Estarei, portanto, discutindo as ideias de empréstimo, hibridismo, caldeirão cultural, ensopado cultural e finalmente tradução cultural e “crioulização”.

Para o autor, esses termos necessitam de cuidado, pois fazem parte da “história cultural”, tendo em vista que a teoria da cultura não é um tema recente, mas sim um assunto que se desenvolve através das ações humanas ao longo dos séculos. Destarte, para o autor, a cultura possui características específicas pois “imita e acomoda” e interage com outras culturas, ou seja:

Na história do Ocidente, uma das maneiras como a interação cultural tem sido discutida desde a Antiguidade Clássica é por intermédio da ideia de imitação. O lado positivo de ser encontrado na teoria literária clássica e na renascença, nas quais a imitação criativa foi apresentada como a emulação de Cícero, Virgílio e outros modelos de prestígio (Burke, 2003. p. 41).

Nesse sentido, a troca cultural é revivida de tempos em tempos. Para Burke (2003), essa afirmação pode ter um lado negativo, pois pode ocasionar “acusações de plágio”. No entanto, o autor explica que eventualmente pode ser correlacionado ao termo tradicional de “empréstimo cultural”. Nesse sentido, pode-se compreender que a cultura brasileira é pautada em uma cultura de “empréstimos”. Devido à miscigenação racial, muitos povos adentraram o território brasileiro, proporcionando a diversidade existente na cultura local.

Para Burke (2003, p.43):

É certamente significativo que o termo “empréstimo” tenha adquirido sentido mais positivo na segunda metade do século XIX. De acordo com o historiador francês Fernand Braudel, por exemplo, “pour une civilisation, vivre c’est à la fois être capable de donner, de recevoir, d’emprunter”. Mais recentemente, Edward Said declarou que “A história de todas as culturas é a história do empréstimo cultural. De forma semelhante Paul Ricoeur e outros (Burke, 2003. p. 43).

As ideias de Burke nesse âmbito são relacionadas à “troca cultural”, deixando de estar relacionada à ideia de “empréstimo cultural”. A ideia central é de que nenhuma cultura é dominante e nenhuma cultura é subordinada. O que

pode existir nesse sentido é a “transferência” de cultura de um povo para outro. Essa troca evidencia a importância dos movimentos culturais existentes e da forma como a humanidade se agrupa e se movimenta ao longo dos séculos, cunhando uma cultura mista nas mais variadas esferas sociais.

No que se refere ao Encontro de Culturas, essas ideias se relacionam também com a diversidade religiosa, nas misturas de línguas, na diversidade culinária, no sincretismo religioso. O hibridismo brasileiro nesse sentido está, segundo Burke (2003, p.50), atrelado a “um processo e não um estado”. A imigração nesse sentido se deu como um fator fundamental para os “estágios da cultura brasileira”, ou seja:

a história do Brasil poderia ser escrita em termos da “fusão” de três raças, enquanto Gilberto Freyre escreveu sobre a “Fusão harmoniosa de tradições diversas”. Hoje, inspirada pela física nuclear, a linguagem da fusão é popular em contextos que vão da música à culinária (Burke, 2003, p. 50).

Se de um lado a cultura brasileira é estruturada como um “caldeirão cultural”, que na visão de Burke está diretamente relacionada ao processo de imigração, por outro lado, pode ser considerada como sincrética, tendo em vista a mistura religiosa e a tentativa de “reconciliar pagãos e cristãos”. Essas características demonstram a noção de que “todas as culturas estão envolvidas entre si”; nenhuma cultura nesse sentido é única, e pura. Para Burke, todas as culturas são “híbridas” e estão diretamente relacionadas à variedade ou diversidade.

Apesar de ser um termo complexo e de difícil explicação, o hibridismo, segundo Burke (2003, p. 55) soa como:

Observador externo que estua a cultura como se ela fosse a natureza dos produtos de indivíduos e grupos como se fossem espécimens botânicos. Conceitos como “apropriação e acomodação” dão maior ênfase ao agente humano e à criatividade, assim como a ideia cada vez mais popular de “tradução cultural” usada para descrever o mecanismo por meio do qual encontros culturais produzem formas novas e híbridas.

Ao descrevermos essas ideias em consonância com o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros, podemos correlacionar com o evento que aconteceu em 2023. Na pesquisa realizada em campo foi observado

como se torna cada vez mais forte esse movimento dos reencontros com as trocas de saberes e fazeres através das conversas na Praça do Encontro, no interior da Casa de Cultura enquanto são organizadas a roda de prosa ou as oficinas vespertinas.

Na praça que está localizada em frente à Casa, pode-se participar de oficinas de danças ou aulas de instrumentos como a flauta com mestres que veem de várias partes do Brasil e disseminando seus saberes gratuitamente a todos que estão naquele lugar. Tanto faz se são turistas, moradores locais ou acadêmicos em busca de mais conhecimentos sobre todo esse hibridismo cultural.

É na praça também que acontece a feira de produtos sustentáveis e biodegradáveis, produtos estes que foram feitos por povos quilombolas Kalungas, indígenas vindos de Pernambuco e artesãos vindos de todos os lugares do Brasil e do mundo. Neste ambiente multifacetado, a troca de experiência através das conversas informais, das vendas de produtos diversos e outros vem mostrando a forma como o encontro se mantém híbrido, através das discussões e debates que totalizam a unidade de respeito a diversidade ambiental, cultural e turismo, e a forma com que gera impacto na sociedade local.

3.3 A CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE COMO CATALISADORA DE MANIFESTAÇÕES CULTURAIS (E TRADICIONAIS)

A Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge atua como catalisadora de manifestações culturais, promovendo debates que proporcionam um contrapeso à modernidade, tendo em vista que coloca como pauta a manutenção das culturas tradicionais no Cerrado goiano. O Encontro de Culturas promovido pela instituição pode ser concebido como uma fonte viva de saber e tradição; as pessoas transmitem valores e tradições na tentativa de perpetuar a herança e a história nacional. E essas ações de fomento e empoderamento do tradicional derivam, em boa medida, da própria modernidade na medida em que é característica desta incorporar como parte dela as várias facetas tradicionais.

Nesse sentido, o Encontro pensado pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge fornece para a sociedade moderna saberes tradicionais que estavam

adormecidos. A valorização das tradições voltou, essas emergiram em diversas discussões; a cultura tradicional possui saberes específicos que carecem de atenção. As sociedades tradicionais nesse caso podem transmitir sua cultura original, com características originais, demonstrando a diversidade e a forma como estão vivas mesmo em meio às demandas próprias da modernidade.



Figura 35: Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge

Fonte: <https://www.cavaleirodejorge.com.br/>



Figura 36: Área interna da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge

Fonte: <https://www.cavaleirodejorge.com.br/>

Segundo Thiesse (2010, p.6), existe a necessidade de “preservar as tradições ancestrais minadas pela modernidade, que vão desaparecer de modo iminente”. Tentar minar e reviver esse processo é realizar uma “obra patriótica”. Mediante essa afirmação é importante destacar que as populações tradicionais vão na contramão da modernidade e da forma como as sociedades modernas estão vivendo. Para isso é importante compreender que elas se tornam um problema para a sociedade pois ao mesmo tempo que o sujeito moderno busca por igualdade social e econômica ele tende a manter os padrões de degradação cultural em prol do crescimento econômico.

No caso da região da Chapada dos Veadeiros, esse fator pode ser descrito através da manutenção das práticas e tradições regionais. O povo possui características específicas, modelos de subsistência pautados na preservação do meio ambiente. O modo como os grupos manifestam arte, dança, canto é específico das suas ancestralidades, demonstrando a beleza e a riqueza daquilo que vem sendo passado de geração em geração, seja nas tribos indígenas que já estavam inseridos na região ou pelos que vieram de outro país como é o caso dos africanos que foram escravizados na região e ali permaneceram.

O Encontro de Culturas nesse sentido nos traz uma reflexão sobre a modernidade e a forma como ela se desenvolve. Nesse ponto Giddens *et al* (1997, p.12) destaca que:

Modernização reflexiva significa a possibilidade de uma (auto) destruição criativa para toda uma era: aquela da sociedade industrial. O “sujeito” dessa destruição criativa não é a revolução, não é a crise, mas a vitória da modernização ocidental.

Para o autor, a modernização “desincorpora” e “reincorpora” as formas “sociais tradicionais”, como é o caso dos debates promovidos pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge através do Encontro de Culturas. A sociedade moderna, para os autores, acaba com as formações iniciais de “família nuclear, agricultura”, enfim, dá continuidade aos processos de crescimento econômico, provocando autodestruição de um em detrimento de outra.

Todo processo de modernização gera embates sociais e culturais

significativos e a sociedade se transforma constantemente. Segundo Giddens (1997) essa modernidade “normal, autônoma, unilateral e intacta” vai se remodelar e abrir espaços para uma nova modernidade. Para o autor, as revoltas sociais estão acontecendo para que uma nova sociedade possa emergir, o crescimento econômico, a segurança no trabalho, o acúmulo de riquezas, desencadeiam e impulsionam a sociedade para uma “nova era”.

É claro que a modernização em seus mais variados processos modifica as estruturas, causando curiosidade, se tornando um processo que necessita de atenção por mexer com as estruturas. Culturas, pessoas, países passam pelos conflitos impostos pela modernidade. Giddens (1997) destaca que esses pontos colocam a sociedade em risco, tendo em vista que a crise transforma a sociedade sendo capaz de provocar revoluções.

Por outro lado, a Modernidade modifica conceitos tradicionais em prol do novo. Esse fator traz para a sociedade moderna desafios que a faz refletir de maneira política, social, econômica e cultural. Nesse sentido, a Casa de Cultura apresenta um papel característico através de uma luta que busca a seguridade social das pessoas que compõem a cultura local, em detrimento da manutenção e perpetuação do saber tradicional.

A vivência proporcionada pelo Encontro de Culturas divulga e difunde a diversidade cultural existente no local, proporcionando o fortalecimento dos grupos tradicionais através dos debates políticos e sociais existentes no evento. O Encontro nesse sentido surge como uma forma de colocar em prática as culturas populares e como uma forma de chamar atenção das políticas públicas no intuito de fomentar práticas que porventura estavam sendo apagadas, não apenas pela sociedade moderna, mas pela própria comunidade.

Ao valorizar e difundir a cultura popular local, o Encontro de Culturas Tradicionais estabelece vínculo artístico, musical, ambiental, desenvolvendo uma experiência única em cada uma das suas edições. A maneira como as sociedades tradicionais se desenvolveram, a forma como a cultura passa a ser um patrimônio imaterial, os mecanismos que utilizam para manter o funcionamento das políticas sociais que envolvem não só as comunidades locais, mas também turistas, acadêmicos, autoridades públicas e setor privado, todos esses pontos são imensuráveis e necessários.

Ainda apoiada nos termos Modernidade e contrapeso da Modernidade a

experiência de participação no Evento da Chapada dos Veadeiros, bem como a experiência trazida pela Modernidade nos eventos culturais de espetáculo permitiu determinados afastamentos de situações que evocam contextos típicos vivenciados por sociedades tradicionais, para Giddens isso acontece tanto em sua extensão quanto em sua intenção.

Os efeitos da extensão modernidade mundializam-se, já em relação à intenção, eles influenciam profundamente as experiências e as existências do dia a dia. Durante o Evento as rodas de conversa colocam o consenso da modernidade que por muitos anos tentou silenciar o tradicional, o modo cultural dos povos tradicionais. Atualmente, cada programação possui o intuito de fazer o público interagir entre si, sendo que as comunidades nesse sentido participam das programações, como atores de intenções muitas divorciadas de suas realidades quando se falar de território ocupado.

O Encontro de Culturas possui uma trajetória social significativa em meio ao que Giddens destaca como a Modernidade reflexiva, pois estimula a cultura tradicional, os mecanismos de subsistência tradicional, a preservação do meio ambiente, da fauna e flora do Cerrado em sua mais vasta extensão. Ao longo de suas 23 edições, o ECTCV cria um universo pautado em estímulos e debates que promovam a cultura tradicional. Ao longo dos anos, a Casa de Cultura conseguiu angariar fundos para se manter e proporcionar um evento com qualidade.

De acordo com o PPP da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, o evento se desenvolveu através da ajuda financeira pública e privada com empresas de economia mista. Dentre as principais ajudas, a Petrobrás é a principal agente financiadora. Como exposto anteriormente, a Casa de Cultura surgiu em um contexto que buscava colocar a população local no cenário de crescimento proporcionado pelo ecoturismo na região.

As belezas naturais somadas ao místico do local, a quantidade de visitantes, as tradições, necessitavam de atenção, e aos poucos o Encontro de Culturas e a Casa de Cultura conseguiram difundir esse pensamento. A valorização das festas populares das comunidades locais passou a ganhar um novo espaço. Os habitantes locais nesse sentido passaram a ser notados com novo olhar por parte dos visitantes, sendo vistos como parte daquele lugar e com uma história que se pauta em muita luta por sobrevivência.

A Casa de Cultura soube se articular, criando um espaço voltado para a discussão cultural. Aliado a oficinas e apresentações culturais, aos poucos foi se tornando uma ideia coletiva. Segundo Goulart (2020, p.156),

a cavaleiro e as comunidades, coletivos tradicionais e agrupamentos das culturas populares da região, como responsáveis pelo ritual da Caçada da Rainha, da cidade vizinha de Colinas do Sul (TO), pelo Congo de Niquelândia (GO) e a comunidade quilombola Kalunga (GO).

Nesses primeiros eventos, a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge cobrava ingressos singelos, para ajudar a custear os gastos. Ainda com Goulart (2020, p. 156):

A programação das suas duas primeiras edições foi composta de apresentações de "grupos tradicionais" da região – aqueles formados principalmente por detentores de tradições culturais que adaptam suas performances enquanto apresentações artísticas e musicais –, grupos que dialogam e se inspiram no universo dos primeiros, músicos de renome nacional, como Naná Vasconcelos, e por oficinas voltadas para jovens e crianças da vila de São Jorge e visitantes. O valor estimado para a realização destas edições ficou em torno de R\$ 60.000,00, financiado pela AGETUR – Agência Goiana de Turismo –, EMBRATUR – Empresa Brasileira de Turismo – e, em menor medida, pelo Fundo Nacional de Cultural, do MINC.

Os patrocínios para o evento são importantes e fomentam o turismo na região. Para o autor, essa relação entre o evento e os órgãos públicos é essencial, pois "insere a cultura tradicional e popular no circuito turístico da região da Chapada". Por outro lado, o fomento promove a visibilidade e cria mecanismos para que políticas culturais no país sejam levadas a sério. Nessa perspectiva, ao catalogar as edições do evento, é possível compreender que o mesmo ao longo dos anos vai alcançando um público maior.

A expansão do Encontro em nível nacional e internacional se torna perceptível. A mudança na programação, a inserção de novos grupos, a criação de novas políticas culturais e o aumento nos investimentos geram estabilidade para a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge. De acordo com Goulart (2020, p. 157), em 2003 o valor projetado para realização do Encontro era de "R\$200.000,00". Nas edições posteriores esses valores poderiam chegar a "R\$1.700.000,00". Para o autor, essas projeções são relacionadas a vários fatores. Deste modo é importante que a Casa de Cultura atue na captação de

recursos para que o evento seja realizado da melhor maneira possível.

Ainda com o autor, um dos principais agentes financiadores do evento é a Petrobrás. Ele pontua que “o patrocínio se deu por meio de inscrição em edital do programa Petrobrás Cultura”. Esse primeiro recurso levou o Encontro a se aproximar do Governo Federal com auxílio do Ministério da Cultura. Essa relação, segundo Goulart (2020), aproximou o Encontro de editais que fomentam a cultura, gerando visibilidade para a Casa de Cultura e para o Evento. Nesse sentido, o projeto ganhou espaço junto a mídia com publicidades que elevaram e repercutiram o Encontro em nível “regional e nacional”.

Todas essas ajudas de custo modificam as estruturas do evento que pode criar melhorias no programa, dentre elas, o aumento de oficinas, de atrações artísticas, de rodas de conversa. Ao acentuar e melhorar a programação, o evento consegue cumprir seu papel de maneira efetiva, pois passa a atender todos os grupos participantes do evento, promovendo a diversidade cultural, ou seja, entra em contato com a cultura local, com a cultura de outras regiões do país e em algumas edições com a cultura de outras partes do mundo.

As novas modalidades que o evento passou a oferecer de 2004 em diante possuem assuntos voltados para pautas recentes. As rodas de conversa se tornam mais politizadas, os debates são mais voltados para a manutenção das tradições e das culturas populares. Nesse novo momento, a Casa de Cultura está mais conectada com a gestão pública e com meio acadêmico. Essa nova roupagem do Encontro proporciona um espaço de vivência entre as comunidades locais e os turistas, abrindo portas para a entrada de novas modalidades no intuito de aproximar a comunidade e os turistas, fazendo com que os produtos locais possam ser comercializados, gerando deste modo oportunidade e sustentabilidade.

Essas inovações, de acordo com o PPP da Casa de Cultura, são pensadas e organizadas de maneira estrutural. As incorporações como “Mostra de Cinema, Feira das Oportunidades, Encontros de Liderança Quilombola” fazem parte de implementações que mostram a urgência dos povos e comunidades tradicionais em manter sua cultura, tradição e direitos sobre a terra. Nesse sentido, a história da Casa de Cultura e a trajetória do Evento ao longo desses anos possuem pontos marcantes no que tange as políticas públicas de fomento à cultura na Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge.

Segundo Goulart (2020, p. 158), um dos pontos mais expressivos para a Casa de Cultura aconteceu em 2003, quando a Cavaleiro de Jorge desenvolveu um projeto ligado ao IPHAN, sendo o projeto baseado em um Inventário Nacional de Referências Culturais na região da Chapada dos Veadeiros. Todos esses pontos elencados ajudam a melhorar os investimentos para o evento que ao longo dos anos está atuando até na produção de documentários, Cd's de música tradicional, livros. Tudo isso devido ao volume de financiamento que a proximidade com Ministério da Cultura trouxe. E novamente se percebe que o tradicional enriquece o moderno na medida em que o moderno reforça o tradicional.

O espaço do evento nesse sentido garante seu espaço e consolida-se no cenário cultural popular. As ações proporcionadas pela Casa de Cultura se desenvolveram em um universo marginalizado e ganharam notoriedade junto ao público. As discussões voltadas para melhoria na qualidade de vida dos povos e comunidades tradicionais ganharam visibilidade e o Encontro conseguiu se colocar como um contrapeso à Modernidade no sentido de fomentar as vivências e perpetuar os saberes tradicionais. Conseguiu ampliar os recursos voltados para manutenção ambiental tendo uma experiência bem-sucedida, embora passe por muitos momentos decisivos e contraditórios.

Para Goulart (2020, p. 158), esses momentos “contraditórios” surgem em 2011 e são marcados por:

dois movimentos contraditórios: a) um de reconhecimento por parte de órgãos públicos do ECTCV enquanto experiência bem-sucedida de ação de política cultural, em específico para a cultura tradicional e popular, e b) um de queda no volume do financiamento.

Para o autor, esses momentos são marcantes tendo em vista que a Casa de Cultura recebeu do IBRAM o “Prêmio Pontos de Memória 2014”. O prêmio contemplava ações que iniciam “memória e museologia social”, reconhecendo e incentivando a continuidade e sustentabilidade das memórias tradicionais. Analisando por outra ótica, é possível compreender que as premiações legitimam as ações promovidas pela Casa de Cultura através de políticas públicas que resguardam a cultura e a tradição local.

Por outro lado, a falta de recursos prejudica a programação do evento que busca manter uma programação de qualidade. Ainda assim, a falta de recursos

nesse ponto não prejudicou o evento de forma significativa, mas a Casa de Cultura teve que rever as contas na tentativa de manter a qualidade além de adotar medidas como a venda de ingressos para entrada na Aldeia Multiétnica, além da criação de eventos fora da data do Encontro.

Goulart (2020, p.160) afirma que outras mudanças foram adotadas por causa da falta de recursos, dentre elas a “mudança no perfil dos convidados”. Desde então o evento conta com a presença de “músicos e grupos artísticos em comparação com os grupos ditos tradicionais”. Para o autor, esse aumento dos artistas em detrimento dos grupos tradicionais pode ser perceptível quando:

apenas 3 “grupos tradicionais” estiveram presentes, enquanto houve 11 músicos e grupos artísticos. Em 2015 essa proporção foi de 9 e 29 respectivamente. E em 2016 e 2017 o número de grupos tradicionais fica em torno de 5. Desse modo, se no período analisado anteriormente o evento incorporou na sua programação grupos tradicionais provenientes de diversas partes do Brasil, e mesmo do mundo, agora (2011-2017) esses grupos passam a ser minoria.

No ano de 2023, o Encontro aconteceu normalmente no mês de julho entre os dias 21 a 29. A movimentação tanto dos turistas, da comunidade como também das pessoas que ali iam chegando para se apresentarem com oficinas, cantos, danças e para participarem da feira sustentável fez com que tanto a Casa de Cultura quanto a Vila de São Jorge tivessem mais vida.

Mesmo assim, neste mesmo ano os artistas convidados se apresentaram no interior da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge, sendo cobrados os ingressos para aqueles que quisessem apreciar tais apresentações. Para os moradores locais bastava apresentar um comprovante de moradia para que pagassem somente a metade dos valores cobrados.

Somente nas duas últimas noites de evento as apresentações dos povos tradicionais tomaram as ruas com cortejos: artistas e grupos representantes das culturas populares e tradicionais brasileiras, patrimônios culturais imateriais.

Destarte, o cenário moderno nos coloca em cena a emergência das culturas populares que precisam ser analisadas de maneira crítica e reflexiva. As culturas tradicionais nesse âmbito precisam ser difundidas e perpetuadas como uma maneira de valorizar e reparar as atrocidades que foram feitas com essas populações ao longo dos anos, além de ser uma importante ferramenta

para a manutenção da história de formação social e cultural das raízes do Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desses anos de pesquisa, foi possível concluir que o ECTCV é uma ferramenta importante para a difusão das culturas existentes na região da Chapada dos Veadeiros. De forma crítica e independente, a Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge atua incessantemente para a valorização e difusão dos saberes tradicionais e manutenção dos recursos naturais.

O Encontro de Culturas Tradicionais na Vila de São Jorge juntamente com a organização realizada pela Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge são os maiores responsáveis pela criação e aproximação das comunidades tradicionais com o turismo. Todas essas características proporcionaram um circuito de cultura popular complexo onde os espaços de trocas são marcados pelo repasse de saber que vai se perpetuando de geração em geração.

Na perspectiva de todas as pesquisas realizadas para compreender o lugar e a maneira com que suas culturas são colocadas, podemos afirmar que esses povos e comunidades tradicionais se colocam como um contrapeso à Modernidade. Em um país onde as culturas tradicionais não são levadas a sério, onde as políticas de desenvolvimento e a manutenção da cultura é colocada a prova, resistir e se manter se tornou uma luta constante. A Casa de Cultura e o Encontro de Culturas nesse sentido cumprem um papel de resistência e aproximam a comunidade do turismo, fomentando o comércio local e a sustentabilidade não só do meio ambiente, mas das comunidades que ali pertencem.

Por outro lado, é importante destacar que as práticas realizadas em campo trazem um novo olhar sobre o circuito das culturas populares na região. A forma como o Encontro de Culturas se desenvolveu, a maneira como a Casa de Cultura atua são parte importante para o funcionamento de uma engrenagem histórica e cultural que merece ser perpetuada. Embora os desmontes voltados para o fomento cultural estejam acontecendo de maneira acelerada, é acolhedor saber que a Casa de Cultura soube criar formas de sobreviver mantendo sua programação e criando eventos.

Ao nos depararmos com as políticas públicas em fomento à cultura podemos perceber um cenário de pessoas que não possuem interesse na condução de políticas culturais. Goulart (2020, p.168) conclui que as últimas

eleições no Brasil nos levam a refletir, primeiro com Dilma Rouseff (PT) em 2016 quando a presidenta diminuiu os recursos do MinC e depois com Jair Bolsonaro (PL) em 2018, quando a terra foi arrasada e nomes não aptos indicados para conduzir o Ministério da Cultura e Meio Ambiente foram indicados.

No que tange ao governo atual com Luís Inácio Lula da Silva (PT) em 2023 foi retomada a Lei de Incentivo à Cultura, também conhecida como Lei Rouanet, que foi sancionada no dia 23 de dezembro de 1991. Por meio dela, profissionais e grupos de diversas áreas da arte têm conseguido recursos para se desenvolver e realizar filmes, projetos musicais, peças teatrais e todos os tipos de manifestações culturais.

A pesquisa realizada nesse sentido destaca que a consolidação da Casa de Cultura e do Encontro de Culturas demonstram a emergência das comunidades tradicionais em celebrar a manutenção e inserção das suas práticas em níveis nacionais e internacionais. A preservação do passado nesse sentido se faz necessária, pois representa o patrimônio imaterial da sociedade goiana. Embora a Modernidade tenha reorganizado as estruturas da sociedade, a tradição resiste com força e fragilidade ao mesmo tempo.

Nesse sentido, a Casa de Cultura passa a desempenhar dos anos 90 até a atualidade papel crucial na preservação da identidade regional, das comunidades e povos tradicionais. Por intermédio do Encontro de Culturas, buscou-se coadunar as consequências da Modernidade para as comunidades locais, reforçando a ideia de preservação das tradições e das culturas locais, por meio de apresentações, debates com instituições públicas, privadas, acadêmicas e comunidade local.

Para, além disso, é de possível compreender a importância da Casa de Cultura Cavaleiro de Jorge em nível nacional, tendo em vista a pouca quantidade de casas de culturas que exercem o mesmo papel na sociedade brasileira. A Casa de Cultura nesse sentido possui identidade e trabalha com o auxílio de um projeto político pedagógico, demonstrando e documentando todas as dificuldades que encontra com relação as instituições públicas e a falta de recursos.

É possível concluir que houve a caminhada em busca de uma instituição sólida e longa. Embora a Casa tenha sido criada há muitos anos, a construção e manutenção é uma tarefa diária. Todos os desafios em criar um caminho

pautado no respeito, igualdade, diversidade e manutenção das tradições está sendo organizado. Nesse sentido, o Encontro de Culturas é uma ferramenta que busca consolidar as histórias sociais, culturais e através dos seus debates e documentários abrem espaço para um diálogo de luta e resistência.

As experiências vividas, enquanto pesquisadora em campo, no local, mostram o conhecimento das comunidades tradicionais, a forma como as pessoas interagem em busca da construção de experiências que podem ser vivenciadas e repassadas.

Para tal, basta ficar andando e conversando com as pessoas que participam do Encontro e que estão expondo seus produtos oriundos dos frutos e frutas e raízes do Cerrado para que se perceba o quão são simples, apesar de todo os conhecimentos que carregam e se forem questionados sobre o que fazer ou o que tomar referente a alguma enfermidade, estão sempre prontos a repassar seus conhecimentos de guardiães da cultura.

A pesquisa considera nesse sentido que a temática do evento possui dimensões importantes para a sistematização no campo das experiências e da forma como os saberes são repassados. A Casa de Cultura nesse sentido está inserida na realidade política, histórica e cultural da sociedade local, possuindo uma missão voltada para o cuidado com os povos e comunidades tradicionais, bem como o meio ambiente. Nesse sentido possui todos os elementos necessários para funcionar, ou seja, através do seu plano político e pedagógico atua de maneira sistêmica para a realização de ações sócio, políticas, culturais e educativas atenuando-se as realidades do lugar em que está inserida.

O fortalecimento das tradições, a forma como os projetos estão alinhados com a educação, a formação cultural das crianças e dos adolescentes através do Turma Que Faz, a preservação do meio ambiente, o contato dos turistas com as comunidades tradicionais e meio ambiente, tudo corrobora para um evento sólido e eficaz. A Casa de Cultura juntamente com pesquisadores atua na construção de uma nova perspectiva social onde as tradições são reafirmadas contribuindo com as gerações futuras descendentes ou não do espaço em questão.

Portanto, a produção coletiva da Casa de Cultura por intermédio o Encontro de Culturas se coloca à disposição da história para registrar as memórias do lugar, das pessoas e das comunidades que estão no local. A troca

de saberes e de fazeres, os espaços de manifestação cultural, o fortalecimento do hibridismo cultural brasileiro, a manutenção das culturas e dos povos tradicionais evidenciam um contrapeso à Modernidade, pois vai na contramão da expansão capitalista e desagregadora em termos culturais.

Nesse sentido, assim como Silva (2021, p.11) ressalta no livro *Goiania: Fundações da Modernidade Literária no Cerrado*, podemos concluir que “ninguém é moderno por inteiro”. Uma hora ou outra as raízes do passado vão se chocar com a realidade presente. Essas dualidades fazem parte daquilo que somos, daquilo que temos, e as expressões culturais dos nossos antepassados fazem parte da realidade moderna que nos circunda.

REFERÊNCIAS

AFIUNE, Pepita de Souza. OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. O Paraíso em Goiás: pioneirismo místico na Chapada dos Veadeiros. **Fronteiras**, Journal of Social, Technological and Environmental Science. V.4, nº2 (Ed. Especial), p.171-182. Julho-dezembro. 2015. Disponível em:

ALMEIDA, Maria Geralda. Culturas, paisagens e patrimônio cultural: reflexões desde o Brasil Central. **Espaço e Geografia**, Brasília, DF, v. 16, n. 2, p. 417-441, 2013. Disponível em: < <https://repositorio.bc.ufg.br/items/1680feca-ccc1-4ee1-9115-b2200ffa50a8>>. Acesso em: 24 set. 2024.

ANDERSON, Perry. Modernidade e Revolução. **New Left Review**, São Paulo, nº 14 144, p. 2-15, março – abril, 1986. Disponível em: <<https://edisciplinas.usp.br/>>. Acesso em: 28 out. 2024.

ANDRADE, Lidiane Aparecida. **O Festival de Inverno de Ouro Preto e as práticas de preservação cultural na cidade**. Dissertação de Mestrado Profissional em Preservação do Patrimônio Cultural, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Rio de Janeiro, 2017.

ARAGÃO, Stéfany Fontenele Roque. **Povos e comunidades tradicionais na Chapada dos Veadeiros, a saúde e os dados censitários: uma proposta de análise crítica**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Geografia) — Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

ASTRAIN, Ricardo Salas. Ética intercultural e pensamento latino-americano. *In*: SIDEKUM, Antônio. **Alteridade e multiculturalismo**. São Leopoldo: Editora Unijuí, 2003, p. 417-440.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais/Mikhail Bakhtin**; tradução de Yara Frateschi Vieira – São Paulo: Hucitec, 2013.

BERMAN, Marshal. **Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das letras, 1986.

BAUMAN, Zygmunt. **Ensaio sobre o conceito de cultura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

BONETTI, Maria Cristina de Freitas. A contradança festeja o rito nas encantarias do imaginário goiano. *In*: OLIVEIRA, Maria de Fátima; PEREIRA, Robson Mendonça; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; CURADO, João Guilherme da Trindade (orgs.). **Festas, Religiosidades e Saberes do Cerrado**. Anápolis: Editora UEG, 2015. p. 115-150.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. De um lado e do outro do mar: festas populares que uma origem comum aproxima e que um oceano e um cerrado separam. *In*: OLIVEIRA, Maria

de Fátima; PEREIRA, Robson Mendonça; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; CURADO, João Guilherme da Trindade (orgs.). **Festas, Religiosidades e Saberes do Cerrado**. Anápolis: Editora UEG, 2015. p. 25-72.

CASTRO, M. de C. **Fatores econômicos e o desmatamento do Cerrado goiano**. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-graduação em Economia e Meio Ambiente) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE. **Relatório de Atividades XXIII Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros de 2023**, Alto Paraíso de Goiás, 2023.

CASA DE CULTURA CAVALEIRO DE JORGE. **Projeto Político Pedagógico**, Alto Paraíso de Goiás, 2024.

COSTA, Ismar da Silva. Do Giro sagrado ao giro politizado: os usos políticos da folia de reis em Itapuranga (GO). In: OLIVEIRA, Maria de Fátima; PEREIRA, Robson Mendonça; D'ABADIA, Maria Idelma Vieira; CURADO, João Guilherme da Trindade (orgs.). **Festas, Religiosidades e Saberes do Cerrado**. Anápolis: Editora UEG, 2015. p. 101-114.

CUNHA, Manuela Carneiro da, MAGALHÃES, Sônia Barbosa e ADAMS, Cristina (orgs.). **Povos tradicionais e biodiversidade no Brasil**: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo: SBPC, 2022.

CRUZ, Rita de Cássia Ariza da. **Introdução à geografia do turismo**. 2ª ed. São Paulo: Roca, 2003.

DOMICIANO, Carlos Shiley; OLIVEIRA, Ivanilton José de. Cartografia dos Impactos Ambientais no Parque Nacional da Chapada dos Veadeiros (GO). **Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v.11, n. 25, maio – agosto, 2012, p.179-199.

FERREIRA, Nazareth Maria. Comunicação, Resistência e Cidadania: as festas populares. **Comunicação e Informação**, Goiânia, v. 9, n. 1, p. 11-117, jan./jun. 2006. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22807>>. Acesso em: 17 out. 2024.

Formatado: Fonte: 12 pt

FRANÇA, Sebastião Fontenele; MARTINS, Éder de Souza. **A dupla face dos polígonos que configuram, ambiental e historicamente, a microrregião da Chapada dos Veadeiros: proteção dos recursos naturais e a geração de conflitos**. Finisterra – Revista Portuguesa de Geografia – Lisboa, Portugal. Vol.55 Nº 113, (2020), pp. 175-194. Publicado: 2020-05-28 - ISSN: 0430-5027 DOI: 10.18055/Finis16975

FROTA, Sadiana Luz Martins. **Casa de Cultura de Santa Maria**: Restauração e Readequação dos Espaços de um Patrimônio de Santa Maria/RS. 2013. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Maria - RS – Centro de Ciências Sociais e Humanas - Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural.

FILIZOLA, Roberto. **O mapa e a escola**: diálogos (im) pertinentes. Organização Kozel,

Salete. Torres, Marcos. Filho, Sylvio Fausto Gil. 1ª ed. Porto Alegre: Compasso Lugar Cultural, 2022.

KOZEL, S.; TORRES, M.; GIL FILHO, S. F. (orgs.). **Espaço e Representações**: acordes de uma mesma canção. 2023. 2ed. Porto Alegre: ComPASSO Lugar-Cultura, 2023. Disponível em: <<https://publicacoes.even3.com.br/book/espaco-e-representacoes-754885#!#nav-relacionados>>. Acesso em: 19 set. 2024.

GARCIA, M. V. C. Um espaço para respiração. A cultura popular e os modernos cidadãos. In: TEIXEIRA, J. G. L. C.; GARCIA, M. V. C.; GUSMÃO, R. (orgs.). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS-UnB, 2004, p. 117-127.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Tradução de Raul Fiker. São Paulo: Editora Unesp, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Tradução de Plínio Dentzien. Jorge Zahar Editora: Rio de Janeiro, 2002.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S. A., 1989.

GOIÁS. Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento. Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Conjuntura Econômica Goiana**, Goiânia, n. 23, dez. 2012. Disponível em: <https://goias.gov.br/imb/conjuntura-economica-goiana-no-23-dezembro-2012/>. Acesso em: 27 set. 2024.

GOULART, B. Culturas populares, política cultural e o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros - GO (2000-2020). **Vivência: Revista de Antropologia**, [S. l.], v. 1, n. 55, 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/23540>>. Acesso em: 17 out. 2024.

IKEDA, A. T. Culturas populares no presente: fomento, salvaguarda e devoração. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 173–190, 2013. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ea/a/XHHmCvzs6XBM9xJj8tfTWXb/#>>. Acesso em: 03 jul. 2024.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.] Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990. (Coleção Repertórios)

LUZ, Janes Socorro da. Os caminhos do desenvolvimento e modernização do território: a dinâmica territorial e a urbanização em Goiás. In: SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de; MELLO, Marcelo de (orgs.). **Território, cidades e cultura no Cerrado**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2012. p. 13-28.

MARTINES, J. E. K. **Implementação de políticas públicas para a valorização do cerrado no estado de Goiás**. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gestão Pública Municipal), Universidade de Brasília, Brasília - DF, 2019.

MMA- MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. **PPCerrado- Plano de ação para**

prevenção e controle do desmatamento e das queimadas no Cerrado: 2ª fase (2014-2015). Brasília: MMA, 2014.

OLIVEIRA, Ivanilton José de. **Cartografia turística para a fruição do patrimônio natural da Chapada dos Veadeiros (GO).** 2008. Tese (Doutorado em Geografia Humana) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. Disponível em: <<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-30072008-111734/pt-br.php>>. Acesso em: 03 jul. 2024.

OLIVEIRA, Maria de Fatima; VALVA, Milena D'Ayala. Discursos fundadores de Brasília na revista A informação goyana. *In:* SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de (orgs.). **Saberes & Modernização no Cerrado.** Goiânia: Editora PUC Goiás, 2015. p. 151-163.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. A realidade da ficção: representação da cidade de Goiânia nos contos literários e poemas. *In:* SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de (Orgs.). **Goiânia: fundações da modernidade literária no Cerrado.** 1ª ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021. p. 61-83.

OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. **Imagens e mudança cultural em Goiânia.** Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999.

SANTOS, Fernando Martins de. I Congresso Nacional dos Intelectuais: a intelectualidade goiana reage ao isolamento cultural. *In:* SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de (orgs.). **Goiânia: fundações da modernidade literária no Cerrado.** 1ª ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021. p. 43-57.

SARAIVA, R. C. F.; CRUZ, T. C. S. A cultura, os saberes e a tradição no arranjo da economia solidária ambiental. *In:* **SEMINÁRIO DE AGROECOLOGIA DO DISTRITO FEDERAL E ENTORNO**, 4., 2014, Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: <<https://revista.aba-agroecologia.org.br/>>. Acesso em: 28 out. 2024.

SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. Apresentação. *In:* SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de (Orgs.). **Saberes & Modernização no Cerrado.** Goiânia: Editora PUC Goiás, 2015. p. 07-12.

SILVA, Ademir Luiz da. OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. Apresentação - Modernidade urbana e literária em Goiás. *In:* SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de (Orgs.). **Goiânia: fundações da modernidade literária no Cerrado.** 1ª ed. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021. p. 09-016.

SILVA, Josevane Francisco da. **Da Casa de Detenção à Casa da Cultura de Pernambuco (1963 – 1982).** 2020. Recife. Dissertação de Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Católica de Pernambuco.

SEGPLAN IMB, Instituto Mauro Borges de Estatísticas e Estudos Socioeconômicos. **Conjuntura Econômica Goiana, dezembro de 2012, n. 23.** Disponível em:

<http://www.imb.go.gov.br/pub/conj/conj23/artigo03.pdf>>. Acesso em: 27 de setembro de 2022.

SUEZA, Patrícia dos Santos. **Interculturalidade e território: o Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros**. São Paulo: Edição do Autor, 2019.

THIESSE, Anne Marie. No coração do regionalismo: a definição da cultura popular. **Revista Antares** – Letras e Humanidades. Paris, nº 4, p.04-11. Julho/dezembro 2010. Disponível em: <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/563>. Acesso em: 31 jan. 2025.

Formatado: Link da Internet, Fonte: 12 pt

TRAVASSOS, E. Recriações contemporâneas dos folguedos tradicionais: a performance como modo de conhecimento da cultura popular. *In*: TEIXEIRA, J. G. L.C.; GARCIA, M. V. C.; GUSMÃO, R. (orgs.). **Patrimônio imaterial, performance cultural e (re)tradicionalização**. Brasília: ICS-UnB, 2004. p.110-116.

ULRICH, Beck; GIDDENS, Anthony; LASH, Scott. **Modernização Reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna**. São Paulo: Editora Universidade Estadual Paulista, 1997.

VALVA, Milena d'Ayala; COELHO, Gustavo Neiva. Cidades novas à serviço do poder: um estudo comparativo entre Goiânia (Brasil) e Sabáudia (Itália). *In*: SILVA, Ademir Luiz da; OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de; MELO, Marcelo de (orgs.). **Território, cidades e cultura no Cerrado**. Anápolis: Universidade Estadual de Goiás, 2012. p.113-127.

SITES CONSULTADOS

<https://www.gov.br/pt-br>

Formatado: Link da Internet, Fonte: 12 pt

<https://www.cavaleirodejorge.com.br/>

Formatado: Link da Internet, Fonte: 12 pt

https://www.gov.br/saude/pt-br/cns/2016/res0510_07_04_2016

Formatado: Link da Internet, Fonte: 12 pt

<https://portal.al.go.leg.br/>

Formatado: Link da Internet, Fonte: 12 pt

<https://www.gov.br/casacivil/pt-br>

Formatado: Link da Internet, Fonte: 12 pt

Ulrich Beck (1986)
https://pt.wikipedia.org/wiki/Sociedade_de_Risco:_Rumo_a_uma_Outra_Moder_nidade